RAÇA
E
RELIGIÃO

Teologia helenística: seu lugar no pensamento cristão.

THOMAS ALLIN, D.D.,

Autor de

"Universalismo afirmado como a esperança do Evangelho" (7ª Ed.);

"Redenção; sua verdadeira extensão conforme ensinada na Sagrada Escritura."

Via prima salutis
Quod minime reris, Graia pandetur ab urbe.
VIRG. AEN. VI. 97

Londres
JAMES CLARKE & CO., 13 &. 14 FLEET STREET.

1899

CONTEÚDO.

CARTA.

Prezado Sr. Allin,

Li com o maior interesse as previas do seu trabalho sobre o helenismo, que gentilmente me enviou.

Muitos membros convictos da Igreja da Inglaterra desconhecem a existência, desde os primeiros tempos, de um tipo de cristianismo que concebe Deus como a fonte-mãe responsável, imanente no universo; e que considera a Encarnação não como um expediente para remediar um plano estragado, mas como o clímax de

um propósito eterno "antes da fundação do mundo".

Considero que o estudo cuidadoso, a exposição vigorosa, o pensamento sério, que caracterizam seu volume, são calculados para trazer convicção e consolo aos anglicanos desse tipo, e constituem uma contribuição valiosa para aquela reação saudável dos limites estreitos da teologia agostiniana ao profundidade e otimismo dos pensamentos nobres de Clemente e Atanásio, que é cada vez mais perceptível no pensamento religioso da época.

Desejo ao seu volume, no mais alto sentido, muito sucesso.

Sinceramente seu,

BASIL WlLBERFORCE.
20, Dean's Yard, Westminster Abbey.
Outubro de 1899.

PREFÁCIO.

É do afortunado destino especial do helenismo que ele atrai ao mesmo tempo o liberal e o conservador; este último porque é a declaração mais antiga e venerável do ensino cristão que possuímos; o primeiro, por causa de sua notável antecipação de muito do que parece moderno no pensamento religioso de hoje.

Dificilmente passa um ano sem a publicação de algum livro que surpreenda o conservador por sua

aparente novidade; e, no entanto, a doutrina aparentemente estranha é freqüentemente uma que, para os primeiros helenistas, era um lugar-comum. O que parece revolucionário é, na verdade, pouco mais do que uma reversão aos modelos primitivos.

* * * *

No pensamento do Helenismo, uma profunda unidade está por trás de todos os fenômenos e trabalha de forma constante e segura para a eliminação de toda discórdia e do mal. Este propósito, a saber, "A Restauração de Todas as Coisas", é claramente revelado nas Sagradas Escrituras; esta Esperança ou Certeza maior é de fato "As boas novas de grande alegria" que o Evangelho promete.

O agente neste processo é o Logos Imanente manifestado na carne, feito homem para nós e para nossa salvação. Mas como o universo é realmente UM, a obra do Logos não pode ser confinada a esta terra; estende-se a todo o mundo espiritual e é eficaz onde quer que a criatura *lógica*, ou seja, racional, peca e sofre.

A Encarnação é, portanto, a expressão de um propósito universal de unificação, educação, restauração.

Esse plano pode ser traçado em todos os tratos de Deus conosco. Sua ira e vingança são realmente a expressão do amor eterno. Fogo, penalidade e julgamento são apenas momentos no grande processo *redentor*. A ressurreição é seu clímax.

* * * *

No vocabulário helenístico, faltam frases ocidentais como imputação, satisfação, substituição, provação; o pecado, por mais grave que seja, é sempre curável, pois reside na vontade, e não penetra na natureza do homem.

Embora os laços da hereditariedade sejam reconhecidos, a inocência infantil é mantida firmemente. A Igreja, se não tecnicamente, é ainda potencial e vitalmente sinônimo de toda a família humana.

O cru absolutismo que sempre caracterizou o ideal latino de Deus e que se reflete nas reivindicações do Papa, como vice-gerente de Deus, também está ausente da teologia helenística.

Isso realmente reconhece a soberania Divina, mas é a supremacia de um Criador e Pai razoável e amoroso.

Ao homem é atribuído um interesse especial e dignidade, marcado como ele é indelevelmente com a imagem Divina, um filho do Pai de todos, um aluno a quem o Tutor Celestial está educando. Mas o homem é mais do que isso. Ele é o microcosmo ou espelho do universo, representante e vice-gerente de Deus, um elo comum e centro que une o universo espiritual e o sensível.

* * * *

Essas doutrinas contrastam profundamente com nosso credo ocidental tradicional. Elas exigem uma

nova filosofia (que é ainda mais antiga) de Deus e do homem. Eles envolvem um novo diagnóstico de pecado e uma nova estimativa de redenção.

Não pretendo, nem por um momento, que o esboço acima contenha algo mais do que o esboço mais básico do ponto de vista helenístico desenhado de forma ampla, talvez até grosseira. Espero que possa ser suficiente para induzir alguns estudantes a reconsiderar sua adesão àquela teologia ainda amplamente corrente entre nós, que, historicamente vista, é pouco melhor do que um cartaginismo destruído, um agostinianismo amplamente desintegrado e disfarçado com uma variedade heterogênea de remendos, que pode, se possível, ter alguma semelhança com aquelas "BOAS NOVAS" nas quais o latinismo realmente nunca acreditou.

Os teólogos ocidentais professaram, e sem dúvida sinceramente, ensinar o Evangelho, mas sua mensagem genuína foi a libertação de apenas uma parte da família humana, e um dualismo final onde o pecado, a dor e a desgraça triunfam para sempre.

INTRODUÇÃO.

Na ciência da Astronomia, a pesquisa freqüentemente mostra que o que para o observador comum parece uma única estrela é na verdade um duplo e pode ser dividido em dois corpos distintos, girando cada um em uma órbita separada.

Em nosso credo tradicional, um fenômeno

semelhante se apresenta. A teologia do início da era patrística, geralmente considerada única e uniforme, pode, por meio de um exame dos próprios escritores, ser facilmente resolvida em dois sistemas distintos, cujas divergências não são apenas reais, mas frequentemente fundamentais.

Mostrar a realidade e a importância da distinção entre *latinismo* e *helenismo*, rastrear essa divergência até suas raízes nas tendências étnicas e mostrar sua influência vital nos problemas religiosos da época, é o objetivo dos capítulos seguintes.

Novos pontos de interesse são descobertos à medida que prosseguimos em nossa investigação do pensamento cristão primitivo. [p.004]

Percebemos que a conhecida expressão "os Pais" transmite uma real, embora inconsciente "*suppressio veri*" (latim: “supressão da verdade”).

As dificuldades morais que a cada ano tornam mais difícil a aceitação de muitas doutrinas tradicionais são vistas como pertencentes à teologia latina.

Eles podem, na grande maioria dos casos, ser rastreados até suas origens nos instintos, tendências e modos de pensamento latinos que parecem inerentes ao tipo e são muito mais antigos do que o cristianismo.

Por outro lado, uma descoberta bem-vinda é feita a saber, que boa parte do que se supõe ser moderno no pensamento religioso é realmente o mais antigo e venerável de todos, e representa, pelo menos em seu princípio, a convicção primária de pensadores que estão incomensuravelmente

acima dos latinos, com muito poucas exceções, nos primeiros quatro séculos.

Dois fatos devem ser observados mais adiante.

Esta teologia helenística não é produto de debate; pertence à era pré-controvérsia, é a expressão espontânea do pensamento cristão mais antigo; seu *espírito* por muito tempo não foi afetado pelas muitas lutas de igrejas e escolas rivais no campo de batalha dos dogmas trinitários (e coisas semelhantes). As razões de seu declínio e queda tentei explicar no último capítulo deste livro. [p.005]

Novamente, os helenistas desfrutaram da vantagem única de ler o Novo Testamento no original como sua língua nativa - um fato mais significativo quando comparamos seu otimismo enérgico e de longo alcance com os pessimistas latinos; especialmente significativo quando *ainda ouvimos a confiantemente repetida afirmação* de que, deixe os Sentimentalistas e Racionalistas argumentarem à vontade, mas pelo menos uma coisa permanece certa (eles dizem): o Novo Testamento não oferece nenhuma esperança de restauração futura para aqueles que morreram em pecado.

Quanto à questão, por mais importante que seja, se o Universalismo é verdadeiro ou falso, não tento entrar nestas páginas; essa tarefa foi ensaiada em outro volume, (*) ao qual os interessados podem ser encaminhados.

* *Universalismo Afirmado* como a esperança do Evangelho. (Sexta edição disponível em PDF em port.)

Mas não peço desculpas por uma alusão passageira a esta vasta questão, pois é impossível considerar seriamente a teologia helenística primitiva sem reconhecer em toda parte o espírito e freqüentemente a letra da esperança maior (*universalismo*); por mais disposto ou relutante que o estudante possa estar, ele não tem escolha aqui se o seu trabalho deve ter algum valor. Na verdade, a relutância de tantos teólogos em admitir a existência de ideais teológicos primitivos tão amplamente diferentes de nossa ortodoxia atual é mais uma [p.006] razão que torna necessária a publicação de obras como o presente modesto ensaio.

E aqui três características sugestivas do helenismo inicial podem ser observadas.

Em primeiro lugar, por mais amplamente que suas várias escolas possam ter divergido em pontos menores, todas são amplamente *otimistas*.

Alexandria e Antioquia têm suas rivalidades, seus ciúmes, suas teorias contrastantes de exegese; mas Orígenes não é um universalista mais decidido do que o distinto (e devo acrescentar, injustamente depreciado) Teodoro de Mopsuéstia, chefe da escola de Antioquia. A esses pensadores originais são devidos os dois grandes sistemas de teologia que o Helenismo legou à Igreja, que por caminhos divergentes alcançam a mesma meta e ecoam com confiança as mesmas visões quanto ao destino humano, quanto à extensão e ao sucesso universal finalmente do plano divino de redenção. O notável grupo de Pais da Capadócia (região no centro da

“Asia menor”, hoje Turquia), todos eles, inclino-me a pensar que certamente a maioria deles aceita a mesma doutrina.

Isso nos leva ao final do grande século IV, o período de florescimento da teologia primitiva, que é permeado por essas doutrinas. Como observa Doederlin (*Instit. Theol.*): "Em proporção à eminência de qualquer professor cristão estava a convicção com a qual ele afirmou o término das penalidades em algum momento no futuro." [p.007] Se o espaço me permitisse, poderia acrescentar não poucos testemunhos semelhantes para a difusão da esperança maior nesta data.

E, em segundo lugar, é justo assinalar que tais pontos de vista são, via de regra, enunciados sem medo ou reticência, sem a menor noção de qualquer enfermidade, mas sim como parte da fé. Assim, Gregório de Nissa os proclama em voz alta, não em um tratado, mas em muitos; e Gregório morreu não só no perfume da santidade, mas provavelmente como o principal pensador e teólogo da Igreja de sua época.

O terceiro ponto que merece atenção é a extrema amplitude de visão de muitos dos primeiros helenistas. Eles não são apenas universalistas, como usamos o termo, mas estendem a área de restauração tão amplamente que ela finalmente cobre todo o universo e abrange todos os seres espirituais – *todos que compartilham a lógica*, ou seja, a natureza racional do Logos.

Por imperfeitas que sejam essas páginas (como eu sei muito bem), sua imperfeição é realçada porque, (devido a causas que são privadas e

pessoais), não fui capaz de imprimir as evidências que as obras dos vários pais gregos e latinos oferecem abundantemente, como prova das proposições apresentadas. Esses capítulos formam, em uma palavra, mas uma parte de um todo maior, (*) como projetado, [p.008] lidando com as várias escolas helenísticas em detalhes e com muitos latinos, especialmente Agostinho, e ilustrado por amplas citações.

* ver “Universalismo Afirmado” e “Revolução Agostiniana” deste mesmo autor.

* * * *

Pode-se admitir que, com certas exceções, tem havido uma relutância geral em reconhecer a divergência entre a teologia latina e a helenística. Para esta falha existem duas razões, uma geral e outra especial.

1ª. A geral é que a teologia tem sido uma ciência essencialmente conservadora; seu ritmo favorito tem sido mover-se em "*petite vitesse*" (n.t. fr. “baixa velocidade”). Os teólogos não estão dispostos a levantar questões problemáticas pelas quais a dúvida possa recair sobre as tradições que se tornaram veneráveis e aceitas com unanimidade prática.

Assim, os olhos foram judiciosamente fechados e os fatos, meio conscientemente, meio inconscientemente, minimizados ou evitados ou "*adaptados*".

2ª. Outra razão (a especial) reside no fato de que

todos nós somos latinos; vemos com olhos latinos e ouvimos com ouvidos latinos. A versão africana ou agostiniana do Evangelho chega até nós com uma aparência familiar. Todos nós, *ocidentais*, por que deveríamos destronar uma fórmula ocidental?

Como o poeta latino canta:

Nescio qua natale solum dulcedine cunctos
Ducit, et immemores non sinit esse sui.

n.t. "Nossa terra natal nos encanta com uma doçura inexprimível, e nunca nos permite esquecer que pertencemos a ela." (Ovid)

Recusamo-nos a ouvir o encantador, "o encanto [p.009] nunca se assenta muito sabiamente", se não fala em uma língua ocidental.

Imersos em nossas tradições ocidentais, continuamos provincianos em vez de católicos. Somos latinos mesmo em nossa revolta contra Roma. (*) Os modos latinos de pensamento dominam até mesmo credos como o luteranismo e o calvinismo.

Mesmo alguém como Byron, fora dos padrões cristãos, sente o feitiço do latim e chora -

Ó Roma, meu país! Cidade da minha alma!

(*) A distinção de Dean Milman entre o cristianismo teutônico e o latino é superficial e não essencialmente verdadeira.

* * * *

Envolvidos desde a infância em formas latinas, persistimos em vestir o passado no guarda-roupa de hoje. Se um pintor de uma aldeia retrata o Filho Pródigo nas vestes do jovem escudeiro, sorrimos e fazemos quase o mesmo.

O artista rústico está apenas transferindo seu entorno para o Passado. Ele transfere para os tempos de Jesus Cristo os trajes de seus contemporâneos. Estamos fazendo, em princípio, a mesma coisa quando atribuímos aos homens de Alexandria ou de Antioquia o guarda-roupa mental de Cartago ou de Roma que chegou até nós, quando persistimos em vestir os helenistas primitivos com as vestimentas espirituais do século dezenove.

* * * *

Mais uma vez, os limites do espaço obrigam-me a [p.010] ignorar muitos pontos, mas para evitar equívocos sobre o significado do helenismo, algumas breves notas são necessárias de duas palavras que resumem aproximadamente, mas efetivamente duas grandes e ainda vivas controvérsias. Estas são "Racionalismo" e "Liberalismo". Ambos adquiriram com o passar do tempo, especialmente as conotações indesejáveis anteriores. E ainda, para dizer, ambos são, em um sentido muito real, marcas do Helenismo. O helenista prestou fidelidade à Razão Eterna (isto é,

Logos), que se encarnou no homem Jesus.

Nesse sentido, ele era um *racionalista* exatamente porque era um cristão. A razão era para ele algo divino, o juiz e árbitro das controvérsias. Homens como Platão foram divinamente guiados e inspirados.

Passando agora ao *liberalismo*, aqui a ironia do tempo está completa. Para homens como Newman, o "liberalismo" parecia um instrumento de Satanás. Contra o "liberalismo" foram reunidas as forças do movimento Tractarian.

E ainda é certo historicamente que o Evangelho primeiro cresceu em uma teologia em Alexandria sob os auspícios que deve ser chamada de "liberal."

Certo é que o "liberalismo" guiou o pensamento desta mais primitiva e famosa das escolas cristãs. [p.011]

Não menos certo é que o maior dos primeiros "liberais" cristãos, Orígenes, marca uma época ao mesmo tempo na crítica textual, na exegese bíblica, na cristologia e na apologética.

Além disso, nessa mesma tendência geral "liberal", Alexandria está lado a lado com a Capadócia, com Cesaréia, com Antioquia, com não poucos pensadores helenísticos dispersos (que não pertencem a nenhuma escola especial).

* * * *

Quanto à originalidade, pouco reivindico nestas páginas (emprestei bastante), conteúdo útil, se me permite dizer; o conteúdo é reunido de todas as fontes disponíveis, fatos e ilustrações do latinismo e

do helenismo. Pode ser um papel humilde agrupar e classificar o que é mais ou menos familiar para os estudantes de história (*). Mas o significado mesmo de coisas familiares é muitas vezes esquecido, e o peso e a importância dos fatos acumulados passam despercebidos, especialmente quando, como aqui, não poucas influências sutis estão constantemente trabalhando para impedir que conclusões indesejáveis sejam tiradas e para minimizar as inferências inevitáveis.

(*) No entanto, mesmo o Sr. Lecky parece ignorar as doutrinas da teologia helenística. [p.012]

* * * *

Talvez a conexão entre tendências raciais persistentes e subsequentes desenvolvimentos teológicos são indicados mais claramente nestas páginas do que em outros volumes mais ambiciosos. Se eu não consegui aqui, então é muito desejável que uma caneta mais competente ensaie a tarefa, deveria rastrear a conexão mais habilmente, deve ordenar os fatos com mais habilidade, e nos capacitar em muitas doutrinas tradicionais ou xibolete valiosos (*nt) para detectar alguma tendência étnica e ver o espírito da antiga Cartago ou de Roma em vez de Jesus Cristo.

*nt - Xibolete: identificador de um grupo de pessoas pelo sotaque ou costume típico (do hebraico "שבלת" (H7641), ver Juízes 12:5-6,).

* * * *

Sem dúvida, há o perigo, que tentei evitar, de cair em uma espécie de charlatanismo teológico de exaltar o helenismo à categoria de panacéia espiritual e tratar os adeptos do latinismo como ingênuos ou coisa pior.

Para as falhas do helenismo não precisamos ser cegos, nem para os méritos de seu rival. No entanto, para muitos estudantes desanimados, uma Terra Prometida parece se abrir nos campos do Helenismo.

Aqui há, ou parece haver, "um éter mais amplo", "um ar divino". Aqui estão grandes princípios afirmados aos quais o latinismo se opôs com uma negativa constante, e também grandes ideais defendidos. Aqui também pode ser encontrado o germe, o espírito, se não a letra, de muito do que há de melhor no pensamento teológico moderno. Aqui, também, está a meta indicada para a qual esse pensamento está se direcionando. [p.013]

Para encerrar, há ainda um ponto de algum interesse que, devo comentar. Aprendemos à medida que discutimos o latinismo e o helenismo que não é no credo formal (símbolo) que está o mais vital de todos os problemas espirituais. A bacia hidrográfica está em outro lugar; a "o divisor de águas, a grande divisão", se me permitem emprestar uma frase conveniente, não gira em torno dessas questões. Latinistas e helenistas aceitaram o credo (símbolo) Niceno como oficial e praticamente aderiram aos mesmos padrões. E, no entanto, quem medirá facilmente a distância de

forma ética e espiritualmente entre Alexandria e Cartago, entre um Orígenes e um Agostinho?

Não que eu compartilhe a depreciação comum (e posso acrescentar superficial?) ao dogma. Pode ser plausível, mas é apenas isso; pois uma fé mundial como o Cristianismo deve ter doutrinas definidas, e estas, por sua vez, devem ser capazes de uma declaração mais ou menos clara. Jesus Cristo deixou para trás um exército, não uma turba. Mas soldados sem autoridade, disciplina, lemas, ordens de marcha seriam um bando, não um exército.

No entanto, como o precedente é verdadeiro, as questões espirituais mais profundas são aquelas que nenhum credo formula, que estão além, talvez, acima da região do dogma, além também do teste luterano do *cadentis* ou *stantis ecclesiae*, que o intelecto não pode resolver, nem a alta critica iluminar. [p.014]

Por mais importante que seja aprender tudo o que pode ser descoberto sobre a natureza e personalidade de Deus, e sobre o modo de sua relação com o homem que chamamos de Encarnação, é mais importante compreender corretamente Seu caráter, para ser persuadido, não tanto que Ele seja Todo-Poderoso, mas que Ele é BOM como os homens chamam bondade. Os teólogos têm sido tão frequentemente "cegos para essas questões primárias que não deveriamos nos surpreender com o desprezo derramado sobre a própria teologia (por mais ilógico que seja) (*) em uma época como a nossa dominada cada vez mais por ideais morais.

Uma palavra final para os críticos, e encerro a

introdução. Hoje em dia, muitos revisores dissecam um livro com um microscópio nas mãos, um patologista literário, ansioso para detectar um lapso, um erro de data, nome ou lugar; nunca tão feliz como quando pode apontar uma falha, e assim considerar o autor como incapaz e indigno de crédito.

Críticas acolho com satisfação, mas não desse tipo. Não foi assim que aprendi que deve ser o trabalho do verdadeiro crítico.

(*) Uma objeção frequente, mas acho que injustamente, feita, pode ser notada de passagem. É a favorita dos escritores do tipo "superior" e consiste em alusões meio desdenhosas, meio divertidas, a um sentimentalismo corrente que se recusa a acreditar nos fatos severos do pecado e da retribuição. O opositor esquece que essa recusa em acreditar não se deve ao liberalismo moderno, mas ao exagero tradicional. *Está na conta dos tradicionalistas*, que amontoaram agonia sobre agonia até que a reação inevitável viesse. Mas em retribuição severa e inevitável, todos os grandes helenistas acreditam. [p.015]

Que os pontos importantes sejam declarados de maneira justa; que o essencial seja separado do trivial; que um espírito de equidade prevaleça em todos os lugares. Em tais condições, a questão pode ser examinada com justiça.

Dizer que este pequeno volume tem muitos defeitos é desnecessário, é como pregar para alguém já convertido. Em um campo tão amplo

como aquele que discute, podem ocorrer erros. E, no entanto, por mais aguçado que seja meu senso de defeitos, estou pronto para ser julgado por uma crítica verdadeira e justa.

HELENISMO.

O helenismo desempenhou um papel tão importante no campo da teologia que devo dedicar algum espaço a um relato da origem e características da cultura grega.

Dez séculos ou mais * antes de Cristo, mas depois dos fenícios, encontramos gregos negociando, guerreando, colonizando entre as ilhas do Egeu e as costas adjacentes.

Nas costas mediterrâneas da França e da Espanha, também havia uma pequena quantidade de suas colônias, como nas costas e ilhas da Dalmácia (área hoje da costa da Croácia e Bósnia); provavelmente até no Mar Negro.

Mais influente do que a tendência colonizadora na difusão do helenismo foi a esplêndida carreira de Alexandre.

Suas conquistas e as numerosas cidades, não menos de setenta que ele fundou, colocaram o helenismo em contato próximo com a civilização oriental e tornaram-no uma potência praticamente mundial.

* Alguns escritores adotam uma data anterior. [p.020]

O empreendimento do macedônio e seus sucessores havia fermentado mais ou menos completamente com o helenismo, Pártia, Pérsia, Assíria, Babilônia, Mesopotâmia, Síria, Cilícia, Lídia, Capadócia, Ponto, Bitínia, Palestina etc. A África também não foi esquecida; Egito foi helenizado; Alexandria sucedeu a Atenas como a metrópole intelectual do mundo. A destruição do império de Alexandre, que se seguiu à sua morte, foi como o rompimento da caixa que permite que o perfume e o unguento escapem. O helenismo se tornou ainda mais cosmopolita.

Tocou e revolucionou o pensamento judaico; em sua língua, o grego, o cristianismo falou pela primeira vez ao mundo.

Quando a plenitude dos tempos chegou e o cristianismo nasceu, ele descobriu que o helenismo era a força espiritual e intelectual predominante em um império dentro do Império Romano; e encontrou o grego, não apenas como língua intelectual, mas como uma espécie de *língua franca*, corrente em toda parte.

Nós, via de regra, aceitamos o fato, mas deixamos de ver seu significado, que o Cristianismo, semita em sua raiz, não iria empregar uma linguagem semítica; que Jesus Cristo, da semente de Davi, iria falar grego; que todos os Evangelhos provavelmente, e todas as Epístolas certamente, foram escritos em grego; que um hebreu dos hebreus como São Paulo e um cidadão romano não deixaria [p.021] para a Igreja nem uma linha em hebraico ou em latim. Ambos foram rejeitados.

As primeiras viagens evangelísticas registradas seguiram principalmente o curso da cultura grega. O primeiro e maior dos missionários cristãos foi de preferência para cidades que eram centros da civilização grega: Antioquia, Éfeso, Corinto, etc. O Cristianismo nasceu em um império totalmente romano, com leis romanas, instituições romanas, supremacia romana, estradas romanas, a *pax romana*, mas a língua romana foi deliberadamente ignorada. O significado disso repousa no fato de que a linguagem é sacramental, é o sinal visível de uma força espiritual interior. Quando o grego se tornou a língua oficial do Evangelho, significa muito mais do que parece à primeira vista. "Embora o cristianismo", diz Heine, "com uma verdadeira paciência cristã se atormentasse por mais de mil anos para espiritualizar a língua latina, seus esforços permaneceram infrutíferos. É uma linguagem de comando para generais, uma linguagem de decreto para administradores, uma linguagem do advogado para usurários, um discurso lapidar para o povo romano duro como pedra."

Não é que os primeiros teólogos helenísticos rejeitam os distintos dogmas latinos; eles fazem melhor, eles os ignoram. O silêncio sobre esses pontos é mais eloqüente do que qualquer renúncia. [p.022]

O peso de tais fatos só é devidamente estimado se nos lembrarmos da posição de comando ocupada pela teologia helenística nos primeiros séculos. Até Leão, nenhum bispo romano havia feito qualquer contribuição importante para a teologia.

Eles eram simplesmente ninguéns. A principal corrente da teologia primitiva, fora da escola do Norte da África, fluiu por quase quatrocentos anos nos canais helenísticos e foi obra de mentes helenísticas. A vasta questão trinitária foi resolvida pelo Oriente que a levantou. As grandes controvérsias cristológicas eram todas orientais, os primeiros concílios foram orientais, as maiores escolas de teologia eram orientais; dos cinco Patriarcados, quatro são orientais; de cerca de 1.100 bispos presentes nos primeiros seis Conselhos Gerais, *todos*, exceto uma pequena fração, eram orientais.

Gregos, não latinistas, fundaram a homilia, fundaram a exegese da Escritura, fundaram a história eclesiástica, fundaram a crítica textual. O Antigo Testamento nunca falou ao mundo até que foi traduzido para o grego.

Estamos a falar palavras vindas do grego quando dizemos Bíblia, ou Jesus, ou Cristo; quando falamos de Igreja, de Litania (*nt) , de Liturgia, de Clero, de Leigos, de Bispo, Sacerdote ou Diácono; quando mencionamos Monge, ou Eremita, ou Mosteiro, ou Batismo, ou Eucaristia, ou Hino, ou Símbolo. O Latim, [p.023] a princípio, nem mesmo tinha um termo para expressar o grego σωτήρ (G4990), *Salvador*.

*nt - prece intercessória, súplica, ladainha.

E quando uma época posterior, por uma questão de simetria, colocou quatro doutores latinistas lado a lado com quatro helenistas, a tentativa apenas

revelou a esterilidade da Igreja ocidental teologicamente.

Dos quatro doutores latinistas, o único pensador original foi Agostinho. Jerônimo se distingue como o fundador da Latinidade Eclesiástica, o maior crítico textual e tradutor da Igreja Primitiva. Mas, quando está em sua melhor forma, ele é provavelmente apenas o maior mestre de estilo entre os Pais latinistas.

Sua teologia foi emprestada de Orígenes e dos helenistas; e a provocação que ele lançou a Ambrósio, de que ele se pavoneou em plumagem emprestada, vai muito mais fundo do que Jerônimo pretendia. O escárneo volta sobre o escarnecedor.

No entanto, se St. Ambrósio não é um grande teólogo, ele é um grande governante; um estadista, senão um pensador; um grande personagem, se não um grande intelecto.

Gregório, o último e o menor dos quatro, deve sua posição como Doutor não a quaisquer poderes do pensamento original, do qual ele tinha pouco, mas aos seus serviços na fundação do que pode ser denominado medievalismo, por exemplo, no desenvolvimento do sistema purgatorial, culto às relíquias , ritual, etc. Como teólogo, ele é nitidamente inferior ao Papa Leão e a Hilário; mas a Igreja Ocidental, [p.024] com um instinto bastante compreensível, recompensou seus serviços com honras mais amplas do que as deles.

Se, então, alguém tivesse no terceiro ou quarto século cristão pesquisado o mundo romano, ele teria visto no Ocidente praticamente uma única escola latina, centrada em Cartago, estendendo-se

pelo Norte da África, o Leste da Espanha e partes do península italiana; ao mesmo tempo em que se confrontava com isso estava uma vasta organização helenística composta por várias escolas, (*) espalhando-se não só por toda a Igreja Oriental, com seus muitos centros de ensino, mas formando também o elemento preponderante na Itália e na Gália, pelo menos nos maiores professores.

Das escolas helenísticas, as mais importantes e originais são as de Antioquia, de Alexandria e da Capadócia.

(*) Para evitar mal-entendidos, meus leitores devem lembrar que esta palavra "escola" tem dois sentidos, no sentido mais amplo que representa um certo tipo de pensamento, um conjunto de opiniões relacionadas; no sentido mais restrito, denota um corpo docente, uma quase-universidade. Às vezes, como no caso de Alexandria, ambos os sentidos são aplicáveis ao mesmo lugar; às vezes apenas um; o último é o uso mais frequente. Assim, por escola da Capadócia entende-se aquele tipo dogmático que caracteriza os três grandes mestres da Capadócia (os dois Gregórios e Basílio); pela escola de Cartago entende-se seu tipo especial de doutrina. Mais uma vez, notemos que, via de regra, *nestas páginas oriental não significa oriental, mas sim helenístico*, ou seja, é equivalente ao tipo de pensamento grego que passou para o Oriente por colonização ou por conquista. [p.025]

A escola e a biblioteca fundadas por Orígenes na

Cesaréia palestina produziram poucos nomes dignos de nota e não passam de um eco de Alexandria. Além dessas escolas, havia muitos grupos mais ou menos coerentes e muitos professores isolados, todos sob influências helenísticas e conformados com o mesmo tipo geral.

Na Igreja Oriental, ao contrário da Ocidental, são as novas cidades, as colônias que se distinguem teologicamente. Não é Atenas, nem Jerusalém, nem Damasco, mas Alexandria, Antioquia, Constantinopla e Cesaréia, que estão na linha de frente teologicamente.

O que é então o helenismo? Não é, eu respondo, um bizantinismo degenerado, como prevaleceu amplamente no Oriente desde cerca do século VI; nem é o ensino especial de qualquer escola (como muitos acreditam hoje): é um tipo de pensamento comum a todos eles durante os quatro primeiros séculos. Não é uma mera filosofia, é um certo ethos, que tem as suas raízes no passado e aí está ancorado, que reflete e sintetiza o carácter nacional e os instintos do povo.

A separação final entre Oriente e Ocidente foi apenas o alargamento da "pequena fenda no alaúde" que sempre existiu.

(*nt) alaúde: instrumento musical de cordas (meio parecido com o bandolim).

Portanto, se quisermos entender o helenismo em seus aspectos cristãos, devemos olhar para o passado. Nenhuma linha arbitrária separa o

helenista de Alexandria ou da Capadócia de seu passado. [p.026]

Devemos olhar para os antecedentes histórica, psicológica e até fisicamente.

Para uma cultura única como a dos gregos, a Natureza concedeu uma casa única; A Grécia encontra-se no encontro dos caminhos. Mais do que uma ilha, era uma ponte que liga o Oriente ao Ocidente, seu lugar é aquele extremo do Mediterrâneo onde a Ásia e a Europa se tocam.

A natureza, portanto, parece marcar este povo como ao mesmo tempo o herdeiro do Velho Mundo e o intérprete de seu pensamento para as novas culturas.

O Mediterrâneo em sua extremidade oriental é um centro natural da civilização. (*)

(*) Os eixos da civilização, diz E. Reclus, na extremidade ocidental da Ásia convergem para a bacia do Mediterrâneo Helênico. A longa fissura do Mar Vermelho aponta diretamente para o Mediterrâneo Oriental; o vale sinuoso do Nilo abre na mesma direção; o Golfo Pérsico continuado a noroeste "pelo Eufrates corre em direção ao ângulo do Mediterrâneo onde fica Chipre; mais ao norte todos os rios, todas as estradas de comércio que descem da Ásia Menor, do continente da Ásia, da Sármata planícies do Mar Negro, tornam-se afluentes das águas gregas através do Bósforo e do Helesponto. *Contemporary Review, outubro de 1894*.

Além da posição da Grécia, sua configuração também é única. Talvez nenhuma outra terra tenha

uma linha de costa tão vasta, tenha costas tão salpicadas e cheias de baías, [p.027] tenha mares tão cobertos por ilhas aglomeradas.

As cordilheiras ocupam quase noventa por cento da superfície do país, garantindo o isolamento de cada tribo e, ao dificultar a comunicação, fomentando o individualismo e o amor à liberdade.

Vales estreitos ou encostas elevadas, com aqui e ali uma planície fértil, são tudo o que resta para o cultivo. A Grécia é, portanto, uma espécie de Veneza e Suíça em uma. Como o primeiro, seu império é colonial e venceu nos mares; como o último, é realmente um agregado de cantões, e não de Estados. Em seus dias mais prósperos, Atenas teria pouco mais de 25.000 cidadãos plenos.

Ática é pouco mais do que uma saliência estreita entre o oceano e as montanhas, e está "um pé no mar e outro na terra". Na verdade, pouco errariamos ao chamar a própria Grécia de uma ilha, um agrupamento de picos de montanhas, com vales intermediários e pequenas planícies surgindo das profundezas e perfuradas por toda parte com enseadas.

No clima, há poucos extremos, tudo aponta para a moderação e tende para a alegria e a luz; nesta terra favorecida, os fenômenos naturais que apavoram os sentidos são raros ou ausentes.

Águas suaves e mares ensolarados, com paraísos abundantes, tornavam fácil e atraente aquela vida marítima que a seca e o solo escasso tornou uma necessidade para os gregos. [p.028]

À sua porta havia ilhotas aglomeradas; enquanto além destes, três continentes convidavam à

colonização ou conquista. Com a riqueza assim facilmente conquistada, vem o lazer, e com o lazer uma cultura que, sob tais circunstâncias, tende a ser eclética, em vez de restrita e provinciana.

Assim, também, os gregos se tornaram errantes, e talvez para nenhum povo antigo seja mais difícil atribuir limites precisos do que para eles. Hellas é um povo e não apenas um país.

Assim, logo de início, o contraste é marcado entre o heleno e o semita e o romano, ao mesmo tempo física, política e, devo acrescentar, religiosamente.

"Roma, localizada no meio de um círculo de vulcões extintos, novamente cercada pelo círculo maior dos Apeninos, primeiro se consolidou dentro desta dupla muralha e, em seguida, estendeu seu domínio sobre o Mediterrâneo." (*)

Nenhuma baía ensolarada convidava seus marinheiros para o comércio, poucas ilhotas vizinhas tentaram sua marinha para a conquista.

A centralização é o fato que mais profundamente influenciou no início da história romana, tendência oposta à do isolacionismo (descentralizante) do início do helenismo. Esses personagens têm sido persistentes até hoje; a Igreja Grega não tem centro, enquanto a Latina é duplamente centrada em um lugar e em um homem. [p.029]

* E. Reclus.

Este "separatismo" do heleno era ao mesmo tempo sua força e sua fraqueza sua força, pois assim o helenismo se tornou um fermento operando em toda parte; sua fraqueza, pois politicamente o

helenismo era instável e evanescente. “O heleno era *centrífugo*, enquanto o romano era *centrípeto*. Para os gregos, cada cidade era um Estado e cada Estado uma cidade, fato que ainda sobrevive em nossa palavra "*política*" (de *polis*, cidade). Brilhante, plástico, aventureiro, os gregos queriam coerência. (*) O vasto império de Alexandre desmoronou-se tão rapidamente quanto se ergueu. Da mesma forma, teologicamente o helenismo teve vida curta, seu estágio organizado foi breve; o pensamento permanece, o fermento permanece, o edifício pereceu; a teologia de Alexandria, de Antioquia, da Capadócia foi evanescente.

O romano, ao contrário do heleno, desde o início estava procurando fundir-se em um todo e subjugar todas as tribos vizinhas; enquanto na península grega morava um agregado de muitas comunidades independentes, cada uma preservando suas próprias leis, costumes, instituições, unidas por um nome comum, uma língua comum e praticamente uma fé comum. O empate no primeiro caso (o de Roma) era em grande parte material, aqui era espiritual.

(*) As potências marítimas parecem não ter estabilidade. A Grécia caiu, o mesmo aconteceu com Cartago, assim como em dias posteriores Veneza, Gênova e Pisa; uma exceção notável é a Inglaterra até agora! [p.030]

O vínculo Anfictiônico envolveu todos os helenos; nos Jogos Olímpicos e deidades olímpicas, especialmente no Oráculo Délfico, eles tinham um centro comum.

A união grega era literária, artística, espiritual em uma palavra; uma linguagem comum e uma fé comum os uniam, deixando cada Estado ao seu livre desenvolvimento. Em toda a Grécia nunca houve nada parecido com o centro definido que Roma, a Cidade Eterna, fornecia aos latinos e ainda fornece.

Aqui, o heleno se distingue, não só do latino, mas também do oriental.

Enquanto o budismo tem um grande fundador e o hebraísmo um grande profeta, a fé persa e a chinesa um grande mestre, o heleno tinha muitos homens sábios, que com igual fama ensinavam em centros muito distantes.

Quase todas as escolas de filosofia pré-socráticas famosas eram coloniais. Em Mileto, em Éfeso, em Abdera, em Agrigentum, Clazonience, Samos, Elea, foram centros de pesquisa ou berço de grandes pensadores séculos antes do florescimento da sabedoria ateniense.

É interessante traçar a mesma tendência na teologia helenística, que tinha [p.031] não um, mas muitos centros: as várias escolas de teologia são a contrapartida cristã dos primeiros centros filosóficos.

A atitude da mente helenística em relação à Lei e à Unidade merece nossa consideração. Eles careciam do instinto jurídico dos romanos, mas a seus pensadores se deve a ideia de que a Natureza funciona segundo regras fixas de que o reino da lei está em toda parte.

Especulativamente, eles eram mais fortes e profundos; na prática, eles eram mais fracos do que

os latinos em sua concepção da lei e em seu poder de aplicá-la na vida diária.

E o mesmo acontece com a questão afim da Unidade. Que uma unidade espiritual estava por trás e dirigia todos os fenômenos foi profundamente sentido pelos helenos. A sua linguagem dá testemunho disso; isso ela expressou em um termo, tão adequado que passou inalterado para muitas línguas. Para os gregos, o "Kosmos" é o sinal visível de uma ordem e unidade invisíveis. É o molde em que o pensamento divino fluiu.

Mas seu individualismo os levou a desconsiderar a unidade externa, ao contrário dos romanos, que quase divinizaram o Estado, uma distinção que passou para a teologia e a afetou de maneira vital. Quando um dos primeiros Tractarians, o Sr. Palmer, apelou para o Leste, ele não conseguiu encontrar nenhuma contapartida à idéia ocidental de Igreja (*) e suas reivindicações.

(*) Na verdade, sobre a questão da Igreja e sua constituição essencial, nunca houve qualquer decisão definitiva e final no Oriente. St. João Damasceno, em sua declaração oficial da fé ortodoxa, não atribuiu nenhum lugar particular à Igreja. [p.032]

Havia excelentes razões para essa aparente indecisão. A Igreja é, se seguirmos a inclinação interna e o significado do Helenismo, um corpo essencialmente espiritual, potencialmente coextensivo com toda a raça humana porque Cristo é ao mesmo tempo Cabeça da Igreja e Cabeça de toda a humanidade. (+) Mas se assim for, é

impossível limitar a Igreja a qualquer organização externa, por mais venerável ou mesmo apostólica. É impossível não reconhecer, se não formalmente, mas indiretamente, como companheiros da Igreja, não menos do que companheiros cristãos, todos em cuja vida o Espírito de Cristo está operando.

Se o maior fato espiritual na história antiga foi o desenvolvimento do Judaísmo com seu complemento do Cristianismo a partir de uma base semítica, certamente o segundo maior é a gênese do Helenismo. Sua surpreendente originalidade de tipo só pode ser sentida quando o colocamos no contexto das religiões orientais que eram suas vizinhas.

(+) Quando, então, Orígenes diz que não há salvação fora da Igreja, e Clemente chama a Igreja de corpo do Senhor, eles usam as palavras sem nenhum sentido latino. Em outro lugar, Orígenes nos assegura que todos os verdadeiros crentes são como Pedro, são pedras vivas. [p.033]

Sobre o Egito pairava uma civilização antiga, de 2.000 a 3.000 anos quando Homero escreveu. A vida egípcia jaz enterrada, por assim dizer, sob um sacerdotalismo organizado, um ritual complexo e estereotipado, um culto elaborado dos mortos e uma realeza quase divina. Um "sobrenatural" mais completo do que em qualquer outro país pesava sobre a vida das pessoas e controlava seus pensamentos.

Ainda mais impressionante, talvez, é o contraste que o helenismo oferece às grandes civilizações

semíticas, com seu despotismo secular organizado, seus deuses impiedosos, seus castigos cruéis.

Em meio a tais influências, tais exemplos, tais ensinamentos, surgiu esse povo oriental em sua raiz, mas uma negação enfática de tudo o que era oriental; onde esse era sacerdotal, aquele era leigo; enquanto o oriente era rígido, o helenismo era elástico.

Enquanto os impérios semitas estavam sob um governo despótico, os helenos eram politicamente livres; enquanto aqueles jogavam bebês vivos nos braços de fogo de Moloch, esses adoravam o radiante Apolo. Mais estranha ainda é essa originalidade quando nos lembramos de como era íntimo o contato dos egípcios, fenícios e orientais com os gregos. Divindades semíticas, por exemplo, Ártemis, Afrodite, Hércules, aparecem na mitologia grega. Sábios orientais provavelmente inspiraram pensadores helenísticos. Os marinheiros fenícios navegaram durante séculos [p.034] os mesmos mares que os helenos, colonizaram as mesmas costas, comercializaram com os mesmos portos. Os gregos pegaram emprestado do Egito e do Oriente sem perder o traço de seu ponto de vista distintivo. Quanto mais estreito é o vínculo de ambos, mais notável é a originalidade do helenismo.

Assim, aprendemos que, por mais importantes que sejam os antecedentes físicos, eles não são tudo. A origem da raça continua sendo um fato último que desafia uma análise completa.

Porque as praias ensolaradas do Aegean e suas ilhas das fadas teriam despertado no grego o amor pela beleza e alimentado o senso artístico, mas não

ter despertado nenhum pulso semelhante no marinheiro de Tiro, ninguém pode explicar; permanece um dos segredos da natureza aquela alquimia sutil, pela qual ela desenvolve, a partir de materiais basicamente os mesmos, raças e distinções e antagonismos étnicos, que são persistentes, os quais, de fato, formam o solo que produz a colheita intelectual e espiritual que estamos colhendo até hoje.

Ao contrário da maioria das culturas primitivas, os helenos não tinham nenhuma casta sacerdotal, nenhum livro religioso, nenhuma lei sagrada. Ainda assim, em Homero e Hesíodo temos uma espécie de Velho Testamento rude, eles são os primeiros Pais Gregos. Com Homero, começa a literatura europeia; em suas páginas encontramos primeiro o agregado helênico e conhecemos o tipo helênico. [p.035] Aqui, penso, o fato mais notável é a relação única do homem com Deus. Para os helenos, Deus era pouco mais do que o homem "em letras grandes". Enquanto o semita estremece diante de suas divindades cruéis, e até mesmo o romano não faz sacrifícios exceto com o rosto velado, o chefe homérico se dirige a seus deuses de maneira ereta e, destemidamente, em alguns casos, até mesmo os comanda e ameaça.

Que isso não era uma forma de irreverência é demonstrado pelo característico termo grego aidos, dificilmente passível de tradução, mas que implica respeito pelo que é bom e sagrado para os governantes, para os pais e para si mesmo.(*nt)

(*nt) – αιδους G0127 (genitivo, singular, feminino).

Reverência, a idéia do “olhar para baixo” diante de um rei, sábio ou deus (I Timóteo 2:9 - Hebreus 12:28)

Em Homero não existem deuses maus; em nenhum outro poema já escrito a relação do homem com Deus era tão próxima e, no entanto, tão livre e destemida. Nenhuma automutilação marcou qualquer fé grega. Nenhuma cultura altamente civilizada era tão pouco sacerdotal como a grega. Em Homero, o sacerdote tem, de fato, honra, mas pouca influência. O grego foi primeiro um homem e depois um sacerdote; o oriental primeiro um sacerdote, ou um déspota, e depois um homem.

Há justiça no elogio concedido à vida familiar na velha Roma por sua pureza e autocontenção; mas devemos lembrar que aqui, também, a dureza romana foi sentida. A esposa era apenas um objeto, ou seja, uma propriedade sobre a qual o marido tinha poder de vida ou morte; e o filho era praticamente um escravo.

Na Odisséia, por outro lado, há cenas da vida doméstica tão puras [p.036] e verdadeiras, e muito mais ternas, do que Roma pode mostrar.

Tomemos, por exemplo, as relações de Laertes e Eurytheia, e a história de Ulisses e Alcinous. Talvez nenhuma imagem da vida feminina tão charmosa como a de Nausicaa possa ser encontrada na literatura primitiva, exceto talvez a de Ruth.

O amor familiar é enfatizado e elogiado. Todos os estranhos procedem de Jove (*Júpiter ou Zeus*)(*nt). Mãos manchadas de sangue são consideradas indignas de adorar; flechas envenenadas são claramente reprovadas. Quando Lykaon ofereceu

uma criança em sacrifício a Zeus, ele se transformou em lobo. Ulisses proíbe a exultação pelos pretendentes assassinados.

(*nt) – Esta frase parece fora de lugar mas talvez o autor quis dizer que "todos são filhos do mesmo deus" e merecem respeito.

Ulisses, como nenhum outro herói, ilustra a multifacetada personalidade helênica. Ele é um "composto de muitos simples" amor pelo lar e amor pelas viagens, um Tory primitivo (conservador na política) e, contraditoriamente, um Radical, um filósofo rudimentar. Ele é lutador e político (diplomático) ao mesmo tempo tem a força que sozinha pode dobrar o grande arco e a inteligência para enganar Polifemo. Seu amor pelas viagens e seu prazer pela exploração o tornam quase um de nós. No conto de suas aventuras, há cenas tão perenemente novas e humanas quanto a história de José e seus irmãos, ou de Rebeca e Isaque. E como a relação do homem com Deus é livre e sem embaraços, assim é a do homem com o homem. A monarquia homérica não é absoluta; [p.037] o povo é homenageado e seu consentimento é pedido na assembléia. O cetro é carregado por arautos e sacerdotes, bem como por reis. O príncipe é obrigado a respeitar os direitos de seus súditos.

A antipatia dos gregos pela tirania desde o início é demonstrada por um discurso que Heródoto (cerca de 500 a.C.) atribui a Sosicles. Nem um único exemplo de uma aristocracia pura e simples ocorre em qualquer estado grego, nem mesmo em

Esparta.

Em Homero, o destino é de fato reconhecido, mas não tem culto. Um forte senso claro de certo e errado é mostrado; a própria nota-chave do personagem de Aquiles é um ardente sentimento de injustiça. Em tempos posteriores, os gregos tinham um termo especial misoponeros (μισοπόνηρος), que denota *ódio ao mal* ou *ao homem mau*; Não conheço nenhuma palavra latina semelhante.

Em "Obras e Dias" de Hesíodo, temos uma espécie de Livro Grego dos Provérbios, com uma moralidade pura.

Dois pontos aos quais se refere Hesíodo, que reaparecem em espírito na teologia helenística, podem ser observados. A justiça é sempre mais forte do que a injustiça, no fim. Os fracos têm um direito especial, principalmente os órfãos.

É bem verdade que o helenismo se desenvolveu desde os dias de Homero e Hesíodo, nem as mudanças foram uniformemente para melhor (enquanto as idéias dominantes são pouco alteradas). [p.038]

Certas formas de vício tornaram-se dolorosamente proeminentes no helenismo posterior, e a posição das mulheres em Atenas dificilmente é tão boa quanto a descrita nos poemas homéricos. Em outros pontos, há um progresso decidido. Os sacrifícios humanos, dos quais Homero preserva alguns traços tênues, quase cessaram em toda a Grécia; existe um humanitarismo mais profundo, um senso mais amplo de dignidade humana, um tratamento mais

gentil aos escravos.

A ideia de Fatalismo, que perdura em todas as religiões antigas, foi substituída por um senso de responsabilidade . Nemesis deixa de ser arbitrário, é o culpado que sofre. O tom (diz Jebb) de vingança ouvido em Ésquilo parece em Sófocles passar para um eco da compaixão Divina. Por uma mudança notável (e em solo ático), as Erínias (*nt) tornaram-se Eumênides.

*nt - As *Erínias*, três deusas encarregadas de castigar os crimes e falso juramento, foram também chamadas as *Eumênides* (Εὐμενίδες), que em grego significa as bondosas ou as benevolentes.

O contraste que os fatos acima e outros que passo a observar oferecem ao latinismo não pode deixar de atingir todos os estudantes.

Desde o início, há indícios no helenismo daquele espírito simpático que fez dos helenos uma grande raça missionária "capaz de ensinar". Esse povo, na verdade, fez o pensamento de todo o Ocidente.

Hoje, quando falamos de astronomia, matemática, música, aritmética, lógica, filosofia, geometria, poetas e poesia, estamos usando palavras gregas. [p.039]

Não desejo fazer um desenho unilateral; creditar aos gregos os modernos ideais de misericórdia e ternura seria um absurdo. Em todas as raças, o observador pode encontrar falhas e falhas em abundância; Os defeitos gregos são palpáveis. As cidades gregas eram freqüentemente tumultuadas e indisciplinadas. Mesmo Atenas fracassou

totalmente em se governar quando permitido pelos romanos; faltava um senso de ordem; o grego tagarelava e especulava enquanto o romano se organizava. Eles eram muito perspicazes, muito inquietos para se submeterem à necessária disciplina.

As guerras em pequena escala eram incessantes na Grécia; o ciúme mútuo abundou. Em um povo sensível como os gregos, houve ocasionais explosões de ferocidade. A libertinagem grega era notória; no período mais brilhante de sua história, a posição das mulheres em Atenas era baixa. Como na arte do governo em geral, também em toda a ciência da jurisprudência os gregos ficaram visivelmente atrás dos romanos.

Na Grécia, como em todas as comunidades antigas, a escravidão era universal e a tortura era permitida em certos casos.

Estamos lidando, ao discutir o helenismo antigo, com pagãos, com uma civilização pagã, e seria a mais pura vaidade esperar encontrar aqueles padrões morais e ideais que dezoito séculos cristãos não foram suficientes para estabelecer na Europa. [p.040]

Nem procuro atenuar a impressão que a leviandade, inconstância ou instabilidade grega podem causar quando contrastada com a regra de ferro e a estrutura sólida do domínio romano, ou com a maior seriedade moral do Semitismo em suas formas mais elevadas.

Não estou escrevendo um elogio vazio do helenismo, pagão ou cristão; nem estou cego por um momento para seus defeitos. Esta investigação

visa apontar, como freqüentemente afirmado, a coexistência de duas teologias distintas nos primeiros séculos cristãos, e dar conta desse fato histórica e culturalmente.

É suficiente se esses dois pontos forem aceitos: (a) a distinção completa do tipo grego; (b) a existência nele de certos elementos especiais que, fomentados pelo Cristianismo, desenvolveram-se naquela forma de teologia que distingue as escolas helenísticas primitivas em pontos vitais das latinas, e que não podem ser entendidas separadamente de seus antecedentes históricos.

No entanto, mais pode e deve ser dito. Como não julgamos Davi por sua luxúria e assassinato, ou Moisés por sua desobediência, ou os judeus por suas idolatrias frequentes, mas julgamos indivíduos e comunidades por seus fatores permanentes em todos as situações similares, então, também, devemos julgar o Grego.

Foi um instinto de época que levou os gregos a dedicarem sua maior igreja [p.041] para Santa Sophia (Sabedoria), pois os gregos estavam sempre buscando sabedoria, e a Atenas pagã era especialmente dedicada à deusa da sabedoria. (*nt)

(*nt) – 1º. Coríntios 1:22

Em tais mãos, a religião tornou-se uma filosofia divina, um termo que podemos notar como frequente nos Pais Helenísticos, e nunca no Latim, ou quase nunca. A teologia surgiria naturalmente; as relações do pensamento religioso seriam investigadas, as proposições seriam colocadas.

Dogma seria formado. O povo a quem devemos a lógica seria naturalmente como, de fato, aconteceu os autores de credos e símbolos. (*nt)

(*nt) - símbolo, σύμβολον, σύμ = junto + βολον = colocar.

Também não podemos deixar de ver como exatamente em harmonia com as tendências naturais está o fato interessante de que, embora os dois primeiros livros latinos famosos de autoria cristã tratem de questões jurídicas, De Pre-scriptione (Tertuliano), ou com a autoridade e unidade da Igreja, De Unitate (Cipriano), o primeiro livro grego que marca uma época deve discutir os primeiros princípios, De Principiis (Orígenes).

O amor grego pela liberdade foi demonstrado pela oposição constantemente oferecida aos tiranos, para cuja ascensão as muitas cidades e pequenos estados da Hélade proporcionaram vantagens peculiares.

Com esse sentimento de liberdade, dificilmente podemos errar ao relacionar com a prontidão demonstrada, por exemplo, em Atenas, para tolerar diferenças de opinião. [p.042]

Isso contrasta com instituições como a censura romana, pela qual uma rede era lançada por toda parte, em cujas malhas tantos detalhes da vida eram capturados e regulados.

De qualquer forma, é certo que nos Pais gregos, em contraste com o latim, podemos traçar um espírito muito mais livre.

Um Clemente, um Atanásio, um Gregório de

Nissa, em seu tom, lembram-nos do maior orador ático cujos poderes foram dados à defesa da liberdade racional e ordenada. Um senso de medida, uma flexibilidade, um poder de compromisso são os traços helenísticos distintivos. Ao longo de toda a antiguidade, a Grécia foi considerada o país onde o pensamento era mais livre.

Não só existia em Atenas esta grande liberdade de pensamento e expressão, mas a lei deu ao cidadão uma proteção de que não gozava em nenhum outro lugar. Podemos, por exemplo, observar, como prova disso, o sistema único de júri dos atenienses, e podemos comparar e contrastar o espírito livre de sua lei que proibia qualquer advogado contratado com o código latino estreito e técnico.

E esse instinto de liberdade não era apenas dos jônios (Atenas e outras); mesmo em Esparta, havia pouco sentimento monárquico, e entre os dórios (Esparta e outras) de um modo geral quase nenhum.

Podemos ir mais longe e notar como o espírito helênico, embora encorajasse a pesquisa, e até certo ponto estimularia a definição e [p.043] criação de credo. Entretanto seria hostil a todos os dogmatismos estreitos. Platão investigará tudo; Sócrates "duvidará de nossas dúvidas". O próprio termo História é grego e significa "Investigação", "Questionamento".

O platonismo desafia qualquer definição rígida; pode-se facilmente condenar seu grande autor de inconsistências. Com o mesmo espírito, a Igreja

Grega hoje deixa muitos pontos em aberto sobre os quais o Ocidente não permite dúvidas, por exemplo, a Igreja, o pecado original, a graça etc. A mente helenística era muito menos mecânica do que a latina. Assim, enquanto o Direito representa um vínculo rígido para a última (latinista), para a primeira (helenista) é uma coisa quase racional, quase viva; de fato, no Crito de Platão, as Leis falam.

Se o termo for entendido em um sentido justo, os helenos eram por natureza Racionalistas. "Conheça a si mesmo" é um provérbio grego. Embora a mente oriental adore o crepúsculo (penumbra), um dos mais profundos instintos gregos está por trás do famoso grito: "Mate, mas mate à luz do dia".

Em Homero, Júpiter (Zeus) aparece como conselheiro (*metiates*) uma visão que contrasta com o trovejante Júpiter dos romanos.

O espírito, mais do que a força, é a marca dos deuses helênicos, um ponto de diferença ao mesmo tempo com o latim e o oriental.

As próprias divindades do Olimpo formam uma espécie de República. Homer agarra e puxa para fora [p.044] seus tons de caráter tão habilmente quanto os de seus heróis humanos.

Eu disse que nos poemas homéricos não existem deuses maus. Isso tem seu paralelo, real, embora indireto, na teologia helenística - a saber, em sua concepção da penalidade divina como corretiva e em sua negação de qualquer raiva em Deus.

Quando Isócrates nos diz que é principalmente por causa de sua bondade e amor ao homem que os deuses são honrados -- quando Theognis diz que

a maneira de ganhar o mal é fazer-lhes muito mais atos de bondade do que para o bem, podemos até pensar que é a escola de Alexandria que nos fala.

A vingança é fortemente condenada por Platão, que não puniria um escravo enquanto com raiva; moderação na punição era a ideia helênica normal.

Aqui tocamos em uma das características mais atraentes do helenismo, e uma em que o contraste com o latinismo é nítido - um tratamento comparativamente gentil aos escravos. Eu poderia facilmente citar inumeras evidências que tendem a mostrar que isso não era apenas ateniense, era nacional.

Nenhuma prova mais satisfatória pode ser imaginada de uma gentileza de tipo única, do que um tratamento gentil com os escravos oferece. Encontramos escravos gregos convidados para festas com homens livres; ouvimos Sócrates ordenando ao senhor que se fizesse amado por seus escravos. [p.045] Podemos ler em Xenofonte uma bela imagem de um noivo imprimindo em sua jovem esposa o dever de cuidar de escravos enfermos. Ainda podemos ler queixas divertidas de que em Atenas um escravo não tinha saído do caminho de um homem livre; podemos ler em Plutarco o contraste entre a tagarelice do escravo grego e do romano que só ousa falar em monossílabos.

Demóstenes diz que um escravo tem mais liberdade de expressão em Atenas do que um cidadão livre em qualquer outro lugar.

Deste tipo mais gentil existem evidências de outros fatos; alguma prova já foi dada ao discutir

Homero. Mas aqui posso salientar o contraste muito significativo que os jogos nacionais gregos oferecem ao brutal e asqueroso circo romano, onde o sangue e a crueldade eram a principal atração.

Uma história divertida é preservada por Políbio, (*) que conta como, quando alguns artistas gregos foram trazidos para Roma, a população não se interessou por sua música até que, por instigação dos lictores (*nt), eles começaram a lutar ou simular a luta.

E quando os jogos de gladiadores se espalharam desde Roma para todos os lugares, eles foram admitidos por último na Grécia; e em Atenas, quando apresentados, vários dos melhores cidadãos deixaram a cidade indignados.

(*) xxx. 14

(*nt) - Um Lictor era um servidor público civil romano que servia de guarda-costas aos magistrados.

Passemos à relação parental. [p.046] Enquanto em Roma era mais difícil emancipar um filho do que um escravo, e o filho permanecia praticamente um bem enquanto seu pai vivia, mais, podia ser arrastado até dos bancos do Senado, a critério de seu pai, e responder com sua vida por alguma falha real ou suposta -- em Atenas, em uma idade precoce (dezoito anos?), um filho tornava-se livre e independente, e não era permitido ao pai deserdá-lo.

A relação da colônia grega com o Estado-mãe nos fornece mais indicações do espírito helênico. Os laços eram em regra marcados pela cortesia e

dignidade; a cidade-filha, embora reivindicasse liberdade e independência, rendia respeito à cidade-mãe e reconhecia seu direito de receber assistência, ou recebia dela um estadista ou líder em momentos de empreendimento ou de perigo. Uma guerra entre a colônia e o estado original era quase algo inédito na história grega.

O florescimento do helenismo é encontrado em autores como Platão, Xenofonte, Sófocles; neles descobrimos não só graça, não apenas ternura, mas espiritualidade.

"Oh, que eu viva sem pecado e puro em cada palavra e ação ordenada por essas leis firmes que governam nas alturas", exclama o Coro no Edipus Tyrannus. Em Isócrates encontramos um equivalente da regra de ouro.

Clemente de Alexandria, não faz nada mais do que repetir esse [p.047] autor quando diz que o verdadeiro sacrifício é um coração puro. As objeções éticas ao paganismo, são antecipadas, em uma linguagem tão forte como os cristãos usam, por Xenófanes. Platão e Pitágoras colocam diante de nós como objetivo uma semelhança com Deus.

Na verdade, na base do helenismo está uma concepção totalmente estranha ao oriental ou ao romano, ou seja, humanitarismo, brilhante, livre, alegre; um senso de dignidade humana está por trás do pensamento helênico.

É uma crítica barata condenar tudo isso como mero antropomorfismo; na prática, descobrir-se-á que deslocar isso é trazer algo muito pior.

Na invasão persa, os gregos não mutilaram nenhum cadáver, enquanto os cartagineses no

cerco de Selinus primeiro mataram e depois mutilaram 16.000 prisioneiros "de acordo com sua vontade".

Sócrates, morrendo pela lei grega, morre sem dor, rodeado de amigos, atendido ao túmulo com amor e simpatia. Cristo, morrendo pela lei romana, morre com todo agravamento da dor; como se a crucificação não fosse agonia o suficiente, os romanos zombam brutalmente do sofredor, depois rasgam com açoites os membros dos pacientes que estavam prestes a crucificar.

Não precisamos exagerar aqui. Eu não diria que todos os romanos e cartagineses eram cruéis e todos os gregos gentis. A mais nobre afirmação da humanidade em toda [p.048] a antiguidade pagã está contida na linha latina

Homo sum, humani nihil a me alienum puto.
(Sou um humano e nada que é humano me é estranho.)

É um poeta latino que nos diz que o homem é mais caro aos deuses do que a si mesmo. Nem uma ou duas vezes Romanos e Cartagineses foram gentis e os Helenos cruéis.

Mas as amplas distinções indicadas são típicas destes povos, e somente por elas podemos julgar e, a partir delas, generalizar. O humanitarismo inspirou a arte da Grécia; era a respiração e a alma de um Fídias ou de Apeles, pois era a inspiração de muito do que havia de melhor na teologia de Alexandria ou Antioquia.

Esta, podemos talvez acrescentar, é uma das

razões pelas quais hoje a Igreja Grega, ao contrário da Romana, não exclui seu clero da influência humanizante da vida familiar.

Pensando nobremente no homem e respeitando até o escravo, era natural que os teólogos helenistas tivessem uma visão otimista de seu destino. Aqui devo fazer uma pausa para explicar que 'por Otimismo, não se entende um sistema de boa e fácil natureza; não exclui a idéia da mais severa retribuição; exclui o pecado e a dor como elementos permanentes no universo. Essa persistência do mal é o que quero dizer com pessimismo. Sua conquista final e absorção pelo bem é o Otimismo.

É muito natural encontrar na teologia helenística uma afirmação enfática [p.049] de livre arbítrio. Então, uma aparente dificuldade encontra uma explicação que vale a pena notar aqui.

Porque, hoje, o argumento comum a favor do pessimismo é a inalienável liberdade do homem. Mas muito diferente era a visão helenística.

A posição deles era substancialmente esta. É o fato da liberdade que torna o homem capaz de ser resgatado. Como a vontade é livre, ela nunca se fixa no pecado. Mas quando perguntados por que, se livre, a vontade finalmente gravita em direção a Deus, eles responderiam: Porque a Bondade é o ímã mais poderoso, porque a vontade é razoável e, portanto, eternamente ligada à Divina RAZÃO (Logos); porque nenhuma criatura está além do poder de seu Criador de a reparar eficazmente.

Assim, é fácil ver como e por que uma teologia otimista se harmoniza com a aceitação do livre

arbítrio, e o pessimismo, com a negação dele, como a história da teologia latina mostra claramente ter sido, de fato, o caso. A teologia latina, ao se tornar definitivamente pessimista, tornou-se predestinadora.

Com seu humanitarismo, dificilmente podemos errar ao conectar o charme peculiar das primeiras lendas gregas; embora quase todas as nações tenham seus mitos e sagas, os gregos, mais do que qualquer outro povo, souberam transmitir às suas (sagas) uma perenidade, porque plenas de um interesse humano e de uma sugestividade única. Certamente [p.050] nestes pontos, o contraste com os romanos é muito acentuado.

Como regra, as primeiras lendas e poesias helênicas são "brilhantes e alegres. Uma certa alegria no tom permeia Homero e Hesíodo, um amor pela vida e pela aventura. Na verdade, dois dos primeiros" livros gregos "são" livros de viagens "e fornecem abundante evidência desse interesse por tudo o que é humano mencionado. No entanto, isso não é tudo; pois, exatamente por ser tão humano, a literatura grega tem seus períodos não raros de depressão, quase de melancolia. Mas sua tristeza é pathos (emocional), não pessimismo.

Um dos melhores historiadores da Grécia se detém no fato interessante de como, desde o início, os helenos enfatizaram as palavras. Onde somos leitores, eles eram falantes. Desde a infância da nação, o poder da eloqüência era reconhecido, e falar em público era considerado "o motor permanente do governo e a causa imediata da obediência", muito antes que o heróico tivesse dado

lugar ao período histórico.

Mesmo o leitor mais descuidado (diz Maurice) deve perceber o peso atribuído às "palavras aladas" na Ilíada. Quão grande é a sensação de seu mistério e poder, quão real é a ênfase atribuída a eles como caracterizando 'seres humanos, como meio de influenciar e se comunicar com os deuses.

Hermes, Deus da Eloquência, ocupa uma posição elevada no Panteão Grego; o poder da sabedoria e das palavras tornam-se associados na mente helênica. Sócrates está "profundamente preocupado quanto seus oponentes em descobrir o significado das palavras" como uma preliminar para qualquer conhecimento verdadeiro.

Muito depois de a escrita ser conhecida, as leis gregas não eram escritas e os Estados gregos permaneceram sem nenhuma constituição escrita. Os gregos preferiam a voz viva, seu ritmo e música. Eles foram os inventores do Diálogo. No Olimpo, os deuses realizam conselho e suplicam como oradores. No escudo de Aquiles, as imagens não ficam completas sem uma representação da Assembleia e dos alto-falantes de cada lado.

Parece natural que um povo com tais instintos tenha fundado a Homilia (*nt), e que todos os grandes Concílios tenham sido realizados no Oriente.

(*nt) - homilia: sermão, pregação, explicação das escrituras, literalmente: "conversa familiar".

Também aqui o contraste é marcante com o latinismo; sabemos pelo historiador Sócrates que a

pregação foi introduzida em uma data relativamente tardia na Igreja Romana. Embora não houvesse sermões em Roma, Orígenes teria pregado todos os dias em Alexandria; seus comentários são em grande parte homilias. Nem em Tertuliano nem nas obras de Cipriano há uma única homilia. E quando os teólogos ocidentais se tornaram pregadores, o contraste [p.052] é surpreendente "entre os breves discursos práticos de Leão e Máximo, e as elaboradas orações de Gregório e Basílio. São Pedro, "da Palavra de Ouro" (dito em latim), contrasta em sua concisão mais vividamente com o "boca de ouro" Crisóstomo(*nt).

(*nt) – Crisóstomo: Χρυσό (criso, ouro) + στομος (stomos, boca), apelido dado para significar sua eloqüência.

Eu provavelmente já disse o suficiente para deixar claro a peculiar adequação da escolha de Atenas por São Paulo como o local para a proclamação da Paternidade de todos de Deus e da Imanência Divina, e para um apelo na confirmação dessas doutrinas para "alguns de vossos próprios poetas" (Atos 17:28). Aqui está, na verdade, uma afirmação de uma quase inspiração no paganismo e um reconhecimento de uma certa continuidade da religião desde as primeiras até as últimas formas.

Deve ser lembrado que ao longo de todo o livro, o que quero dizer por teologia helenística é aquilo que foi a inspiração por quatro séculos (ou mais) das escolas de Alexandria, de Cesaréia, da Capadócia, de Antioquia, e de muitos professores

tanto no Oriente como no Ocidente que aprenderam com eles. Este helenismo foi a teologia primeiramente formulada, pois foi a dos pensadores mais importantes da época de ouro da Igreja.

Estendendo-se por uma área tão ampla, e adotado por muitas mentes em séculos diferentes em ambientes variados, havia obviamente muitos tons de diferença, havia vários pontos de vista. No entanto, pode, [p.053] falando de modo geral, ser aqui sustentado que toda a teologia helenística se baseia em grande parte em alguns axiomas (*) que podem ser percebidos com precisão suficiente do que foi aqui declarado.

Para todos os helenistas, o valor e a dignidade do homem e o amor e misericórdia de Deus são pressupostos fundamentais; assim é a natureza do homem e de Deus. Mais comumente, isso foi expresso na doutrina do Logos, ou seja, a RAZÃO Eterna liga a Deus todas as criaturas racionais; este vínculo é inalienável, portanto, os piores são resgatáveis, e como Deus deseja sua redenção, este desígnio deve finalmente se estabelecer.

Assumindo esta semelhança entre homem e Deus e a necessidade do homem de receber ajuda , o que é mais natural do que uma Encarnação? É quase inevitável que o Logos imanente se mostre visivelmente. "Noblesse oblige" (fr.-“obrigação da nobreza”), deve manifestar-se, tornar visível na forma humana a presença invisível que está em toda parte. Enquanto os latinos tenderiam a se maravilhar com a incrível condescendência da Encarnação, o helenista preferiria se perguntar se não haveria nenhuma Encarnação para ajudar a

humanidade, sofrendo e pecando.

Mas como pode essa manifestação ser concebida senão como redentora por si mesma? Como pode a luz brilhar e não dissipar as trevas?

(*) Veja o Prefácio. [p.054]

O fato de Cristo ter se tornado homem em si garante a salvação. Atanásio nos diz que Seu aparecimento na carne corrigiu tudo; é, para usar sua própria frase, como se um grande Rei fosse morar em uma das casas de uma vasta cidade, imediatamente todas as contendas são silenciadas, tudo se torna paz e harmonia. Ou ainda, o Cristo Encarnado é considerado como introduzindo em nossa natureza um antídoto contra o pecado e a ruína, um fermento celestial que purifica toda a humanidade; uma espécie de linfa celestial, se a ilustração puder ser usada, que remove toda a corrupção. (*nt)

*nt : linfa, líquido nos vasos linfáticos do sistema imunológico.

Assim, não é difícil compreender um ponto notável de diferença entre as duas Igrejas, a saber, que o Oriente direcionou suas energias para explicar o mistério do nascimento de Cristo, da união do homem e de Deus; ao passo que o Ocidente adora conceber, e ainda está inventando, novas teorias sobre a morte de Cristo e o significado da Expiação. Para o helenista, a Expiação é pouco mais do que um detalhe, uma expansão da Encarnação.

"Incarnatus est" era o lema helenístico, enquanto o símbolo latino era "Crucifixus est". O helenismo ficava perto da manjedoura, enquanto o latinismo ficava ao lado da cruz do Senhor. Cristo Encarnado foi mais importante para o helenista do que o Cristo crucificado, Cristo ressuscitado do que Cristo morrendo. [p.055]

Um aviso pode ser útil à medida que avançamos. Não é aconselhável transformar, como alguns tendem, a doutrina da Imanência em uma espécie de fetiche. (*nt)

*nt - Em geral, a imanência refere-se a algo que tem em si próprio o seu princípio e seu fim. Já a transcendência faz referência a algo que possui um fim externo e superior a si mesmo.

O significado da Imanência Divina teologicamente não reside em forçá-la estreitamente à exclusão da Transcendência (*) (os melhores pensadores do Helenismo ensinaram ambos), mas sim na afirmação implícita de *nossa proximidade de Deus como um fato eterno* --- do Divino presente em todos os lugares e trabalhando na Natureza.

Nem devemos creditar a esses primeiros pensadores qualquer precisão científica rígida, ou mesmo consistência absoluta. Eles escreveram com toda a plenitude do coração, às vezes sobrecarregados com os cuidados de igrejas em luta, muitas vezes como aqueles que construíram os muros de Jerusalém, com a espada em uma mão e a espátula na outra.

(*) A linha que separa a teologia helenística e latina certamente não coincide com a linha que divide as concepções de imanência e transcendência. Agostinho quase no final de sua carreira afirmou a imanência de Deus (De civ. D. xi. 20). O mesmo fez Cipriano (De id. Van). Atanásio, que é otimista, diz que Deus está naturalmente fora de todas as coisas, mas está nelas por bondade e poder. Os helenísticos platônicos, que defendem a Transcendência, são otimistas em teologia. Por muitos teólogos helenísticos, Deus era considerado transcendente em si mesmo, mas imanente por meio do Logos. [p.056]

O crítico microscópico pode detectar sem dificuldade as juntas fracas de sua armadura. Às vezes, eles escondem por meio de uma *fraude piedosa* o otimismo que realmente inspirou seu pensamento, um fato que enganou alguns estudantes que leram no segundo século cristão o padrão moral do século XIX, no que diz respeito à veracidade. Mas, no geral, sua tendência e ponto de vista são claros.

A verdade é que o helenista tinha seus pensamentos repletos de uma libertação real e efetiva de toda a humanidade, uma ideia estranha à teologia latina. Em uma palavra, o ponto de vista da teologia helenística é a Salvação. Aqui podemos dizer que as duas teologias diferem essencialmente: o latim fala mais da Redenção e acredita menos nela, enquanto do helenismo o oposto é verdadeiro. - Tennyson realmente está se helenizando quando ensina: "Uma lei, uma vida, um

elemento e um evento divino distante, para o qual toda a Criação se move lentamente."

Para o latinista, Cristo, uma vez um Salvador, deve mudar seu papel daqui para frente, e por algum processo totalmente inexplicado deve ser transformado em um Juiz rigoroso (uma verdadeira transubstanciação moral).

Muito característicos do Helenismo são suas concepções de Ressurreição, Julgamento e Morte. Em sua opinião, estes são apenas modos de canais de Redenção através dos quais ele opera. Todos são do mesmo Deus, são expressões do mesmo propósito trabalhando para o mesmo fim.

Na Anastasis (n.t. ανάσταση, ressurreição) o melhor pensamento helenístico [p.057] viu essencialmente a coroa e o clímax da obra salvadora do Logos, não como na visão mais estreita tão comum no Ocidente, que é principalmente ou mais frequentemente como uma montagem dos pedaços do corpo em decomposição.

É estranho quão pouco a grande ideia paulina da Ressurreição como em essência redentora, como Vida, em toda a sua plenitude, fluindo de Cristo ressuscitado para cada filho de Adão, foi apreendida pela teologia ocidental. Mas este é precisamente o ponto que os helenistas perceberam. Especialmente é assim na escola de Antioquia e na doutrina dos mais ilustres dos Capadócios. Para eles, Ressurreição é sinônimo de Salvação; é Redenção; é a regeneração ou novo nascimento da humanidade.

Intimamente ligada a isso está a visão helenística da morte. Enquanto para os latinos é penal, para eles é corretivo. É um remédio enviado não para

punir o pecado, mas para sua remoção. A morte é realmente o Grande Operário que despedaça o que fez para reparar suas imperfeições. É o artista derretendo a estátua para remodelá-la, livre de impurezas e matéria estranha. É o Grande Oleiro remodelando sua obra.

Portanto, para matar, para pulverizar, para destruir, no fundo, apenas mudar para melhor, para [p.058] remodelar e renovar. Por mais estranho que isso possa parecer para nós, que somos treinados em modelos latinos, eu poderia me comprometer a preencher páginas com citações dos mais eminentes helenistas para mostrar sua verdade. Para esses escritores, não há pena puramente ou principalmente vingativa, todas as punições são essencialmente medicinais. Para tal sistema não há raiva, verdadeiramente assim chamada, em Deus. Sua ira é um modo daquele Amor que Deus não é e que Ele possui (uma distinção vital) ou é pelo menos administrado e guiado por ele.

É quase impossível não conectar essa visão da morte com as primeiras crenças desta cultura. Os gregos não podiam ler as primeiras linhas da Ilíada sem perceber a identidade do Deus da Cura e do Deus da Morte.

E quanto às primeiras concepções gregas do túmulo, que em espírito passaram para a teologia helenística, vamos ouvir alguém que é uma testemunha muito competente e cuja tendência é distintamente latina em vez de grega: "Em seu pathos pensativo e requintado, em sua reserva , em sua dignidade e afeição humana, em sua simplicidade viril, esses monumentos atenienses

podem ser tidos como o tipo mais elevado de emblemas fúnebres que o mundo possui. Eles apresentam um aspecto de morte pensativa, afetuosa, social, pacífica e bela." (*)

(*) The Meaning of Hist., p.315. Harrison. [p.059]

Sobre o tópico afim, "Julgamento", não posso fazer uma pausa ou me demorar aqui. E, no entanto, um amplo campo se abre e a luz cai em áreas inesperadas quando o pensamento helenístico é totalmente compreendido, que vê no "Julgamento" um processo não vingativo, mas redentor.

Talvez poucas partes da Bíblia sejam menos compreendidas (*) do que as passagens (por exemplo, nos profetas do Antigo Testamento) que tratam dessa questão.

Gostaria que fosse possível citar aqui alguma da linguagem de homens como Jerônimo, que une à mais profunda convicção do terror e do horror do "Julgamento", uma convicção não menos profunda de que seu propósito e fim é a restauração. (+)

Aquele que ocupa o primeiro lugar entre os Pais Gregos não tem escrúpulos em dizer na declaração mais formal de doutrina que ele escreveu que Deus anuncia Seu futuro Julgamento *para a cura das doenças da alma*; é uma ameaça para os frívolos e vaidosos, *mas para os mais inteligentes* é considerado que seja um remédio, a maneira de Deus curar Sua criatura (Greg.Nyssen Cat. or. viii.}. Comentar sobre tais palavras é desnecessáro, assim como sobre a vista infinita que elas abrem.

(*) Tomemos, por exemplo, Isaías 45:23, citado por São Paulo e aplicado ao Dia do Juízo, Romanos 14:10, Filipenses 2:10-11.
(+) Veja "Universalismo Afirmado como a Esperança do Evangelho, Sétima Edição, p. 190-200. [p.060]

Pode-se aqui admitir que os helenistas estavam, em geral, mais próximos de Pelágio do que de Agostinho em sua visão do pecado de Adão e suas consequências; é certo que o lugar que a queda ocupou na teologia de Agostinho foi no helenismo substituído pela concepção da imagem indelével de Deus implantada em cada homem na criação e pela convicção de que o homem pode sempre ajudar a si mesmo.

Essa posição era quase inevitável se as tendências étnicas fossem lembradas.

Teólogos tão famosos como São Crisóstomo eram praticamente pelagianos, e a divergência entre o latinismo e o helenismo é bem ilustrada pela indiferença do Oriente a essa controvérsia; enquanto Agostinho trovejou, nem uma pequena onda se mexeu na Igreja Oriental.

O helenismo teve um instinto mais científico do que seu rival latino; em sua visão, não só houve um trabalho contínuo do Espírito de Inspiração no passado em todas as épocas e todos os povos, mas no mundo futuro nenhuma ruptura pode ser pensada na continuidade desse processo redentor que deve prosseguir até que a educação de toda a família do homem esteja concluída.

Continuando com os princípios de continuidade,

não há na visão helenística nenhuma base real para a distinção freqüentemente feita [p.061] entre o sagrado e o secular, como se o universo fosse construído em compartimentos impermeáveis; não existe "científico" e "religioso", pois tudo o que é verdade é religioso.

O helenista não rotulará nada comum ou impuro, muito menos chamará a humanidade de 'massa de sujeira, lama e pecado', como Agostinho, ou chamará a grande maioria de 'reprovada' como Calvino, ou o próprio 'esterco eleito'! como Hooker. Ele também não saberá nada sobre o abismo que, desde os dias de Agostinho, separou para toda a teologia ocidental os "reinos" da Graça e da Natureza.

Em harmonia com o dito acima está o menor peso atribuído pelos helenistas a qualquer organização externa. Isso eu já observei (pág. 31 deste livro) No entanto, seria um anacronismo seguir escritores como Allen ("Continuidade do pensamento cristão") e ler no helenismo primitivo nossa frouxidão moderna com respeito a seitas e ritos. O helenismo não é uma antecipação do protestantismo; dá peso à ordem eclesiástica; reverencia ou pelo menos respeita a Tradição e o Precedente, mesmo quando não segue cegamente seu exemplo.

Para a Igreja, ele olha para cima como para a nossa mãe espiritual (mas sem formular qualquer teoria rígida de suas reivindicações ou organização), cujos Sacramentos iluminam e purificam. [p.062]

Mas a base sobre a qual o helenismo se apoiava era mais ampla e abrangente do que a de sua irmã

latina, era de medida ampla, enquanto o latinismo era de medida estreita. Para Alexandria, todos os bardos e sábios, todos os filósofos, são tão verdadeiramente, embora não tão plena ou adequadamente inspirados, como os da Judéia, pois o espiritual está em toda parte. Os próprios Sacramentos são uma extensão daquela ordem comum que ainda é Divina e eterna. Como a Encarnação é "natural" em um sentido verdadeiro, eles também o são.

A adoração da Natureza dos helenos, que colocava uma divindade em todos os lugares no riacho e na floresta, no topo da montanha, no vale solitário, perto da costa do oceano, encontraria uma incorporação adequada em tal visão dos ritos cristãos; enquanto para o latim, cuja religião era dura e escassa, os sacramentos tendem a se tornar sinais arbitrários e canais de graça, pontes lançadas sobre o abismo que separa o homem de Deus. [p.065]

SEMITISMO (LATINISMO CARTAGINÊS).

Conforme nós, por assim dizer, escavamos os depósitos que as eras de civilização religiosa deixaram para trás, descobrimos duas camadas distintas, embora desiguais, que se unem para formar o que conhecemos como cristianismo latino. Coexiste com o elemento latino outro, derivado de fontes semíticas, que até hoje persiste como força viva.

Tendo em mente que a teologia latina teve seu

berço, não em solo europeu, mas em solo africano, onde os colonos latinos respiraram por muito tempo uma atmosfera saturada de concepções púnicas, o caráter composto dessa teologia torna-se fácil de entender. (n.t. púnica = referente a Cartago, o termo vem de PhOeNICia. Os fenícios fundaram Cartago por volta de 814 a.C.)

Nova Cartago foi, de fato, construída na confluência de duas civilizações, a latina e a semítica (fenícia).

Tão grande foi o papel desempenhado pelos semitas na história do pensamento religioso, não só no fato de que o Antigo Testamento foi obra de mãos semitas, mas também na influência profunda, embora indireta, do semitismo no "Cristianismo ocidental, que um poucas páginas devem ser dedicadas aqui a um rápido esboço dos semitas de sua origem, seus credos e ideais religiosos. [p.066]

No início da história europeia, as costas do Mediterrâneo foram o lar de três grandes civilizações religiosas: helênica, egípcia, semita; um pouco depois veio a latina, igualmente importante. Com o egípcio, não precisamos nos preocupar; morreu sem testamento e não deixou herdeiros de seu pensamento.

Mas o helenismo, o latinismo, o semitismo ainda vivem. Eles estão em nosso meio e, muitas vezes, mesmo quando não sabemos disso, formam nossos ideais e ajudam a moldar nossos pensamentos. Na verdade, a história da teologia é em grande parte a história de suas guerras, ciúmes, alianças e desenvolvimentos.

No fato de que o título colocado sobre a cruz foi

escrito em hebraico, em grego e em latim, temos um prenúncio do curso do pensamento cristão. Muitos séculos antes da era cristã (não se pode fixar uma data precisa) tribos semíticas colonizaram aquele vasto distrito que mais ou menos vagamente conhecemos como Mesopotâmia, situado entre o Golfo Pérsico, as montanhas Zagros e a Arábia.

Foi aqui que, favorecidos pelo solo, grandes impérios se fundaram e se desenvolveram civilizações militares e sacerdotais.

Fora dos territórios assírios e babilônios estritamente assim chamados, encontramos também na [p.067] Arábia e no estreito istmo entre o Mediterrâneo e o deserto (que forma uma passagem entre o grande império do Nilo e seus rivais do Eufrates) um grupo de tribos semíticas menores, por exemplo, Moabe, Amon, Edom, Israel , etc.

Sem dúvida, tons de diferença podem ser detectados de muitas maneiras entre os vários membros do vasto agregado semita. Alguns eram tribos pastoris rudes. Um ramo era quase exclusivamente marítimo; outros formaram comunidades altamente organizadas.

Alguns membros do sistema eram de um tipo mais suave e mais voluptuoso, outros de um tipo duro e cruel; alguns crueldade e sensualidade unidas; mas, via de regra, em todos os lugares existiam as mesmas tendências gerais. No semitismo, as forças naturais personificadas, principalmente as destrutivas e reprodutivas, tornaram-se divindades. Atributos sexuais recebem

destaque especial e as divindades femininas são numerosas e influentes. Parece existir evidência que indica que originalmente um laço de parentesco entre o deus e seu adorador foi reconhecido, mas na prática raramente era assim. As divindades eram vistas como distantes, e os adoradores eram pouco mais do que escravos. Não raramente a divindade semítica era cruel e sem piedade. A característica especialmente odiosa de certos credos semitas é a combinação de luxúria excessiva com crueldade excessiva. [p.068]

Na Babilônia, multidões de prostitutas cercavam certos templos, e ser virgem constituía uma desqualificação para o casamento.

A crueldade assíria era hedionda, acompanhada por uma sensualidade igualmente revoltante.

Essas religiões são freqüentemente marcadas por uma tendência orgiástica selvagem, meio luxuriosa, meio sanguinária; o impassível oriental quando despertado torna-se o mais frenético dos foliões, o mais licencioso dos adoradores, o mais impiedoso dos devotos.

Na Arábia, as meninas costumavam ser queimadas vivas pelos pais. (*) A presença dos pais no sacrifício e a entrega voluntária dos filhos pela mãe eram pontos da maior importância.

Sem dúvida, no Semitismo havia elementos mais nobres e suaves, e com esses ideais mais elevados e uma seriedade de tom que explicam sua adequação a destinos elevados como o pai do Judaísmo e indiretamente do Cristianismo.

Nem todas as divindades semitas eram cruéis. Houve festivais luminosos e alegres com dança e

música em homenagem à Rainha dos Céus. Especialmente seria esse o caso em tribos pastorais que preservavam mais os costumes antigos, visto que na história hebraica primitiva notamos uma tendência mais alegre do que em sua literatura posterior.

(*) E. Smith, *"Religion of Semites"* p. 370. [p.069]

Geograficamente, pois os antecedentes físicos não devem ser esquecidos, os credos semíticos em geral se originam em regiões quentes e áridas, onde o deserto escaldante ou a planície monótona se alternam com o oásis verde. Em tais cenas, o homem é diminuído enquanto a Natureza é todo-poderosa e opera por contrastes que sugerem dualismo, ou por exibições de força que geram terror e levam à resignação. Em tais ambientes, o principal atributo da divindade é o poder; enquanto o afastamento do homem, não a beneficência ou proximidade da humanidade, é sugerido. Naturalmente, falta plasticidade em credos desse tipo. Esses ambientes tendem a deprimir e, por lembrar o homem de sua insignificância, a encorajar o crescimento do despotismo. Aquele livre desenvolvimento das faculdades, que é essencial para o amadurecimento da liberdade, é desencorajado.

A tendência é para um círculo estreito de idéias, para duras visões da vida e do destino e para uma dureza de fibra bem exemplificada no povo judeu. Nesses casos, a vida religiosa, por ter um alcance mais estreito, costuma queimar com mais

intensidade; o zelo religioso pode ser concedido ao semita -- em nenhum outro povo mais adequadamente é reunido o material com o qual o profeta é formado. E se as fantasias brilhantes e alegres da lenda helênica, as belas humanidades de antigamente, estão em falta, ainda assim muitos mitos sugestivos ocorrem no semitismo, as principais lendas da Criação e do Paraíso são semíticas. [p.070]

Talvez as três civilizações semíticas contendo os elementos mais repulsivos fossem a Assíria, a Babilônia e a Cananéia; desta última linhagem eram os Fenícios, os fundadores de Cartago. Do credo que professavam, sabemos que reteve muitas das mais características crueldades do semitismo. Até mesmo os severos romanos ficaram horrorizados com a hedionda adoração de Moloch em Cartago.

Lemos sobre soldados romanos surpreendendo esses adoradores em seus sacrifícios e sendo atingidos por um horror tão grande que resgataram as vítimas e enforcaram os sacerdotes. No entanto, esses sacrifícios, embora proibidos, continuaram em Nova Cartago, quando sob o domínio romano, pelo menos até o primeiro século cristão.

Não preciso tentar contar aqui, mesmo em linhas gerais, a conhecida história da colonização fenícia.

Esse povo ocupou, de fato, uma posição bastante singular na história antiga, em sua devoção exclusiva ao comércio e colonização, evitando a guerra sempre que possível.

No entanto, os fenícios deram à luz o maior capitão da antiguidade, e Tiro custou a Alexandre, o Grande, mais problemas para capturar do que

qualquer outra cidade da Ásia. Cartago, sua colônia mais esplêndida, contava na data de sua queda 700.000 almas e reinou por séculos como rainha do Mediterrâneo, enquanto Roma era pouco mais que uma aldeia; [p.071] e embora sejamos compelidos a aprender sua história por meio de relatos fornecidos por seus amargos inimigos, mesmo estes não podem obscurecer o brilho de sua fama.

Não tenho intenção de conduzir uma teoria até a morte; há espaço para uma razoável diferença de opinião quanto à extensão precisa da influência semítica que suas associações cartaginesas exerceram sobre o cristianismo latino.

No entanto, que essa influência foi profunda e permanente, fatos abundantes testemunham, a menos que eu os tenha interpretado de maneira totalmente errada.

O solo cartaginês foi por muitos séculos o lar de um semitismo intenso antes da imigração latina.

E a rapidez com que os colonos absorvem as influências que os cercam é um fato de que a história fornece exemplos abundantes.

E a influência mútua teria sido ainda mais provável devido às afinidades que parecem existir entre as mentes latina e oriental.

Certamente os pontos de contato entre a teologia latina e o semitismo são impressionantes, qualquer que seja a explicação.

Ao lermos as linhas odiosas nas quais Tertuliano, (*) e seu discípulo Cipriano se regozijam com a alegria antecipada de um dia contemplando os tormentos dos condenados, [p.072] é difícil não sentir que aqui temos uma sobrevivência da

exultação com as agonias dos inimigos cativos que os monumentos assírios revelam.

(*) De Speet, xxx.

Podemos dar um passo adiante aqui. As torturas retratados em monumentos assírios são, na verdade, punições por heresia, por desobediência ao Deus que é Rei.

É, então, significativo lembrar que precisamente naquele solo onde o semitismo foi por séculos a força espiritual dominante, o grito de vingança contra a heresia recebeu o consentimento formal e racional do maior dos doutores latinos.

Também vale a pena considerar que tanto em latim como em teologia semítica é a tendência aparente de venerar o poder ao invés da bondade ou razoabilidade na Divindade.

O primeiro grande teólogo cartaginês fez do medo a base do arrependimento. É óbvio que uma Deidade que é temida deve ser apaziguada. É pelo menos uma coincidência notável com a visão semítica de Deus e a necessidade de propiciá-Lo, (*) que em um latim tão típico como Cipriano encontramos repetidamente a ênfase colocada na necessidade de "apaziguar", "satisfazer" Deus.

* Para apaziguar a Deidade impiedosa, tudo deve ser abandonado: - a castidade da donzela; o filho único como o mais valioso; a criança, como a mais pura; O convidado; o amigo do peito. [p.073]

O contraste com o helenismo inicial é muito

sugestivo aqui. A lição ainda não foi completa e justamente extraída que a contemplação de duas versões simultâneas do Evangelho (em Cartago e em Alexandria), tão opostas em pontos vitais, deve ser sugestiva à mente imparcial.

Outros pontos de contato que podem ser nomeados entre o latinismo e o semitismo são estes: uma tendência a uma baixa avaliação do homem cuja distância de Deus é enfatizada uma inclinação a visões pessimistas de seu destino, um tom duro e insensível, um viés para o sacerdotalismo, uma prontidão para aceitar alguma forma de fatalismo (diluído no que é conhecido como predestinarianismo na teologia ocidental). Explicações plausíveis podem, talvez, ser oferecidas para explicar alguns deles. Me contento em apontar a semelhança que é, no todo, clara; enquanto o contraste geral com o helenismo, não é menos evidente.

Devo pedir àqueles que são estudantes imparciais de Agostinho que lembrem a marcante união em seu elaborado sistema de teologia de uma aspereza cruel e uma acentuada sexualidade de tom - significativo naquele que foi o grande Doutor ocidental, dando forma e moldando durante séculos o pensamento religioso de toda a Igreja latina.

Aqueles que se lembrarem do rápido esboço do semitismo dificilmente poderão [p.074] deixar de ser atingidos pelo paralelo aqui entre o teólogo e o semita de outrora. Alguma outra explicação pode vir além daquela que os fatos amplamente tomados parecem sugerir.

Não pretendo decidir - "peritiores judicentes"

("deixo para juízes mais qualificados"). Mas pode-se notar que nas teorias de Agostinho a "sexualidade" é dolorosamente proeminente, * mais do que isto (ao que parece), é forçada a uma proeminência tão grande que muitas passagens não convém nem tentar traduzir para o inglês.

* Até mesmo Harnack os chama de "repugnantes".

[p.075] (3 páginas em branco) [p.077]

LATINISMO

Na história do latinismo, assim como do helenismo, a conquista e a colonização desempenham um papel importantíssimo.

Quando o longo duelo entre Roma e Cartago terminou com a queda desta última, uma nova Cartago foi fundada e colonizada por colonos latinos. Aqui romano e cartaginês se encontraram e se misturaram; a lei, as maneiras e a fala latinas foram enxertadas em um tronco púnico e produziram um tipo bem diferenciado.

Aqui, e não em Roma, ou na península italiana, onde a primeira Igreja foi helenística, foi o berço do cristianismo latino.

Aqui foi fundada uma escola de teologia da qual Tertuliano é o primeiro Doutor que conhecemos, apaixonado, estreito, impetuoso, cruel, mas sempre vigoroso e prático.

Sobre a Igreja do Norte da África, só isso precisa ser dito aqui, que sua ascensão foi rápida, seus

adeptos generalizados, seus bispos contados às centenas, e que vigor e seriedade, tingidos com uma certa mistura de [p.078] puritanismo primitivo, marcou seu espírito desde o início.

Detalhes e datas são, num esboço tão breve como o presente, impossíveis; deve bastar acrescentar dois fatos de algum significado.

Em nenhuma outra Igreja as lutas internas foram tão amargas como aqui. Guerra até a morte, guerra travada sem piedade, remorso ou escrúpulo, despedaçou esta igreja florescente, quando o docetista se levantou contra o católico. Nenhuma outra Igreja da antiguidade foi atingida por uma ruína tão completa como esta. Extinção, e não apenas desolação, era o destino reservado para a Igreja de Tertuliano, Cipriano e Agostinho.

Existem poucas coisas mais impressionantes do que o grande papel desempenhado pelo continente africano no campo da teologia primitiva. Em solo africano nasceram os três Pais que se elevam acima de seus companheiros, cujo significado é para todos os tempos, a saber, Orígenes, Atanásio e Agostinho.

A África, portanto, reivindica como seus filhos os maiores nomes ao mesmo tempo na Igreja Oriental e na Igreja Ocidental.

Foi um africano de nascimento que decidiu uma das questões mais importantes apresentadas à Igreja primitiva, que mais do que qualquer homem resolveu para sempre a grande questão se o Cristianismo deveria descansar em uma base trinitária ou com Ário [p.079] cair em um politeísmo virtual, * e então finalmente afundar com Socinus em uma fé humanística.

Em solo africano, em Alexandria e em Cartago, foram desenvolvidas as duas grandes escolas de teologia que realmente marcam o divisor de águas teológico.

Foi um africano fiel ao tipo que idealizou aquela representação do pensamento cristão que, em suas três características, legal, sacerdotal, predestinarista, espalhou-se por todo o Ocidente. Foi um africano de nascimento que em Alexandria elaborou aquela versão anterior e melhor do Evangelho que por quatro ou cinco séculos foi dominante na Igreja Oriental, que hoje está acordando de seu sono e se propõe a recuperar seu império primitivo e ascendência, e, pelo menos em espírito, para dominar o pensamento moderno, como ao mesmo tempo Liberal, Católico e Evangélico, no melhor sentido.

No geral, a figura mais notável em toda a história eclesiástica é o africano que, no início do século V, inconscientemente, mas verdadeiramente realizou o sonho de Aníbal conquistar, não pelas armas, mas pelo intelecto, todo o mundo romano.

* Para Ário, Cristo era de fato Deus, mas apenas um Deus secundário; e - é a fraqueza especial do arianismo que quanto mais ênfase ele coloca na divindade de Cristo, mais claramente ele se torna politeísta. É quase politeísmo na roupagem do monoteísmo, enquanto o trinitarismo é monoteísmo na aparência do politeísmo. [p.080]

Nem o sinal de boa sorte de Roma se exauriu com a ascensão de Agostinho no meio da crise de seu

destino, como explicado acima, com uma teologia "desde a maneira que nasceu", adaptada em sua essência às necessidades romanas.

Não muito depois da morte de Agostinho, toda a Igreja do Norte da África pereceu como força viva, e com ela pereceu o único poder capaz de resistir seriamente às extremas reivindicações papais. Pois a política romana é construída de dois fatores, um nativo e outro colonial. Seu sistema dogmático está em sua raiz cartaginesa; seu papado é cultivado em casa.

Se a Igreja do Norte da África tivesse continuado a crescer e a produzir intelectos vigorosos do tipo de Tertuliano e Cipriano, a Igreja filha poderia ter se mostrado uma rival formidável para a mãe. Pois pouca ternura foi demonstrada pelos mais ilustres clérigos africanos à ascensão da supremacia de Roma, e no ensino dos três doutores cartagineses havia elementos inconsistentes com as reivindicações papais.

Assim, a teoria episcopal de Cipriano, se estritamente executada, é inconsistente com o Papalismo "*Episcopatus unus est cujus a singulis in solidum pars tenetur*". *

* De Unit. Observe o fraseado legal! É um transferidor, não um teólogo, quem está escrevendo.
(n.t. [tentativa de tradução]*: "O episcopado é aquele em que cada um tem uma parte de forma conjunta.")*
[p.081]

E em Tertuliano e Agostinho havia elementos puritanos tendendo para Genebra, o que Roma

rejeitou na medida do possível.

Mas a extinção da Igreja do Norte da África pelo Islã deixou para Roma liberdade para desenvolver suas reivindicações de supremacia eclesiástica.

Roma há muito tomava empréstimos nos mercados intelectuais, e em grande escala.

Dos gregos, a Roma pagã já havia levado sua arte, ciência, poesia, pintura, filosofia. Dos gregos, a Igreja Romana adotou a fé nicena e aceitou os grandes Concílios Ecumênicos, todos orientais.

De Cartago Roma copiou o modelo de sua primeira frota, como agora de Cartago ela pegou emprestada a teologia agostiniana, e muito mais.

O famoso argumento de Tertuliano contra os hereges com base na prescrição, ela considerou uma arma conveniente, em plena harmonia com seu espírito.

O sacerdotalismo de Cipriano (na íntegra) e sua teoria episcopal (em parte) Roma tomou; enquanto de Agostinho seus empréstimos foram por atacado. Mas aqui, também, é preciso cautela, pois o agostinianismo é uma droga tão forte que precisa ser diluída antes de ser generalizadamente usada com segurança. [p.082]

Havia muitas palavras duras a serem eliminadas, muitas coisas que precisavam de uma revisão criteriosa e algo a ser escondido; mas sobre o agostinianismo em seu espírito Roma permaneceu fiel, * "Grattez le Latin et vous trouverez le Carthaginian". (n.t. "Raspe o latino e você encontrará o cartaginês")

É bom começar nossa discussão com uma confissão franca de tudo o que há de excelente no

latinismo. Muitos e de longo alcance são os méritos desse tipo.

A imponente estrutura do Direito que o gênio latino espalhou por todo o Ocidente exige nosso louvor; nas melhores mentes latinas, há firmeza e reverência, um senso mais profundo de ordem e santidade do lar, um sentimento de pecado mais arraigado do que o helenismo exibe. E não é menos verdade que o mesmo tom firme e prático distingue, em geral, o cristianismo latino. Se tem menos originalidade que sua irmã, teve mais sobriedade; se for menos especulativo, tem mais autocontenção.

Quaisquer que sejam suas falhas, o papado foi um mestre construtor, e seus esforços foram recompensados por uma estabilidade que seu rival jamais possuiu.

Inestimáveis foram os serviços do cristianismo latino em manter unida uma Europa distraída, levando às tribos bárbaras uma fé mais pura e uma mensagem que era um chamado a uma vida mais elevada, não apenas no além, mas aqui.

* Até o século XVIII, quando foi lançada a Bula Unigenitus. [p.083]

Por uma feliz contradição, a Igreja Romana, embora em teoria autocrática, forneceu o elemento mais democrático da vida medieval. Era ao mesmo tempo forte e flexível.

Na verdade, às instituições romanas podem ser atribuídas, em última instância, as organizações municipais da Europa moderna, que se tornaram os

viveiros da liberdade. Mesmo nas estreitas concepções de Roma sobre a unidade da Igreja, estava embutido um grande princípio, um protesto contra o isolamento indevido; rígidos, como eram, eram uma afirmação do valor da vida corporativa; eles formaram uma certa aproximação com o ensino da solidariedade da família humana. A fórmula romana, se não a mais elevada, era talvez a mais viável na época. Roma tinha aqueles instintos de estadista que estão entre os dotes mais raros de qualquer povo. Em primeiro lugar, talvez, entre eles estava sua adesão constante a uma grande ideia. Quando tudo ao seu redor estava balançando, quando a Europa cambaleava sob os golpes das hordas de bárbaros, fossem os hunos, os teutões ou os muçulmanos ameaçando, sua resposta era sempre a mesma.

O segredo do sucesso da Igreja latina tem sido "Isso eu faço"; um centro; um propósito ; uma cabeça ; [p.084] um ótimo médico; um esquema de pensamento, uma disciplina uniforme, além disso, apenas uma língua e um ritual em todos os lugares no serviço eclesiástico.

A história não nos apresenta nenhum exemplo de vitalidade étnica tão notável quanto aquele pelo qual, dos elementos podres do imperialismo, foi desenvolvido um novo e melhor império; do solo que mil excessos não haviam esgotado, cresceu um resultado mais digno, mais vasto, mais majestoso do que nunca - o Papado Romano.

Não são poucos os mestres cartagineses que estão intelectualmente na linha de frente, nem nos impressionam mais por seu gênio do que por seu

zelo abundante, sua fervorosa lealdade à Igreja e seu tom prático.

Mártires tão nobres como Perpétua, Felicitas, Satyrus, derramam brilho na Igreja do Norte da África. Tampouco seu heroísmo pode ser esquecido enquanto os homens reverenciarem a verdadeira devoção e respeito, mesmo que não imitem a fé que ousa todas as coisas, em vez de abandonar suas convicções.

A história do cristianismo latino seria deixada pela metade se não fosse, como o helenismo, rastreada até suas raízes nas tendências nacionais, nos instintos raciais e até mesmo no ambiente físico. Algo já foi dito sobre esse assunto (p. 26-28), e a influência da geografia nos diversos desenvolvimentos do latinismo e do helenismo foi parcialmente indicada. [p.085]

O helenismo era, em uma palavra, quase insular; O latinismo era continental. O latinismo teve um núcleo mais firme do que o helenismo ou o semitismo, enraizado em sua sede central naquela península que a natureza marcou para um grande papel, que por sua própria posição parece reivindicar o domínio do Mediterrâneo, que é quase um quadro reduzido do mundo, incluindo quase todas as variedades de clima, solo e configuração física.

Possuindo poucos portos e um território mais fértil, o romano lavrou seus campos, foi um lavrador e conservador; enquanto os helenistas eram marinheiros, comerciantes e liberais. No entanto, uma coisa sempre faltou à Campagna romana, a qual Hélade possuía: um ar saudável; é quase como

se a malária de sua terra tivesse ajudado a tornar o romano sombrio e severo.

Três elementos principais formam o povo romano.

Principalmente são os latinos; depois os sabinos (talvez mais precisamente as tribos oscan), um povo primitivo das montanhas. Destes dois vem provavelmente o tipo duro e frugal que chamamos de romano. Do terceiro, os etruscos, vêm elementos que errariamos pouco ao chamar de orientais, e que possuem um papel especial no desenvolvimento do latinismo. Vista religiosamente, a Etrúria era sacerdotal, enquanto politicamente era despótica, [p.086] a massa do povo parece ter sido pouco mais do que servos. Sabemos o suficiente sobre suas crenças para considerá-las sombrias e tristes e estar cientes de que as mais proeminentes de suas divindades eram malignas. *

* Restam vestígios de um antigo deus maligno italiano, Yeiovis.

A imaginação etrusca se deleitou com pinturas cruéis da vida futura, por exemplo, na representação de demônios carregando almas para punição, ou seja, cenas substancialmente iguais àquelas em que Tertuliano e Dante se deliciaram, ou que mais tarde ocuparam o pincel de centenas de artistas italianos. À Etruria Roma deve os lictores, seus machados e flagelos, e um aspecto ainda mais repulsivo dos jogos de gladiadores.

Suponho que nenhum povo tão grande como a dos romanos jamais possuiu tão pouca originalidade especulativa. O próprio nome Roma expressa

apropriadamente a impressão que causaram: designa força, resistência. O tipo romano era prosaico - nenhuma arte, nenhuma ciência, nenhuma filosofia existia; até a arte etruriana parece emprestada dos gregos. Com uma vestimenta intelectual tão escassa, esse povo iniciou a carreira que terminou em um império mundial.

Talvez nenhuma religião tão fria, tão simples em suas crenças, e ainda assim tão elaborada em seus ritos, possa ser encontrada como a romana antiga. Foi uma espécie de Positivismo - um Ritual primeiro e depois um Credo. [p.087] De todas as religiões, era a mais formal e a menos mística; era quase um culto de Estado e suas divindades eram funcionários do Estado, seu sacerdócio uma espécie de magistratura.

Digno de nota é o próprio termo "Religião", que em latim implica uma ligação, se adotarmos a etimologia mais provável, algo que agarra o homem, que o prende como uma morsa.

É impressionante o reaparecimento no cristianismo latino de tantas crenças que distinguiam o latim do helenista. O velho romano temia as suas divindades como a poderes desconhecidos, e se cobria com um véu ao sacrificar.

Daí uma grande proeminência em seu credo da idéia de propiciação (n.t. ofertas ou rituais para apaziguar o deus).

Vimos quão brilhante e livre era a relação do grego com seus deuses, "as belas humanidades da antiguidade", era muito diferente dos romanos.

Uma estreiteza peculiar e seriedade de concepção marcaram os laços entre ele (o romano) e sua divindade. Substancialmente, o mesmo sentimento sempre caracterizou a tradução latina do Evangelho. O clérigo latino é o antigo romano desenvolvido – debaixo da sobrepeliz (adereço da batina sacerdotal), aparece a toga. Nenhuma lenda graciosa foi cantada sobre os deuses latinos, nenhum mito brilhante e ensolarado descreveu suas aventuras. Eles estavam distantes e temidos; eles não se misturaram com seres humanos e geraram filhos;[p.088] a atmosfera religiosa latina era sombria e nublada.

Os latinos atribuem naturalmente a Deus a qualidade em que eles próprios se destacam. Eles são governantes por instinto; seu Deus, antes de tudo, é um Soberano.

O cristianismo latino é principalmente um artifício para o governo. Ele vê a religião como uma grande máquina ajustada na sua principal função que é recompensar e punir os homens. Quer o resultado seja condenar ou salvar a maior parte, parece a seus professores quase indiferente. Os bons são recompensados; os maus estão condenados! Quem pode pedir mais?

Que Deus é um professor, treinando como uma família toda a raça dos homens; que Ele tem um plano redentor, amplo como o mundo e que não pode falhar; que este é o significado da mensagem do Evangelho, é um pensamento totalmente estranho à mente latina.

Como resultado adicional de sua forte paixão pelo governo e zelo pela ordem, os latinos aceitaram

facilmente um sistema, de Predestinação, que é na verdade uma declaração extrema da autoridade de Deus, ordenando e governando cada criatura, fixando o destino de cada um, sem apelo e sem motivo aparente, muito antes do nascimento, uma visão que nenhum helenista jamais recebeu ou poderia ter recebido.

Onde o helenista viu na razão do homem um reflexo do Divino, e sentiu que, se assim for, na [p.089] mesma proporção que a teologia deixou de ser razoável, ela deixou de ser divina, o primeiro dos cartagineses declarou abertamente: "Eu acredito porque é impossível." É enganoso deixar de lado essas frases, como meramente paradoxais; na verdade, são uma revelação surpreendente dos ideais latinos e de tendências persistentes.

No latinismo, notamos uma certa agressividade de tom, um espírito desafiador peculiarmente próprio; tem sido inequivocamente um militante da igreja.

Precisamos apenas comparar a Apologia de Tertuliano com a de Justino Mártir ou com Atanásio, ou Clemente de Alexandria, para notar a diferença.

Diz-se que a teologia ocidental é distintamente paulina. Mas, certamente, o temperamento com que São Paulo confrontou o paganismo ateniense nos lembra muito mais de Alexandria do que de Cartago.

O cristianismo latino teve uniformemente um ar de comando, * quase de arbitrariedade, continuando assim uma velha tradição, pois antigamente os romanos ordenavam o estado como um exército; no centro de seu Panteão estava o

sombrio deus da guerra ou deus da morte Marte = "mors"(matador). Ele era a forma mais antiga e nacional de Divindade no culto italiano em geral.

* Não é um mero refinamento detectar isso na inclinação da Igreja Romana em seus primeiros dias para o que é conhecido como "Monarquianismo" em teologia. (*nt)
(*nt) Monarquianismo: Enfatiza o monoteísmo sem conseções, opos-se ao Trinitarianismo no segundo e terceiro séculos. [p.090]

A ele (Marte) se referiam às poucas lendas nacionais que circulavam. Os fundadores de Roma são seus filhos e são amamentados por um lobo, o animal sagrado para eles. Na Grécia, ao contrário, o culto a Ares, o deus correspondente, era pouco difundido e desconhecido em algumas localidades. Em Homero, Ares é o mais odioso dos deuses.
Mais do que todos os homens que já floresceram, os romanos foram organizadores desde o início.
Mesmo com Romulus, as instituições andam de mãos dadas. Numa, Servius, Tullius, Ancus, são principalmente famosos como legisladores. E o caráter jurídico do cristianismo latino, do qual terei mais a dizer, prova o quão persistente é esse aspecto. Com a organização, vem a disciplina e a ênfase na obediência; uma inclinação para ambos foi marcada tanto na Roma pagã quanto na Roma papal; via de regra, mesmo a frouxidão moral foi mais facilmente perdoada no clero latino do que a frouxidão na obediência.
Um livro tão conhecido como Retiro dos Dez Mil

de Xenofonte nos mostra o profundo contraste entre o heleno e o romano. Os soldados gregos discutem e discutem, e com total liberdade de expressão disputam cada nova ordem de seus generais.

Podemos ver em tais traços bem marcados pelo menos uma das razões pelas quais o império [p.091] do mundo não foi dos gregos, mas dos romanos.

Sendo assim, não nos surpreende encontrar no latinismo um maior respeito pela autoridade, como tal, do que no helenismo.

Descobrimos os primeiros teólogos latinos expressando essa tendência em palavras impossíveis de serem pronunciadas por qualquer helenista.

"Considero audácia," diz Tertuliano, "questionar uma ordem divina, pois nossa obediência não depende da bondade da coisa ordenada, mas da própria ordem."

Essas palavras, por mais antigas que sejam, ainda têm um toque moderno; eles nos lembram de muitas frases de Carlyle. Eles encontraram um eco exato em uma frase famosa das Confissões de Agostinho: "Da quod jubes et jube quod vis." Eles nos revelam um modo de pensamento sempre influente na teologia ocidental.

Juntando o que foi dito, não é difícil ver por que o latim se apegaria mais à ideia da Igreja como a personificação visível da autoridade e enfatizaria mais o episcopado do que os helenistas, que parecem ter conhecido pouco ou nada da teoria da sucessão apostólica.

Outra razão, também, talvez seja esta: que a Igreja, como um organismo divinamente dotado, era uma cidade de refúgio, aparentemente [p.092] dá uma certa promessa de salvação, duplamente bem-vinda sob os céus nublados do latinismo e suas escassas esperanças.

Isso não quer dizer que o helenista fosse indiferente à afirmação da Igreja. O que quero dizer é que a Igreja era para o latim mais do que para o helenista; não apenas era mais definida, mais concreta, mas tinha o monopólio da salvação, em um sentido que os primeiros helenistas nunca, de fato, reconheceram. Até hoje, o Oriente difere do Ocidente neste ponto.

E, no entanto, lado a lado com essa concepção estreita da Igreja, fermentava lentamente na mente latina, desde o início, uma concepção rival, da qual Agostinho foi o expositor mais influente, cujo significado interno era a afirmação do *indivíduo* contra a *comunidade*.

Sem dúvida, outras forças ajudaram a preparar o triunfo dessa ideia no século XVI. O misticismo ajudou muito, assim como o monasticismo em suas formas contemplativas; o mesmo aconteceu com o sentido de dignidade humana que amadurecia lentamente, a paixão pela liberdade, a tendência crescente de confiar na razão.

Porém, mais do que qualquer indivíduo, Agostinho era o profeta inconsciente desse novo evangelho; Agostinho, ao mesmo tempo o maior filho da Igreja, e ainda o maior revolucionário, que, obediente à Igreja e observador de seus sacramentos, com sua [p.093] doutrina da *graça e predestinação*

arbitrária, ajudou a derrubar ambos.

E aqui vamos notar um aparente paradoxo de que a romana era ao mesmo tempo a mais dura e, no entanto, a mais receptiva das organizações. Arte estrangeira, cultos estrangeiros, filosofia, literatura foram bem-vindos, depois de ligeira resistência, em Roma. Roma, como os israelitas, "espoliou os egípcios". Roma "pegou emprestado" por toda parte.

Quando Jerônimo fala de "roubos do latim", ele está apenas dizendo que em teologia prevalecia o mesmo "empréstimo".

Para o realismo latino, as exceções são pouco menos marcantes do que para o conservadorismo latino. Por muito tempo, os deuses dificilmente foram indivíduos, foram pouco mais do que abstrações. Foi preservada uma fórmula que era usada na dedicação de um templo romano. "Seja você quem for", pela fórmula se diz à Divindade, "qualquer que seja o seu nome", "quer você seja homem ou mulher". Os deuses abstratos despertam pouca afeição, e essa pode ser a razão pela qual a instabilidade da fé romana primitiva contrasta tão fortemente com a estabilidade da lei e da organização romanas. Para essa estabilidade contribuíram dois fatores. Os romanos uniram duas qualidades aparentemente inconsistentes. Eles possuíam um "poder de permanência", uma coesão, que os helenistas nunca tiveram, e a isso eles uniram um "momentum" e uma energia não menos marcante.

Prosseguindo nossa comparação do latino [p.094] e o heleno, posso acrescentar outra diferença:

enquanto para o grego seu minúsculo estado ou, pode-se dizer, sua cidade, formava quase toda a unidade política, o cidadão latino cresceu (depois que as primeiras lutas terminaram) sob a sombra de um vasto Estado ou Império. O sentimento imperial estava, desde então, sempre presente na mente romana.

Intimamente ligada a isso estava a tendência centralizadora; à medida que a circunferência do território romano se alargava, *a autoridade central era reforçada* até que a República se tornasse um império. Por um processo semelhante, a Comunidade Cristã em Roma desenvolveu-se no Papado.

E como fora da cidadania romana, em geral, todos eram rejeitados, fora da Igreja todos estavam perdidos; mas em ambos os casos existia uma característica redentora. Tanto para a Igreja como para o Império, foram oferecidos termos fáceis de admissão. Assim como a púrpura imperial era usada "por godos, sírios ou camponeses, o papado poderia ser conquistado por um guardador de porcos. A cidadania era liberalmente concedida tanto na Roma eclesiástica quanto na imperial, e as mais altas dignidades estavam livremente abertas ao mérito em qualquer parte.

Mas, notemos, o viés aristocrático do latim não foi perdido, embora possa estar latente, por motivos de política.

Enquanto o Particularismo grego era, no fundo, democrático e [p.095] quando cristianizado, deu origem ao universalismo, o cosmopolitismo latino era, no fundo, aristocrático. Ele encontrou

expressão na autocracia papal, e recebeu de Agostinho uma eleição que confinou a salvação àqueles escolhidos arbitrariamente e incomparavelmente menos do que os salvos.

Ele podia ser republicano no nome, mas o romano era por instinto um aristocrata. O patrício romano tinha inicialmente o monopólio das observâncias religiosas. *O que são os eleitos do esquema de Agostinho, senão uma casta patrícia com o monopólio do favor do céu?* uma aristocracia espiritual face a face com um vasto proletariado?

O instinto imperial está intimamente ligado ao legal. "*Cedant arma togae*" é uma linha característica do romano, que podemos traduzir livremente. *Depois do Conquistador, vem o Advogado.*

Quando Virgílio descreve um típico Catão romano nas Sombras, é como ditando leis aos seus ouvintes; quando o mesmo poeta fala de César, é como trovejar ao longo do Eufrates e, então, fazer leis para os vencidos. O instinto do jurista estava embutido no romano; sua fé era uma concha, um compacto. O paganismo romano era uma espécie de processo legal.

Inevitavelmente, esse temperamento passou para o domínio eclesiástico. A Igreja tornou-se um Fórum Cristão; o Templo de Cristo [p.096] tornou-se um tribunal * onde, em uma frase familiar, o homem se encontra no tribunal do Céu, onde Deus é autor da ação e o homem é réu.

Já na prescrição e precedente de Tertuliano são feitos os testes da verdade. "Não", diz ele, "apele à Bíblia, onde sua chance de vitória talvez seja nada,

e na melhor das hipóteses duvidosa." (+) A salvação em tal Igreja naturalmente se torna um esquema estabelecido em um Pacto como por alguma Chancelaria Celestial, ou como um pacto onde as pessoas da Santíssima Trindade se sentam em conselho como plenipotenciários.

Uma mente desse tipo se ocupa com a definição. Você pode rastrear essa tendência em todos os lugares da Igreja Ocidental. Os católicos romanos adoram marcar os estágios pelos quais a alma errante deve viajar em seu caminho de volta a Deus. O penitente deve passar pelos estágios de (i) Contrição (ii) Confissão (iii) Satisfação. Por um refinamento final, verdadeiramente latino em idéia, Contrição é subdividida em duas variedades, Contrição própria e quase-contrição ou Atrição.

* Um fato que tornou essa tendência ainda mais significativa no Cristianismo ocidental foi que as tribos teutônicas, de cujas fileiras a Europa se formou em grande parte, *compartilhavam desse temperamento forense*. Assim, quando, com o passar do tempo, a liderança intelectual e religiosa passou para mãos germânicas, o espírito, se não a velha concepção legal do cristianismo latino, foi mantido.

+ De Presc. 19. [p.097]

Uma tendência semelhante leva a teologia ocidental a dividir o culto em três formas distintas, *Latria, Hiperdúlia e Dúlia*, para atribuir a cada uma uma província separada.

Com o mesmo espírito, a devoção latina não se

contentou em viajar em pensamento ao longo da via dolorosa, do tribunal de Pilatos ao Calvário; deve marcar de forma realista, como em um gráfico, quatorze Estações da Cruz.

Assim, também, a Igreja latina define seus "sete" sacramentos e "sete" pecados capitais. Na verdade, por sua elaborada classificação dos pecados em venial e mortal, ele perde a certeza moral e, muitas vezes, de fato, o Paraíso fica suspenso por um fio de cabelo na habilidade do casuísta em distinguir corretamente a classe à qual cada crime deve ser referido.

Isso também não se limita à comunhão católica romana. Podemos, por exemplo, traçar uma curva semelhante em quadrantes inesperados, por exemplo, na alegoria de Bunyan. O grande não-conformista traça como num mapa as etapas do percurso do seu Peregrino marca cada curva, descreve os degraus e os caminhos, não deixa de registrar as próprias placas de sinalização.

Essas tendências estavam tão arraigadas na Igreja Ocidental que Grotius, enquanto liderava uma revolta contra as teorias anselmianas, permanece fiel à ideia forense da Expiação; enquanto os reformadores, rebelando-se contra Roma, ainda insistiam em uma justificativa forense. Assim, ficou claro que o Evangelho [p.098] tornou-se um Código. Assim como uma nação latina famosa tem seu Código de Napoleão, o Cristianismo latino tem seu Código de Jesus Cristo.

Dois fatos podem ser posteriormente citados como ilustrações. À medida que a Igreja Ocidental cresceu, ela se dotou de um corpo especial de Leis

e um aparato de Cânones, Decretais e Decisões, que atingiu vastas dimensões. Um sistema de casuística foi desenvolvido, que é uma tentativa elaborada de codificar a moral. Assim também em Calvino, o mais vigoroso e lógico dos reformadores, reconhecemos o mesmo tipo de teologia.

Praticamente a mesma inclinação pode ser detectada em um produto latino característico dos escolásticos (embora eu esteja longe de supor que isso esgote a importância do movimento escolástico) os gramáticos da teologia, que como um corpo de inspetores eclesiásticos foram, mapa e bússola na mão, sobre todo o campo do pensamento religioso, demarcando caminhos, colocando cercas, erguendo sinais de perigo e, enquanto ajustavam os antigos, desenvolvendo novos dogmas, novas regras, inventando novos sacramentos.

A fé latina, disse Mommsen, falando da Roma pagã, procurou formar concepções distintas, atribuir-lhes uma terminologia, classificá-los em um sistema.

Portanto, na teologia cristã, a mente latina prática não descansará até que tenha [p.099] mapeado nos mínimos detalhes aquele mundo do Purgatório sobre o qual o helenismo era tão sabiamente reticente.

O poema de Dante é, na verdade, um Manual para o Invisível. É um guia não oficial, certamente, mas ilustra a ansiedade ocidental em materializar tudo, até o invisível.

O Poeta-Teólogo pode falar tanto sobre a cidade de Plutão quanto sobre a cidade de Florença; ele

pode descrever cada rua, beco e caminho.

Quando os homens professam saber, ou acreditam que sabem, tanto do que está oculto à multidão, a paixão é gerada ao mesmo tempo por governar e pela uniformidade, um desejo de exibir o conhecimento misterioso e duramente conquistado; obrigar, se necessário, a aceitação e, por meio desse conhecimento, governar.

Tão vigorosa e ao mesmo tempo tão estreita foi a centralização latina que a Igreja Ocidental sempre deu ênfase à unidade verbal. Seu clero deve sempre dizer a mesma coisa, na mesma língua, com o mesmo cerimonial.

Como é cara aos instintos latinos essa conformidade externa, pode ser vista na história do Ministro da Educação francês, que pega seu relógio e diz: "A esta hora, todo estudante na França está estudando a mesma lição." Por esse instinto, toda a colônia francesa se torna uma pequena França em miniatura, já que toda Igreja Nacional é forçada a adotar o modelo de Roma. [p.100] Seria um erro supor (como notado) que os helenistas, porque primeiro teorizaram sobre a fé, eram tão dogmáticos quanto os latinos. Mesmo aqui, a distinção é clara: a mente grega adora especular, enquanto a latina deve pesar e medir, e consequentemente levar sua régua e bússola a regiões que o dogmático grego deixou intocadas.

A mente latina não pode descansar, e não pode até hoje, até que veja tudo em preto e branco; até que toda opinião seja devidamente rotulada; até que todos os escaninhos estejam devidamente preenchidos, todos os cantos escuros iluminados.

Enquanto o Oriente permanece sabiamente contente com os primeiros seis concílios, sua irmã ocidental continuou definindo e definindo; * não apenas propôs novos credos, mas inseriu uma nova cláusula no chamado Niceno, que lhe custou caro.

A inserção do 'Filioque' no Credo gratificou dois instintos ocidentais ao mesmo tempo o amor à simetria e à definição (se o Filho é verdadeiro Deus, por que não deveria ser exatamente como o Pai?). Vimos em nossos dias dois novos artigos de fé adicionados à lista de Oredenda, a Imaculada Conceição e da Infalibilidade do Papa. Na época da Reforma e depois dela, os Artigos de Fé eram emoldurados às dezenas nas várias comunidades recém-formadas, lidando em detalhes com pontos que nunca perturbaram os grandes mestres orientais.

* É muito notável que a Igreja latina nunca tenha definido com autoridade as duas grandes questões da inspiração ou do destino humano. [p.101]

Um Nemesis seguiu no Ocidente. Buscando uma certeza absoluta em todos os detalhes, os escolásticos não se esquivaram de nenhuma discussão. Tudo foi, por assim dizer, lançado no caldeirão eclesiástico; tudo se tornou, em uma palavra, debatível onde tudo era, de fato, debatido. Mas, além disso, um vasto sistema de Racionalismo surgiu na prática do terror latino da Razão, por exemplo, a mutilação da Sagrada Comunhão ao reter a taça por motivos puramente racionalistas; toda a teoria e prática das indulgências, etc.

O realismo latino, que no primeiro doutor ocidental, Tertuliano, atribuiu sem hesitação um corpo a Deus, persistiu no Ocidente, embora em forma menos rude, tem de ter algo que possa ver, tocar e manusear, deve ter pelo menos um Cabeça e Pontífice visíveis. E à medida que o peso e a pressão das questões eclesiásticas aumentavam, a mente latina, impaciente com a indecisão, sempre foi atraída pela ideia de infalibilidade.

E essa ideia, uma vez admitida, nenhuma outra solução era realmente possível do que localizar essa infalibilidade onde o Vigário de Cristo estava sentado. Para tudo isso contribuiu ainda outro fator [p.102], ou seja, a tendência ocidental de colocar Deus à distância, para substituir a Deidade Imanente do Helenista, *o Deus absconditus* do Oriental (em verdade, Tu és um Deus que te esconde. *Isaías 45:15*), portanto, um Papa à mão era uma compensação para um Deus distante.

Ao apontar como acima a relação dura e sombria que prevaleceu entre o antigo romano e seus deuses e que passou para o cristianismo ocidental, indiquei os fatos apenas parcialmente. A relação entre o antigo latim e as divindades que ele venerava era amplamente mercantil. O sacrifício do romano era devido ao interesse próprio, e o comparecimento à oração era uma barganha.

A semelhança do latinismo em não poucos pontos com o tipo oriental (n.t.:semita) é um fato ao qual chamarei atenção mais adiante; aqui somos lembrados do estreito paralelo entre esse aspecto e a oração de Jacó. * Os deuses confrontaram o antigo romano da mesma forma que um devedor

faz com seus credores, ele pagou sua dívida, fosse mercantil ou religiosa, com o mesmo espírito, mais, às vezes pagou demais sua dívida religiosa, tendência que tem seu paralelo teológico nas obras de *supererrogação (n.t.: fazer mais do que o dever impõe)*.

* Gênesis 28: 20-22,

Assim, nem um pouco de luz é lançada sobre os desenvolvimentos da teologia medieval. As Indulgências, que despertaram a ira de Lutero, [p.103] e acenderam aquela chama que irrompeu em um incêndio, ao vender o perdão da Igreja por uma tarifa fixa estavam seguindo um instinto étnico.

O livro Mediaval ("Taxas de Penitência Apostólica")* ainda pode ser lido, com escala anexada e cuidadosamente ajustada, pela qual a remissão pode ser obtida, não apenas, ao que parece, para a punição temporal devido ao pecado, mas, para usar as palavras do Papa Bonifácio VIII, "a mais completa remissão de todos os pecados" pode ser obtida. Os impostos são graduados com habilidade e cuidado, e até que ponto esse tráfico vil só pode ser adequadamente compreendido por aqueles que dedicaram estudo especial a um assunto desagradável. A Igreja possui as chaves de um vasto tesouro e abrirá as suas portas, mas sempre por um preço!

* Taxes of the Apostolical Penitentiary, Dublin, 1872.

A Igreja Ocidental, como qualquer comerciante, tem sua tarifa; ela é banqueira e mantém as contas de seus clientes. Ela é dona de um grande contador eclesiástico, onde a culpa é avaliada, onde os pecados são devidamente multados e os *méritos podem ser transferidos*.

Ela tem seu conjunto de altares, onde as indulgências que podem ser obtidas e os termos oferecidos estão devidamente listados. O pecado e a graça tornam-se questões de contabilidade. É natural suspeitar que os instintos comerciais do cartaginês reaparecem aqui e se afirmam na teologia latina. [p.104]

"Nem são essas tendências meramente papais; são latinas e ocidentais, são comuns em espírito a muitos anglicanos e não-conformistas e ao Papa. Ao abandonar Roma, permanecemos *latinos* no coração. Nosso protesto contra seus erros ainda nos deixou no fundo apaixonados pelos ideais latinos.

Por ficção, um pecado de Adão que nunca cometi é "imputado" a mim; uma *entrada* é então, por assim dizer, feita, e minha conta com a Igreja é debitada com muita culpa. Tendo começado de forma tão auspiciosa, a Igreja passa a ajustar a escala, atribuindo a meu crédito um mérito que não é meu. Um pecado por procuração e, por procuração, sou salvo. Você pode, nunca é demais dizer, negociar como se estivesse em uma bolsa de valores celestial. Seja o mérito de algum santo ou do Rei dos santos, o princípio é o mesmo.

Essa ideia de excedente ou mérito sobressalente em sua forma mais simples nos encontra muito cedo na Igreja latina. "Se você puder fazer algo

além do que Cristo ordena, obterá mais honra e dignidade do que teria obtido de outra forma. * Aqui está uma luz significativa e muito interessante lançada sobre os métodos e conceitos latinos.

Se eu acumular mérito, não posso *transferi-lo*? era uma conclusão quase certa a ser alcançada, e logo alcançada de fato, como mostra a literatura teológica ocidental.

* Hermas. Simil v. 3. Cipriano tem a mesma ideia - De Lapsis. [p.105]

Mesmo nossos amigos evangélicos não foram salvos por seu zelo contra Roma desta tendência ocidental arraigada. Enquanto escrevo, o Sr. Gladstone * aponta como esta turma dá à grande operação salvadora do Evangelho "o ar de uma barganha em uma loja, em que se passa uma moeda no balcão e se recebe uma mercadoria em troca".

* Revista Evangélica, dezembro de 1894.

Raramente a ironia da história foi mais completa. Quase quatrocentos anos depois da revolta contra o escândalo do tráfico de perdões, vemos que os mais vigorosos protestantes não tiraram o Evangelho do recinto da loja e a moeda passou pelo balcão! Pecamos e, por assim dizer, Deus dá um recibo com o valor total recebido na Cruz! -- tão persistentes são as tendências latinas.

As nações latinas de hoje mostram-se descendentes de Roma em um ponto que tem um

doloroso interesse teologicamente. Historiadores populares como Creasy comentam livremente sobre "a brutalidade selvagem que deforma o caráter nacional romano". Romanos “rudes e brutais” é o veredicto do professor Mahaffy palavras mais do que justificadas quando nos lembramos da arena e seus esportes hediondos, onde as mulheres se ultrajavam no palco, onde lutavam nuas em público; [p.106] onde os criminosos foram - mutilados publicamente; onde Hércules foi literalmente queimado vivo e Orfeu dilacerado membro por membro *; onde foi privilégio da virgem vestal dar o sinal e ver a espada cravada profundamente nas entranhas palpitantes.

Tito, "a alegria e o orgulho da raça humana", tendo crucificado judeus aos milhares, expôs suas mulheres e filhos nos jogos públicos a serem dilacerados por feras. O gentil Gordian forneceu 1.000 pares de gladiadores para seu triunfo. Trajano, um dos melhores imperadores romanos, concedeu 123 feriados, nos quais 10.000 combatentes se mataram como um passatempo. A lei romana permitia que o devedor fosse cortado em pedaços. Tertuliano nos diz que quase até seus dias o Júpiter latino foi apaziguado por sangue humano, se em Cartago ou em Roma, não está muito claro em suas palavras. (+)

Santo Ambrósio (#) fala em açoitar um escravo até a morte em termos que parecem mostrar que não era muito incomum. Taciano mostra que os sacrifícios humanos a Júpiter e a Ártemis existiam em seus dias.(&) A crucificação era a pena de morte comumente concedida a um escravo.

* Ozanam Hist, de la civ. eu. 87, i. 216. Cfr. Tert. Apol. 15. (+) Adv. Gnost. 7. (#) De Nab. v. (&) Ad. Grec. 29

É fácil responder que o cristianismo tenderia a suavizar tudo isso. [p.107] Isso é verdade; mas há algo tão verdadeiro quanto e freqüentemente esquecido que é que a crueldade romana endureceria seu cristianismo. E isso é ainda mais verdadeiro quando lembramos que a teologia do Ocidente era tanto cartaginesa quanto latina, nutrida em solo e por uma cultura ainda mais cruel que a romana.

O pai romano era um déspota com o poder de explorar seus filhos e possuindo o direito de confiscar todos os seus ganhos, ou de condená-los à morte, mesmo quando crescidos, por qualquer forma que quisesse. Era mais difícil emancipar um filho do que um escravo. A esposa de um homem era, por curiosa disposição, filha de seu marido, praticamente um pertence (*res*).

A tenacidade de vida demonstrada pela *pátria potestas* por longos séculos na história romana é notável. O Estado Romano era uma aglomeração de despotismos mesquinhos. Havia tantos como famílias. Diz-se que uma esposa em Roma foi condenada à morte de fome por simplesmente abrir a adega.*

* *Tert. Apol. 6*, copiando a história de Plínio, que por sua vez a toma de Fabius Pictor.

Mais, podemos ver o processo de endurecimento, como, por exemplo, na passagem acima citada de Tertuliano. Se alguém se interessar em ler todo o contexto, poderá obter algumas dicas sobre a reação no Cristianismo de crueldade e brutalidade deste povo. O curso do [p.108] Cristianismo latino confirma tudo isso; sua história está manchada de sangue. Não muitos séculos se passaram antes que seus sacerdotes começassem a clamar pela morte de hereges e logo convertessem em prática suas teorias. Agostinho advogou constante e deliberadamente a perseguição religiosa, como mostra sua teologia amadurecida. * Essa cultura naturalmente fundou a Inquisição.

Instintivamente perguntamos: Que chance teve a concepção de um Deus que é Amor em mãos como essas? Por meio de tais canais, a teologia ocidental chegou até nós. Hoje estamos bebendo poços que a crueldade latina e cartaginesa contaminou.

Tal teologia inevitavelmente reverte para o medo como base. Seu Deus tende a se tornar um César, um Autocrata de todos os Céus, que emite *ukases* (n.t. Russo para decreto) para uma nação de servos. Esta é, em essência, a concepção agostiniana despojada de belas frases. Seu Deus decreta em busca da "justiça mais oculta" (palavras largas o suficiente para cobrir qualquer coisa) Inferno ou Céu como Ele quiser. Logo a "justiça oculta" de Agostinho se tornou o "decreto horrível" de Calvino. Ao voltar ao pecado e ao medo e à pena como bases da teologia, a Igreja latina estava voltando às idéias étnicas primitivas, mas estava abandonando a concepção central do Evangelho: "Amor". Tal base

pode ter sido [p.109] pagã ou semítica - não era cristã.

* Ep, 93, 97, 173, 185. Gaudi.

É curioso encontrar Políbio percebendo esse medo de punição futura em sua época como exercendo uma poderosa influência sobre os romanos, e notar exatamente com o mesmo espírito o primeiro dos teólogos cartagineses tocando aquela nota que dominou todo o cristianismo latino. MEDO, diz Tertuliano, é o meio de obter arrependimento, sem medo, sem emenda. *

Essas concepções do Ser Divino e esse medo de incorrer em Sua ira, por sua vez, reagiram na vida secular. A vingança recebeu uma nova sanção, a vingança e a crueldade foram quase canonizadas.

Consequências desastrosas foram sentidas em toda parte no Direito, na Moral, na Política; conseqüências superando em muito aquele raio de luz que pode ser detectado na base dessas dolorosas visões de Deus, a saber, um senso mais profundo de pecado do que o helenismo possuía, uma compreensão mais forte da certeza do julgamento por vir. Enquanto isso, enquanto os cartagineses aumentavam a ira divina como a mais real e vingativa ao mesmo tempo, Clemente de Alexandria ridicularizava a ideia de que Deus estava realmente zangado, "como uma bruxinha velha!", como ele diz. Nem afirmo aqui que os cartagineses estavam totalmente errados e os alexandrinos totalmente certos; só quero apontar quão *infinita* é a diferença entre as duas teologias.

* De Pen. 2. [p.110]

O latinismo, desde o início, está disposto a dar ênfase especial à Expiação. Satisfazer e apaziguar o governante irresponsável é a primeira necessidade. Ficamos impressionados com as referências até mesmo de Clemente de Roma ao sangue de Cristo. Notamos Tertuliano afirmando que a Morte de nosso Senhor (não Sua Encarnação) é o fato central do Cristianismo, sobre ela repousa todo o peso do esquema cristão. *

Onde o *medo* é a base da religião, a Encarnação sempre, na prática, ficará em segundo plano. Pois essa é uma *confissão de parentesco próximo* entre o homem e Deus que não é consistente com o terror diante de um Juiz irado. Em tal teologia, o homem se esquiva de Deus. A ira de Deus deve ser aplacada. Ele deve receber '*satisfação*', uma vítima deve ser oferecida. O sangue deve jorrar. Essas idéias são os lugares-comuns da teologia latina. Não pretendo negar que existam elementos de verdade na concepção latina, mas ela se apoderou do que, na melhor das hipóteses, é secundário, e o tornou o pivô do cristianismo.

* C. Marc. iii. 8.

Vamos examinar este assunto importante um pouco mais. Não só a proporção devida de fé foi perdida ao deprimir a Encarnação, mas seguiu-se uma visão errada da morte de Cristo. [p.111] Assim, o Realismo Latino, com um instinto inteligível para

aqueles que seguiram seus antecedentes, deleitou-se nos *aspectos materiais* da Expiação, por exemplo, nas "feridas vermelhas * escorrendo" de um hino popular, no sangue, que por um desenvolvimento posterior é levado para o céu lá no Altar Celestial para afastar a ira de Deus e ganhar Seu favor.

* Assim como um pensamento semelhante conduziu a Igreja Católica Romana ao culto moderno do coração material de Jesus.

A parte mais nobre do Sacrifício é perdida, os elementos espirituais não são negados, mas ofuscados. Esquece-se a força magnética e o alcance universal e a eficácia daquele Amor que disse: “Eu, se for levantado, atrairei (*arrasto, vigoroso*, literalmente) todos os homens a Mim." (*nt)

*nt.: ελκυσω (elkuso, G1670): arrastarei, puxarei, persuadirei. Futuro do indicativo, voz ativa, 1[a]. pessoa do singular de helkuo)

Duas consequências resultaram. Onde a Divindade deve ser aplacada, um sacerdote é necessário com privilégios e poderes especiais. Assim, a propiciação e o sacerdotalismo são semelhantes. *Um credo baseado na ideia de apaziguar a Deus tende a criar uma casta sacerdotal.* Portanto, deve-se observar como mais do que uma coincidência que em Cipriano, que é tão fortemente sacerdotal no tom, as referências

são muito numerosas à necessidade que existe de apaziguar Deus.

Um outro resultado é este: onde o elemento material em Sacrifício se torna [p.112] proeminente, *o lado puramente ético é deprimido*, surge uma tendência para um sistema de *Dualismo*. A consciência e o senso moral não têm um *locus standi* real na barra do céu. A justiça torna-se oculta e a moralidade reguladora na frase de Dean Mansel, que, por mais hábil que seja, esconde um abismo. Dois padrões de certo e errado são, portanto, sancionados indiretamente, dois reinos da graça e da natureza, e assim por diante. Quase ou parcialmente aterrissamos na prática no Dualismo, que é sempre o significado interno do Pessimismo.

Portanto, é fácil entender a complacência com que o cristianismo latino vê a perpetuação do mal no universo. Nem é satisfeita em ensinar um cisma na própria natureza de Deus um cisma entre Seus atributos * de Justiça e Misericórdia: encontramos um outro dualismo no Cristianismo popular encorajado e difundido, embora nem sempre formalmente autorizado.

Esse dualismo, embora brotando da mesma raiz, assume duas formas. Na versão Anglicana e Não-conformista, afirma que nosso Senhor muda de um amoroso Salvador para um irado Juiz após uma certa data. Na tradução Católica Romana, a lenda assume uma forma diferente e [p.113] característica aqui, um Cristo furioso é apaziguado por uma Mãe amorosa.

* Deus tem realmente aquilo que a teologia chama de

atributos?
+ So Keble - Hino Terceiro domingo depois da Páscoa.

Posso dar uma ilustração excelente. Perto de onde escrevo isto, na Itália, há um afresco em que Nosso Senhor, em grande cólera, brandia um flagelo, mas é detido por sua mãe. Abaixo estão estas palavras: Acalma, ó meu Filho, a Tua justa fúria. Eu sou a advogada do pecador.*

* Calma, O figlio, i tuoi giusti furori ; L'avvocata son io de peccatori.

Já foi feita uma tentativa de mostrar que (cap. iii.) não há pouco no cristianismo latino para nos lembrar que em seu desenvolvimento foi exposto a influências semíticas. Não sei se isso recebeu a devida atenção; ainda assim, seja lá o que for que possa ser rastreado, os pontos de semelhança entre as mentes latina e oriental são numerosos e são de interesse suficiente, teológica e historicamente, para serem notados aqui brevemente.

I. O sentido oriental do *destino* aparece inequivocamente naquele predestinarianismo rígido que é realmente o clímax da teologia agostiniana (que se espalhou tão rapidamente no Ocidente), em seu pensamento mais profundo o maior médico latino é oriental. Ambas as teorias são expressões de crença em um Poder Arbitrário, que controla todos os destinos, muitas vezes de acordo com regras que nenhuma eqüidade humana pode aceitar. Essa ideia permeia toda a teologia posterior de Agostinho, de quem Calvino é pouco mais do

que um eco. [p.114]

II. Assim como o oriental saúda o profeta ou se inclina ante o tirano, o latino acolhe um ditador. Obedecendo a essa tendência, a ideia oriental de governo nunca se elevou acima do nível de *despotismo*, que no latinismo reaparece no papado. É curioso observar que o primeiro Papa que tem um nome latino, Victor, é também o primeiro a tentar bancar o tirano.

III. As guerras religiosas do Antigo Testamento e as do maometanismo encontram um paralelo em mais de um capítulo doloroso da história eclesiástica da Igreja latina. O *deus da guerra* era a principal divindade latina; e na teologia judaica Deus era o Senhor dos exércitos; o próprio nome Israel parece significar "Deus luta".

IV. As religiões orientais, via de regra, repousam na prostração total da mente e na pronta aceitação de qualquer coisa com base na *autoridade*. O mesmo sentimento que encontramos no latinismo desde Tertuliano, que zomba e *pisoteia a razão*. Católicos Romanos e Luteranos concordam neste ponto. A apóstrofe de Lutero à Razão, Du scäbige hure! é melhor não traduzido (n.t."Sua p*** raquítica!"). A mesma tendência reaparece em Pascal, que calmamente reconhece que o que ele defende é loucura. "C'est unefolie inais on le donne pour telle". É divertido, então, mas nada surpreendente, encontrar o Sr. Mozley virtualmente persuadindo a si mesmo de que se ele chamar um dogma de "mistério", ele terá direito à isenção das exigências da justiça e equidade. Em nossos dias, homens como Kidd e Balfour compartilham com

Newman essa aversão à razão em questões de fé. [p.115]

V. Em uma característica mais nobre, o latim e o semita, pelo menos os judeus, concordam -- em seu *amor pela ação*, distinto do amor helenístico de pensar -- de fazer ao invés de especular. Tanto para o latim como para o judeu, o pensamento abstrato é geralmente indesejável, e as teorias metafísicas são por eles pouco cultivadas.

VI. A *tendência legal*, novamente, é uma característica comum no semitismo e no latinismo; ambos gostavam de codificar e sistematizar. Para o latim, o Evangelho era uma nova lei, enquanto para o helenista era uma nova filosofia. O mosaismo era em sua essência uma lei; e em sua história posterior os judeus tinham em sua Mishna uma espécie de antecipação da escolástica ocidental, e nos rabinos um corpo de escolásticos. A teologia judaica é essencialmente uma jurisprudência. Mas ao oriente, o Bramanismo também é um vasto sistema de legalismo, onde existe uma rede de regras fixas sob as quais cada ato da vida é guiado do nascimento ao túmulo.

VII. Novamente, o pensamento oriental e latino concordam em uma *visão inferior do homem*, em colocar um abismo entre o humano e o divino, em uma tendência a punições cruéis; ambos são visivelmente deficientes naquele humanitarismo que é tão marcante no helenismo. [p.116]

VIII. Uma certa *dureza de caráter* marca o latino e o semita, uma ferocidade extenuante bem exemplificada naquele cerco final a Jerusalém, onde ambos os povos se encontraram em uma luta de

morte. Mesmo assim, o judeu vive, sobrevive a todas as tempestades, desafia todas as mortes, uma dureza paralela ao papado latino, na Cidade Eterna.

IX. Tanto no latim quanto no oriental, podemos traçar uma *visão mercantil da religião*. Desta tendência do latinismo já foi dito o suficiente. Acrescentarei apenas que um livro latino representativo como *Cur Deus homo* de Anselmo está impregnado desse tom comercial.

X. Um *forte senso de pecado* e uma ênfase colocada na Expiação são características comuns dos sistemas latino e semita. Vimos como o medo da penalidade futura pesava sobre os latinos, embora ainda pagãos. Mesmo hoje, para o judeu, o principal evento religioso do ano é o Dia da Expiação.

XI. Talvez valha a pena notar que em uma concepção tão cara à teologia latina como a ideia de "Supererrogação" (*nt) temos uma crença semítica, pelo menos judaica, pois isso era em essência ensinado pelos Fariseus. *

*nt- [Supererrogação: a realização de mais trabalho do que o dever requer.]

* Gfrorer Das Jahrh des Heils, i. 37. [p.117]

XII. Tanto o latim quanto o oriental coincidem em uma tendência ao *pensamento pessimista*. * "Ad astra doloribus itur." (“Às estrelas, com dores vamos”). Com dores o céu foi conquistado, diz um dos mais antigos poetas cristãos latinos; sentimento

sempre recorrente, que um Kempis ressoa quando chama a vida *misérrima*, que até mesmo em um salmo tão nobre como o nonagésimo encontra expressão, que o Pregador expressa de forma mais vívida em seu lamento, "Vaidade das vaidades, tudo é vaidade." Tanto para o brâmane quanto para o budista, a vida é em sua essência um mal; escapar da vida e do pensamento é libertação e bem-aventurança.

XIII. Os sistemas latinos e orientais concordam em uma *inclinação para a aristocracia* ou autocracia; apenas uma classe ou casta são favorecidas, a massa não tem valor. Assim como o rei oriental levanta qualquer um da lama que seu capricho seleciona, exatamente assim o Deus de Agostinho tira da massa lamacenta de pecadores aqueles que Seu capricho elege como os favoritos do céu. Assinalei a prontidão oriental para dar as boas-vindas ao profeta. Isso pode explicar por que Tertuliano, no seio de uma Igreja tão [p.118] sacerdotal como a latina, se inclina tão fortemente para o profético, ou seja, o elemento laico * no Cristianismo. Assim, nos países orientais, quando o profeta aparece, tudo é esquecido. Mesmo as distinções de sexo tão poderosas para a mente oriental tendem a desaparecer. Testemunhe Miriam e Débora e Huldah no Velho Testamento, e Maximila de Tertuliano e suas irmãs profetisas.

* Aqueles que desejam ver as profundezas realmente terríveis a que o pessimismo latino pode descer são convidados a estudar as seguintes palavras, nas quais Arnobius no século IV descreve a criação do homem, e

a cujo desespero sombrio e cinismo seria difícil encontrar um paralelo em qualquer lugar em toda a literatura: "Qui nulla alia de causa sese intellegat procreatum quam ne materiem non haberent per quam diffunderent se mala, et essent miseri semper, quorum cruciatibus pasceretur nescio quae vis latens et humanitati adversa crudelilitas." C. Gent. ii.45.

XIV. Finalmente, na tendência oriental da Igreja Ocidental, encontramos a melhor explicação para o *apelo ao Antigo Testamento, em vez do Novo*, que caracteriza ao mesmo tempo Genebra e Roma.

Algumas dessas coincidências entre o latim e o oriental são significativas; alguns podem, talvez, ser explicados de outra forma; mas a semelhança geral parece clara e de considerável importância teologicamente quando a gênese da teologia latina é lembrada.

Talvez as verdadeiras afinidades do latinismo possam ser mais bem percebidas traçando seu curso um pouco mais longe, e tomando alguns nomes representativos, e tardios o suficiente para mostrar suas tendências inerentes em um estado mais desenvolvido. Veja, por exemplo, o famoso *Cur Deus homo*. Anselmo escreveu no século XI, quando o intelecto humano estava se tornando consciente de suas reivindicações de respeito. Ele escreve como alguém que reconhece que havia aqueles que não acreditariam a menos que sua razão fosse satisfeita. * A razão foi derrubada pela Fé, mas agora clama em tons lamentosos: "Tens apenas uma bênção? Abençoe-me, a mim também, ó meu Pai." (Isaque,Jacó,Esaú, Gen 27:38)

* Alguns podem preferir ver neste um Nêmesis inconsciente uma reação de visões extremas pelas quais a estreiteza se corrige, como no caso paralelo encontramos até mesmo em Agostinho, que levou as teorias da Igreja ao extremo, traços muito distintos de uma crença em um corpo invisível e celestial como a genuína Igreja de Cristo. O mesmo é verdade até mesmo para Tertuliano "una ecclesia in coelis," *De Bap. Xv. Cf. c. Viii.,* E de Cipriano, "multi sunt in sacramentorum communione et jam non sunt in ecclesia." *De unit.* [p.119]

É esse tom, esse acorde menor que percorre Anselmo, que dá o mais verdadeiro interesse a suas páginas. Meio cedendo a isso, ele se eleva por um ou dois momentos a um verdadeiro helenismo (+), e diz não apenas que Deus não fez nada mais precioso do que a *natureza racional do homem*, mas que é completamente estranho a Deus permitir que qualquer criatura racional pereça totalmente , e que é o propósito de Deus restaurar a raça humana. Mas Anselmo *não* quer dizer nada disso; são palavras, palavras vazias, *purpurei panni*, sofismas dos quais poucos escritos são mais completos, às vezes de forma extravagante.

Veja a incrível lógica de corte de *cap. i. ix. lib. ii*. Se o Pai tivesse se encarnado, haveria dois *netos* (!) *nepotes* na Trindade, e se qualquer outro que não o Filho tivesse encarnado, então dois Filhos teriam estado na Trindade! Um credo de pedra é o que Anselmo oferece à natureza racional, ao coração e à

consciência que não se acalmarão em seu clamor por pão. A intenção de Deus ao criar o homem é realmente reparar o vazio causado pela Queda dos Anjos e completar a Cidade de Deus. - *i. 16, 18, 19*.

* Cur D, H. i, 2.
(+) ex: lib. ii. 4. [p.120]

Os perdidos são, por assim dizer, apenas as fichas e os resíduos que se revelaram inúteis nesta tarefa de reparação. O lixo vai naturalmente para o Inferno, embora Anselmo não negue que pode ser salvo mais do que o necessário para preencher a lacuna no céu. Tudo isso já é ruim o suficiente, mas Anselmo tem coisas piores reservadas. Nada ilustra melhor a profundidade a que o cristianismo latino havia agora afundado do que a afirmação de Anselmo de que *não é possível para Deus perdoar livremente o homem*.

É olho por olho, para usar uma frase coloquial, entre Deus e o homem. É um murro por um murro. A *honra* de Deus (!), assim nos dizem gravemente, deve ser preservada, ou seja, Deus, como um Shylock,(*nt) deve ter Sua libra de carne. Deus, como um nobre medieval, se mantém *meticuloso*. O homem, ao pecar, roubou algo de Deus, portanto, Deus deve ter "*satisfação*". Isso é ainda mais desconcertante porque Anselmo admite que Deus realmente não pode ser privado de nada.

(*nt): Personagem da peça “O Mercador de Veneza” de Shakespeare.

É um fato estranho e significativo que [p.121] Anselmo em lugar nenhum pense em mostrar como uma Encarnação é praticável nas linhas de sua teologia. Como dois seres tão distantes quanto o homem e Deus podem "se tornar um, ele não explica em lugar nenhum. É o ponto de vista latino familiar novamente: o autocrata celestial e o servo humano, que não podem se amalgamar na realidade. Atrás de Anselmo estão Agostinho e Tertuliano; as mãos são as mãos de Esaú, mas a voz é a voz de Jacó. (Gen 27:22)

Existem alguns livros mais tristes ou mais típicos. O tom de auto-satisfação que, sob um véu de, talvez, genuína humildade permeia seu argumento; sua confiança, como latino, de que pode colocar tudo em preto e branco; que "nada", tomando emprestada sua própria frase, "mais razoável" pode ser aduzido ou pensado, é característico. As conclusões de Anselmo baseiam-se amplamente naquilo que devemos chamar de abordagem da blasfêmia, pois se a blasfêmia for possível, então dizer que Deus *não pode perdoar livremente* é ferir a Deus no lugar mais terno.

E esse golpe mortal desferido contra o caráter de Deus é tratado, como eu disse, sob a alegação de respeito por Sua honra. Este Deus vingativo e meticuloso, que não abrirá mão de Seus direitos embora agonia sem fim e mal sem fim resultem para incontáveis milhões, é no fundo uma das imagens mais repulsivas e perversas que a teologia criou. [p.122] O dualismo aberto entre Justiça e Misericórdia, a relação comercial entre Deus e o homem, o tom insensível, o falso apelo à Razão, o

triste fiasco em que a Criação termina tudo isso, recomendo ao conhecimento dos alunos do Latinismo.

Anselmo é como alguém que tenta sorrir quando coberto por enfeites de funeral, tentando basear um credo razoável em premissas que são uma negação da razão, tentando andar ereto quando amarrado e acorrentado. Admitindo plenamente o que há de nobre no desenho e no autor, você sente que o escolástico engoliu o homem. Você percebe o desespero subjacente. Você se ressente dos sofismas constantes, tudo bem desde que você não se refugie na incredulidade.

De Anselmo a Dante é apenas um passo para o grande florentino que traduziu para o vernáculo a teologia atual de sua época. A dureza do tipo latino se revela em cores vivas; a perfeita complacência do poeta ao descrever os tormentos do Inferno estraga sua arte e degrada os versos nobres com temas ignóbeis.

Dante nos fornece um exemplo solitário de um dos maiores poemas do mundo, desfigurado por um amor à crueldade e uma vingança tipicamente italiana. O "rastro da serpente" cobre tudo isso, e não pretendo invejar o leitor que, em meio aos arrebatamentos do Paraíso, é levado a [p.123] esquecer as horríveis dores do Inferno de Dante, e não apenas , "mas a alegria do poeta enquanto escreve sobre eles. Parece que as cadências mais suaves de Dante são felinas, em vez de genuinamente ternas, como se o lamento das almas perdidas se agitando em desesperada agonia fosse distintamente ouvido em todos os cantos de seu

Paraíso.

Ou tomemos um exemplo mais elevado de cristianismo latino do que Dante pode fornecer. Quão estreita e mesmo dura em sua intensidade é a devoção da *Imitatio Christi*. Os santos de Dante se deleitam na visão de Deus impassível pelo pensamento de simpatia para com os perdidos enquanto eles se lançam para sempre em ondas de fogo. O espírito de Kempis no fundo é tão diferente? A genuína devoção do tom não deve nos cegar para o egoísmo subjacente. Nem uma vez um Kempis chama Deus de Pai. O homem é um servo, um verme degradado. Tão comum é esse egoísmo * e insensibilidade na devoção ocidental que parece natural encontrar Tomás de Aquino em um pólo e Baxter no outro, mas concordando em pensar que os tormentos dos perdidos apenas aumentam por contraste a bem-aventurança do Paraíso, de um Paraíso caído a uma degradação inferior até mesmo ao de Maomé.

- * Uma vez que um Kempis ora por amigos e inimigos. ii. 8. [p.124]

Vamos selecionar ainda outro tipo ocidental. Um grande hinista alemão não pode excluir de um hino, de outro modo encantador no tom, essa insensibilidade. Apresento uma tradução literal:

Wenn Ich Ihn Nur Habe
Wenn Er Mein nur ist
*****
Ich lasse still die anderen

Breite lichte voile strasse wandern.
....
Se apenas eu o tiver,
Se ele fosse apenas meu,
*****
Eu calmamente aceito que o resto (dos homens)
Vague ao longo da estrada larga, iluminada e frequentada.

Se apenas eu escapar, o resto pode ir à perdição. Isso é, *em essência*, uma representação injusta do *pensamento latente* de Novalis?

Uma ilustração final pode ser fornecida por um agostiniano - "puro sangue". Na melancolia e austeridade de Pascal, em seu pessimismo total, temos um tipo latino característico. Um grande serviço nem sempre notado que ele prestou: seu intelecto claro corta as frases estabelecidas (nas quais ainda ouvimos teólogos disfarçando o verdadeiro significado da condenação sem fim) que afirmam que graça suficiente para a salvação é dada a todos.

"La grace suffisante, Mon Pere, *c'est la grace que ne suffit pas*". O que você chama de graça suficiente, meu bom Pai, não é graça suficiente de fato para salvar. Pascal, ao olhar para a vida, parece ter um grito dominante "Ó o estéril, estéril pântano, ó a sombria, sombria costa! Meio desesperado, meio acreditando, ele se apega a seu credo sombrio, auto torturado, uma figura ao mesmo tempo heróica e patética. [p.127]

CONCLUSÃO E RESUMO.

Agora estamos em posição de resumir nossa comparação com as teologias rivais cujos *pedigrees* estivemos investigando. Como na vida política inglesa, todos os observadores vêem o trabalho de dois grandes partidos que buscam um objetivo comum, de fato, mas por caminhos diferentes e na busca de diferentes 'idéias dominantes', então na teologia dos primeiros quatro séculos todos os observadores competentes vêem dois grandes partidos, duas versões distintas e até mesmo conflitantes do Evangelho.

Pode-se admitir que, na prática, a linha de clivagem entre *latinos* e *helenistas* nem sempre é claramente traçavel, nem a fronteira dos respectivos territórios pode ser traçada em todos os detalhes como em um mapa; em todos os assuntos humanos, o funcionamento mental dos homens às vezes desafia uma análise exata. A todas as nossas generalizações, algumas objeções ocorrem, mas, nem por isso, cessamos de generalizar.

Ninguém duvida das inclinações metafísicas do helenista e da indiferença geral do latinista à especulação. [p.128] No entanto, os latinistas produziram o maior poema filosófico da antiguidade, e um latinista é o maior metafísico de todos os Pais.

O conservador e o liberal representam na política dois pólos de pensamento distintos e até opostos; no entanto, existem homens que têm seus lares mentais em ambos os campos. São liberais-conservadores. A mente latina tendeu a desdenhar a filosofia. Isso será admitido, ainda em Victorinus

(Afer), em Synesius, em Erigena a Igreja latina produziu os três neoplatônicos mais típicos dos Pais.

Tampouco procuro negar que o latinismo e o helenismo estejam relacionados, mas também o são o bramanismo e o budismo como sistemas de pensamento; assim como os homens chineses e japoneses de tipo semelhante, mas quão grande é a diferença. Há homens, por exemplo, Ezequiel e Samuel, nos quais o sacerdote e o profeta estão unidos, mas quão opostos são os ideais sacerdotais e proféticos.

Em ambos os casos, também, existem correntes laterais, por assim dizer, existem redemoinhos no pensamento político e religioso, existem matizes de opinião em abundância, existem indivíduos, e mesmo pequenos grupos, cujo ponto de vista exato nem sempre é fácil de definir. Existem alguns poucos helenistas que latinizam como existem latinistas que helenizam, existem alguns teólogos que cruzam ocasionalmente de um campo para o outro. [p.129]

Mas, no geral, nenhum fato na história teológica é mais claro, e nenhum fato mais importante e ainda mais geralmente negligenciado, do que a ampla distinção entre o Helenismo, que é a base comum das várias escolas orientais de teologia por pelo menos três ou quatro séculos, e a teologia do Norte da África (e Espanha), que, enxertada na linhagem romana, tornou-se a mãe do cristianismo latino e é até hoje, pelo menos em seu espírito, uma moeda com curso legal aceito em todo o Ocidente .

Quando todas as concessões justas foram feitas, o latinismo e o helenismo diferem intelectualmente,

diferem eticamente, diferem espiritualmente. O ponto de partida difere, a conclusão difere, a atmosfera difere, o idioma difere e, muitas vezes, quando usam as mesmas palavras, acentuam-nas de maneira diferente.

Parar de "agrupar" o latim e o heleno sob uma denominação comum ("os Pais") como professores virtualmente idênticos é uma preliminar essencial para qualquer ideia justa da teologia primitiva, é indispensável antes que qualquer esforço sério possa ser feito para atender às necessidades espirituais de uma classe numerosa e crescente, tanto dentro da Igreja como fora do seu seio, incapaz de acolher muitas das tradições atuais, que aspira e continuará a aspirar a uma teologia que não apenas se autodenomina, mas que é verdadeiramente católica e racional. [p.130]

O helenismo teve desde o início seus padrões espirituais, suas medidas de peso e capacidade totalmente divergentes da teologia latina. O quão real era essa divergência foi demonstrado detalhadamente, mas pode ser ilustrado em muitos detalhes. As igrejas helenísticas formaram uma federação, enquanto as latinas tendiam por instintos naturais ao despotismo. O latinismo era proconsular e seu lema Imperium. O helenismo era republicano e seu dispositivo era o Libertas. A primeira virtude latina era a *obediência*, enquanto para o helenista a primeira era o *amor*.

Dois princípios contraditórios dividiram o latinismo e o helenismo; substancialmente, a primeira foi construída sobre as reivindicações de Deus sobre o homem, a última em grande parte

sobre as reivindicações do homem sobre Deus e na certeza de que essas reivindicações serão totalmente concedidas.

A mente latina era receptiva, a helenística era construtiva; os últimos eram filósofos, enquanto os latinos eram retóricos ou advogados e desprezavam a filosofia. "O que um filósofo tem em comum com um cristão?" pergunta o fundador da Escola Cartaginesa. Enquanto Clemente de Alexandria considera Platão como sendo divinamente inspirado, Tertuliano o chama de tempero de todos os hereges*.

Os dois sistemas são contrastados como cesarismo e intuitionalismo. Quase posso dizer que um é o Estado contra o homem, o outro é o homem contra o Estado. [p.131]

* De Anima xxiii.

Para os helenistas, o apelo final é para as consciências do fórum, ou para a razão, enquanto os latinistas tanto na religião quanto na política "apelam para César".

Um coloca primeiro a bondade de Deus, o outro, Seu poder. Um reverencia a força, e o outro jogo justo em Deus.

Enquanto o lema latino era a lei, o dispositivo helenístico era o *Logos*, um termo do qual a tradução totalmente inadequada em nosso Novo Testamento em inglês como "Palavra" (ou em português “Verbo”) deve ser lamentada. É impossível, atrevo-me a dizer, ler os primeiros teólogos helenísticos e não sentir que eles queriam

dizer com esse termo algo muito mais do que a Palavra de Deus. Eles queriam dizer a Sabedoria Divina, ou Razão, falando ao homem como ele mesmo também um ser racional (lógico). Eles pretendiam enfatizar essa comunhão do homem e Deus, para insistir na permanência desse laço ou vínculo espiritual.

Sem um reconhecimento adequado deste fato, nenhuma concepção verdadeira do ponto de vista helenístico é possível.

Muito diferente era o ponto de vista latino. Quando o professor Harnack nos fala do vasto significado para o cristianismo latino, que está envolvido no fato de seus primeiros teólogos serem juristas como Tertuliano e um governante sacerdotal como Cipriano, não devemos errar o verdadeiro significado de tais fatos. [p.132] O cristianismo latino não se tornou legal e sacerdotal por causa de Tertuliano e Cipriano, pois esses homens eram filhos de sua época; eram produtos de uma tendência já existente na raça; se lideravam, também a seguiam.

Para o helenista, Cristo é a cabeça de cada homem e a raiz da humanidade, que forma um todo orgânico, enquanto para o latino Adão é a cabeça, e a humanidade é separável e inorgânica. A solidariedade da humanidade está meramente no pecado, e não na redenção, e assim, de fato, a mensagem da Igreja latina de boas novas para a raça humana tem estado carente dos acentos de certeza, talvez mesmo de sinceridade.

Na verdade, a redenção universal é, em certo sentido, meramente teórica ou potencial para a

Igreja latina. O mais eminente professor latino foi tão longe que negou * a morte de Cristo por todos os homens um fato muito sugestivo.

Para o helenista, Deus e o homem estão tão intimamente relacionados que Deus pode, nas palavras do Evangelho, *tornar-se* homem, não meramente *assumir* ou *adotar* um homem. Como resultado, a Encarnação é um fato natural, ao invés de um fato meramente misterioso, como parece à mente latina.

* Veja a passagem de Agostinho, *De Conj. Adul., I. 15*. Além dessa frase, há muitas outras provas do ponto de vista desse pai. [p.133]

E, portanto, uma explicação é encontrada para a frase que ocorre em certos escritores helenísticos que afirma a *deificação* como o objetivo da humanidade, ou seja, Deus se torna homem para que o homem possa se tornar Deus.

Por outras razões, na verdade, mas também por causa dessa família próxima do homem e de Deus, o helenista deu pouca ênfase à propiciação da Divindade, que no cristianismo latino é um pensamento tão proeminente. A esperança do helenista era a imortalidade, a do latinista era a fuga da pena.

A ideia da Paternidade Divina era bem-vinda aos helenistas, embora não tão proeminente em sua teologia como a do Logos, mas ouvimos um distinto pai latinista * declarando que a ideia não era meramente falsa, mas horrível e perversa.

O helenismo é autorrespeito, enquanto o

latinismo é autodesprezo. Para o primeiro, a natureza humana é um reflexo do Divino; enquanto o último está disposto a fazer do Divino o espelho da natureza inferior do homem, de sua raiva, seu capricho, sua sede de vingança. Pode parecer uma distinção retórica, mas na verdade é muito mais - uma teologia ou é antropológica como a latina, ou humanitária como a grega.

* Arnobius C. Grent. ii. 45-46.

Um rebaixa Deus ao homem. “Tu pensaste perversamente que eu era alguém como tu,” diz. O outro eleva o homem [p.134] a Deus: "Sabemos que seremos semelhantes a Ele, pois o veremos como Ele é." (1ºJoão 3:2) Um tende a legitimar a vingança; o outro traz uma esperança infinita.

Para um, a razão e a consciência são as autoridades mais veneráveis; para o outro, há por trás da razão algo arbitrário, não apenas superior, mas às vezes antagônico, ou seja, que pode afirmar o que a consciência nega e negar o que afirma. Portanto, podemos ver por que a Igreja latina, pensando maldosamente no homem naturalmente, enfatizou a queda, enquanto os helenistas, de seu ponto de vista, foram levados a se debruçar sobre a criação da humanidade à imagem divina.

Milton está em harmonia com o latinismo ao abrir assim seu poema: "Da primeira desobediência do homem", pois para a Igreja latina, "O pecado primeiro, o pecado no meio, e o pecado sem fim" é uma idéia favorita. Em sua teologia, o pecado está indelevelmente estampado no universo, e uma

perpetuidade do mal é certa. Para o helenista, por outro lado, o pecado não é apenas capaz de extinção, mas na verdade será extinto.

Essas duas teologias são, de fato, tão distantes quanto os polos da Terra. Paraíso Perdido é o pensamento latinista, Paraíso Reencontrado o helenístico. A diferença é ilustrada nos credos, o símbolo (credo) niceno termina com as palavras, "a vida eterna", e nada mais, o chamado símbolo atanasiano [p.135] que, na verdade, é latinista termina com "fogo eterno".

Os helenistas se apegam ao pensamento da proximidade de Deus, Sua imanência; Não digo que isso seja negado pelos latinos, mas a tendência é considerar Deus como distante, e nosso Senhor como tendo literalmente ido para muito longe. "Ouvir as pessoas falarem quase faz acreditar que elas são da opinião de que Deus se escondeu no silêncio desde os velhos tempos, e que o homem agora foi colocado sobre seus próprios pés para ver como poderia viver sem Deus." * Vale a pena observar que o termo grego para a volta de nosso Senhor é Parusia, ou seja, presença, (n.t. παρουσια G3952) o que implica que Ele nunca foi embora. Seu retorno é como a Encarnação; pouco mais do que uma manifestação de Sua presença permanente.

* Goethe Conver. 11 de março de 1832.

Os helenistas partiram de Deus e perguntaram: Qual é a sua natureza? Os latinistas partiram do homem e perguntaram: Ele é livre? Cheio do

pensamento de Deus, o helenista disse: "Basta", "A batalha é do Senhor", uma concepção que Browning faz ecoar: "Deus está em Seu céu, está tudo bem com Seu mundo". [p.136]

É interessante notar o funcionamento dessas idéias diferentes na arte religiosa. Olhe para o Cristo da Igreja latina pendurado na cruz, não apenas dolorido, mas com o sentimento de derrota em Sua expressão na cabeça caída nos olhos cansados e semicerrados. A Igreja latina nunca se cansa deste tipo, proclamando assim, inconscientemente, que sua fé é a falha de seu Senhor em salvar o mundo. No centro de sua teologia está não apenas o Crucificado, mas o Derrotado.

Nenhum vestígio existe na Igreja latina hoje do Cristo brilhante e radiante, como o vemos nas catacumbas, um tipo emprestado, pode ser, do jovem Apolo, mas certamente helenístico. Pouco a Igreja Ocidental repetirá a figura do majestoso Cristo da arte bizantina primitiva enquanto Ele se senta triunfante.

E um Nemesis segue a devoção latina a este lado da obra de nosso Senhor. Fascinada pela cruz, com exclusão de tudo o mais, a Igreja Ocidental perde todo o sentido de sua genuína grandeza. Na prática, não apenas esqueceu com muita frequência a Encarnação e a Ressurreição em seu verdadeiro significado, mas também deixou de acreditar naquele magnetismo universal da Cruz, que é sua verdadeira glória.

Siga esses pensamentos um pouco mais. Guiados por um instinto seguro que encontrou expressão em

Agostinho, muitos ramos da Igreja latina se rebelaram contra a ideia, outrora universal, de um Cristo vitorioso, que evangeliza os espíritos na prisão, ou, se a ideia for mantida, é afirmada de forma menos distinta , até que finalmente, como mostra a experiência, ele praticamente desapareceu de nosso credo atual. Nos primeiros helenistas, ao contrário, não é apenas proeminente, mas muitos Pais ensinam que Cristo esvaziou totalmente o Hades, tirou todos os prisioneiros. (*) [p.137]

(*) Aqueles que estão interessados neste assunto podem encontrar muitas citações dos primeiros escritores em "*Universalismo Afirmado*, Thomas Allin, p. 97-103". Toda a literatura da Descida ao Hades é curiosa e muito pouco conhecida.

Outros pontos ainda precisam ser notados. Já vimos que os helenistas pensavam que a chamada ira de Deus era um modo de cura, um artifício destinado a curar. Não é bem assim, diziam os latinistas, é a raiva mais real e, na verdade, dura para sempre. Deus está tratando os homens maus medicinalmente (diz o helenista); Deus está derramando sobre eles Sua vingança acumulada (diz o latinista). Essas são as visões contrastantes. Deus está educando a humanidade, disseram os helenistas. Ele é um juiz e governante, sondando e testando homens, disseram os latinistas. Essas eram virtualmente as afirmações rivais. Curiosamente, o Soberano Todo-Poderoso da Igreja latina acabou, na prática, não sendo realmente

Todo-Poderoso. Ele falha em realizar Seu ideal na criação. A falha de Adão no Paraíso é seguida pela falha do segundo Adão no Calvário. Quem está fora da arca, ou seja, a Igreja, perece, disseram os latinistas. O próprio Dilúvio que dominou o mundo pecaminoso foi, na verdade, um batismo, disseram os helenistas. [p.138]

Talvez já tenha sido dito o suficiente quanto aos ensinos opostos latinistíco e helenistíco sobre a Morte, Ressurreição e Julgamento, p. 57, 58, 59. No entanto, posso mais uma vez lembrar a meus leitores quão vital é a diferença "entre considerar a Morte como *penal* ou como *corretiva*; entre a Ressurreição vista como reunindo certos átomos corporais, ou como comunicando uma vida espiritual, como em sua essência e sempre redentora; entre Julgamento como o ato de quem, ao julgar, deixa de ser o Salvador; ou como ele mesmo, também, parte da grande obra redentora de Cristo.

Provavelmente, as questões levantadas pela terrível questão do mal moral fornecem o maior teste a que uma teologia pode ser submetida. Aqui, será dito por muitos, é o lado fraco do Helenismo: ele não tem o devido sentido do Pecado, ou seja, de sua culpa.

Desejo responder a essa acusação com absoluta franqueza. É verdade que o pecado não desempenha um papel tão grande na teologia helenística como na teologia latina, pois o pecado é tão proeminente no latinismo que quase domina praticamente o sentido da redenção; durante séculos, os doutores latinistas ensinaram, chefiados

por Agostinho, que uma pequena fração do povo seria salva. Para o helenista, ao contrário, a própria escuridão do pecado é uma prova de que Deus não pode suportar sua presença para sempre. Assim, porque a Redenção é o fato proeminente na religião, o pecado se tornou menos proeminente no pensamento helenístico; [p.139] isso pode ser admitido, mas que isso significa uma estimativa indevidamente leve do pecado é uma proposição muito diferente e contraditada por muitos fatos.

Na verdade, olhando mais longe, veremos muito para confirmar nossa descrença de que Otimismo significa indiferença ao pecado, uma suposição feita frequentemente. Mais do que a maioria, senão todos os credos antigos, a religião judaica era marcada por um senso de pecado e de sua mancha, embora suas penalidades fossem temporárias; mas seus Salmos estão repletos de convites a todos e expectativas de que todos os homens um dia entrariam no Reino de Deus.

Seus profetas são mensageiros de esperança imorredoura para todos; o verdadeiro fardo de seus pensamentos é: "Ao entardecer haverá luz." Se há um território nas Escrituras menos explorado do que qualquer outro, são as amplas promessas espalhadas até mesmo nas páginas do triste Jeremias e de Ezequiel, e não menos das promessas menores dos Profetas de restauração, no final, aos mais pecadores, mais impenitentes, promessas feitas à maioria das nações que desafiam a Deus e são abandonadas por Deus, a Moabe e Amon, a Elão e Egito, até mesmo a Sodoma e Gomorra (*Ezequiel 16:53).*

Provavelmente não existe um Profeta em que esse elemento de esperança imorredoura não esteja presente, mas é precisamente esse elemento que nossos clérigos, via de regra, ignoram com mais persistência. Assim, o Salmista e o Profeta nos mostram a lição que a Igreja do Ocidente ainda, via de regra, se recusa a ouvir, a saber, como um otimismo alegre pode andar de mãos dadas com um profundo sentimento de pecado e uma profunda crença na devida retribuição. [p.140]

O maometismo, ao contrário, que é pouco mais do que um Mosaismo distorcido, perdeu imediatamente o profundo senso judaico de pecado e acrescentou uma Escatologia negra e sulfurosa. Podemos tirar as mesmas conclusões do antigo Credo da Pérsia, talvez a mais nobre das religiões não-cristãs. No Zoroastrismo, existe um senso generalizado do mal do pecado, mas equilibrado por uma Escatologia esperançosa. Ormuzd finalmente triunfa, e toda dor e pecado são eliminados.

Das grandes filosofias helênicas, as duas mais espirituais e profundas, o platonismo e o estoicismo, eram otimistas em espírito. Clemente de Alexandria, o mais brilhante e ensolarado dos professores, certamente não tem um senso de pecado menos verdadeiro do que Tertuliano, nem Orígenes menos do que Agostinho nesse senso de culpa humana. Foi o grande apóstolo a quem o pecado se tornou excessivamente * pecaminoso e que se proclamou o "principal dos pecadores", que ainda assim nos assegurou com toda a sinceridade que no final Deus será "Tudo em todos", que

enfatiza o fato de que como em Adão todos morrem, então em Cristo "Todos serão vivificados". (1ºCoríntios 12:6; 15:22; 15:28; Efésios 1:23)

Assim, parece claro que nenhuma conexão necessária existe entre um verdadeiro reconhecimento do pecado e uma Escatologia cruel; [p.141] muitas vezes é o contrário; às vezes é pouco mais do que uma questão de cultura e temperamento; uma cultura cruel desenvolve uma fé cruel.

Mas é correto ser explícito e dizer de uma vez por todas que um senso de pecado pode ser muito proeminente na teologia e pode, 'se assim for, causar danos incalculáveis. Isso gera miséria e desespero; paralisa o esforço em alguns casos, em outros leva a formas monstruosas de ascetismo. As chocantes automutilações do culto fenício estavam distintamente conectadas com um sentimento de pecado e um desejo de expiá-lo. (*) Auto-mutilação, extravagância grosseira, crueldade odiosa que não pouparia a mais tenra idade, tais eram os frutos diretos de um forte sentimento pervertido de culpa e da necessidade de expiação.

Portanto, não é a força, mas a *fraqueza* do cristianismo ocidental, o fato de seu senso de pecado ser tão profundo que, freqüentemente na prática, sobrepujar seu senso de redenção. Foi precisamente porque sua convicção de culpa era mais forte do que seu senso de redenção que Judas foi de pecado em pecado, da traição ao suicídio.

(*) Mov. Die Phon. i. 683.

Ainda não disse tudo o que precisa ser dito. Um credo pessimista leva a ainda mais mal na prática, pois onde se acredita que um futuro sem esperança aguarda o pecado, não arrependido aqui, será descoberto que os homens quebram as salvaguardas morais e aceitam um arrependimento ilusório no final. [p.142] Precisamente a isso se devem as distinções imorais e sutilezas de *atrição* e *contrição* na Igreja Romana. Precisamente a isso se deve a casuística imoral que busca atenuar a culpa do pecado traçando distinções, muitas vezes imaginárias, a fim de que graves ofensas sejam classificadas como veniais e, assim, escapem do inferno. * Foi esse pessimismo que levou alguns no passado a batizar pecadores notórios, que declararam sua intenção de continuar no pecado, por exemplo, o que levou Agostinho a dizer que ele batizaria aqueles que vivem em adultério se desesperados no último suspiro.

* *Lei Antient* de Maine.

Outra acusação contra o helenismo é que ele é uma filosofia em vez de uma religião; tem mais sabor de Platão do que de Cristo. Essas acusações têm, de fato, uma aparência de razão; mas o helenista teria pensado que era uma traição àquele que é o Senhor dos espíritos de toda a carne, negar que Seu Espírito tem estado em toda parte agitando os pensamentos dos homens, em todos os lugares argumentando, ensinando em todos os lugares, iluminando os homens em todos os lugares e em todas as nações. Por ser assim, os helenistas

aprenderam alegremente com os sábios de todas as nações; eles se tornaram devedores de todos. [p.143]

Na verdade, é, em geral, muito grande o benefício trazido pela Filosofia para o Evangelho. O sistema dogmático do Cristianismo foi originado por sua ajuda, e as grandes verdades da Fé sistematicamente declaradas e defendidas. É esse temperamento filosófico que dá ao helenismo sua modernidade de tom e essa razoabilidade, que são inestimáveis ao mesmo tempo em enfrentar o ceticismo em seu próprio terreno e em levar o padrão de fé para o território dos inimigos, ao confrontar a descrença científica do dia. E observe, ao mesmo tempo, que os grandes helenistas são enfaticamente cristãos.

Aqueles que estudaram por si mesmos um helenista tão típico como Orígenes sabem que em toda a gama dos Pais não havia ninguém que estudasse as Escrituras com mais reverência, nenhum que aceitasse com mais lealdade cada uma de suas linhas e letras, pois certamente não havia um que mais fielmente exibisse seu espírito em cada ato de sua vida, que pode ser melhor descrito como uma oração incessante.

Mesmo correndo o risco de repetição, deixe-me deixar bem claro que o elogio indiscriminado do grego e a censura indiscriminada do latino não fazem parte do meu programa.

Reconheçamos justa e plenamente a grandeza dos latinistas, embora mais que decididos a destronar sua teologia; admitamos a ajuda indispensável que a Sé Papal trouxe ao

desenvolvimento europeu; admiremos a jurisprudência romana sem [p.144] aceitar o credo legal da Igreja Romana; louvemos o vigor, a energia e a capacidade de Roma; admitamos que ela possuía não poucas qualidades negadas a seu rival, e admitimos sua superioridade em certos pontos importantes.

A teologia latina teve sucesso onde o helenismo teria falhado nos tempos medievais. Em tais épocas, o cristianismo ocidental precisava da liga de endurecimento que Agostinho forneceu em grande parte e que era compatível com a raça. Roma foi uma pioneira, foi forçada a carregar para seu trabalho o kit e ferramentas ásperas do Pioneiro. Ela teve que viajar pelos caminhos mais difíceis e tortuosos; ela foi forçada a cavalgar com violência, carregar machado e martelo, até mesmo, às vezes empunhar uma clava. Como os antigos hebreus, ela praguejava livremente, mas suas bênçãos não eram menos fervorosas e suas orações, embora às vezes mal dirigidas, eram frequentes.

Ela sempre foi vigorosa, prática e sabia sobre quando ceder e quando insistir. Ela transpôs a história do Evangelho "em um tom mais baixo e acentuou as migalhas", mas ela tinha que falar com os bárbaros, e algo de bárbaro era necessário para que sua mensagem fosse "compreendida pelo povo".

Suas teorizações sobre a salvação eram duras, suas idéias de unidade eram rudes, seu governo era despótico, ela fomentava o ascetismo. [p.145] Mas no seu próprio ascetismo o espírito prático do

Ocidente se afirmou, e enquanto os contemplativos orientais se afundavam em sonhos ociosos ou montavam altos pilares, seus irmãos ocidentais drenavam pântanos, derrubavam florestas e construíam pontes.

O ascetismo, de fato, numa época como aquela era um corretivo necessário ao Imperialismo; pois o Monasticismo encoraja o Individualismo, e isso de duas maneiras: (a) não apenas as grandes abadias estavam decididas a afirmar sua independência do controle externo; (b) mas na prática deram aos indivíduos uma liberdade inatingível em outro lugar em tais tempos. Um Kempis em sua cela esquece a Igreja, esquece a hierarquia, esquece o papado; pensa na presença de Deus e de Seu Cristo e neles apenas, e por isso suas palavras têm o frescor e a força que vêm do contato direto do espírito individual com Deus.

Todo abuso do medievalismo tinha seu germe de verdade, por exemplo, o próprio culto dos Santos e da Santíssima Virgem continha uma afirmação de uma verdade profunda, a saber, que a humanidade é em sua essência divina. No Ocidente, por razões já expostas, essa afirmação era especialmente necessária. Aqui, também, notamos uma feliz inconsistência, quando lembramos que essa afirmação enfática do divino no homem foi feita em uma sociedade onde homens e mulheres eram tratados como bens móveis, onde a escravidão era universal. * [p.146]

Que a Igreja Romana teve sucesso na Idade Média porque, no geral, ela merecia sucesso, foi dito. Não é realmente um paradoxo ou uma contradição

repetir aqui que enquanto o helenismo teve vida relativamente curta, em parte pelo menos por causa de seus méritos (porque muito liberal, muito pouco centralizado), o latinismo teve sucesso em parte por causa de seus defeitos.

Mas as falhas que eram quase méritos nos tempos medievais agora são sobrevivências dos inaptos, se não dos mais inaptos. Se quisermos repelir a incredulidade e recomendar o Evangelho aos que pensam, devemos refazer nossos passos. A Igreja Ocidental deve, pelo menos, abandonar o eterno "non possumus" (lt:"não podemos") que impede a Reforma, que deixa muitos elementos nobres em seu sistema semelhantes àquelas freiras que são chamadas "sepolte vive" vivas de fato, mas sepultadas.

É moda atribuir a Roma uma agudeza extraordinária. Por todo lado se espalhou esta estranha ilusão. Os fatos da história contam uma história muito diferente. Não sei onde pode ser encontrado algum poder [p.147] que tem errado descomunalmente com tanta freqüência e persistência como Roma. Seus sucessos anteriores cegaram tanto seus governantes que, desde os tempos medievais, eles acrescentaram asneira a asneira, com um desprezo magnífico pelas consequências.

* E pode-se talvez dizer que, como a supressão da Razão pela teologia ocidental levou a um sistema de Racionalismo, - assim o latinismo, embora em uma visão inferior do homem como um merecedor do inferno, encontrou sua Nêmesis no crescimento de uma

vasta hierarquia de Santos, em uma massa de cultos na elevação à categoria divina ou quase divina de uma multidão de seres que eram meramente humanos.

Senhora absoluta da Europa por séculos, controlando todos os destinos, suprema em cada escola e universidade, trovejando de cada púlpito - o que é Roma hoje? Ela desperdiçou uma propriedade magnífica, sua catolicidade está em ruínas, seu império se dividiu em dois, seu prestígio diminuiu, seus mandados pouco correm fora dos países de língua neolatina, e imperfeitamente até mesmo lá.

Na divisão da Europa, que sua recusa cega à reforma causou, ela manteve o francês cético e decadente, cuja literatura popular é a mais suja conhecida por qualquer cultura (cristã?); o retrógrado espanhol; o italiano meio exausto, o polonês apático.

No momento supremo de seu destino no "século XVI, Roma, como uma virgem tola, estava dormindo; e quando ela acordou era tarde demais; quase metade da Europa, geograficamente, e muito mais da metade da Europa, progressivamente e intelectualmente, estava perdida para sempre.

Roma anatematizou o pensamento moderno, apenas para descobrir que ele fica cada vez mais forte, até que suas maldições agora no máximo provocam um sorriso de qualquer oponente sério. [p.148]

Recentemente, ela se envolveu com o halo da infalibilidade, ato que lembra as palavras de uma encantadora autora, * que diz que agora morava

"em uma casa muito mais esplêndida do que qualquer outra em que já havia habitado, *como costuma acontecer com pessoas cuja fortuna estão declinando*."

* Senhorita Mitford.

"As estrelas do Céu em seus cursos lutaram contra Sísera" (Juízes 5:20); pareceria como se as estrelas do céu estivessem lutando contra o cristianismo romano. A maré do império está fluindo rapidamente para o Ocidente e inevitavelmente tendendo a colocar o equilíbrio de poder em mãos hostis ao papado em um novo hemisfério onde todas as condições sociais, intelectuais e espirituais são adversas às reivindicações romanas.

E isso não é tudo. Na Europa, a Rússia, a mais jovem e forte das nações, e crescendo rapidamente, enfrenta Roma e nega suas reivindicações; pronto para confronta-la com suas armas favoritas de pompa e ritual e dogma e hierarquia ordenada; e com uma arma que Roma sempre temeu o *apelo à história*.

"*Como caíram os poderosos*", é um ditado que se eleva aos lábios, ao contemplarmos, sob a calma luz da história, a posição presente e o provável futuro do papado. Há algo quase patético no apelo meio melancólico do Papa pela conversão do anglo-saxão. [p.149]

É uma confissão quase audível de fracasso, de profunda apreensão, mas mal disfarçada pela suposição de infalibilidade.

As qualidades que conduziram o papado durante

a Idade Média estão rapidamente ficando desatualizadas, quando a ignorância era geral, quando a raça romana "dura como pedra" se tornava uma pedra, quando o império de seu rival no Oriente parecia escrito na água.

Podemos ver pelo menos, nossos filhos podem ver o velho ditado, "'*Dura tamen molli saxa cavantur aqua*', água mole em pedra dura, tanto bate até que fura." Podemos ver o triunfo final sobre o absolutismo e a crueldade latinista, daqueles princípios imortais que foram, e continuam a ser, a força do helenismo, pois eles têm a promessa da era por vir.

Admiti plenamente que essas páginas não contêm uma imagem acabada, mas o esboço de um grande assunto. Mas mesmo o esboço que foi dado seria imperfeito se eu não tentasse uma resposta breve a uma pergunta que um leitor inteligente certamente fará, a saber, por que essa estrutura justa do helenismo primitivo se mostrou tão evanescente? A resposta que posso dar já foi sugerida e pode ser aqui apresentada um pouco mais detalhadamente.

Como uma observação preliminar, pode ser apontado que no Helenismo há uma certa *indefinição* em comparação com seu rival. Uma ilustração disso pode ser encontrada [p.150] se compararmos o Clemente Alexandrino com Tertuliano. É em um sentido real "do espírito” ao invés de "da letra" (2º Coríntios 3:6). *Às vezes não é fácil reduzir seus ensinamentos a proposições formais*, ou estabelecer seus limites exatamente no mapa eclesiástico. Talvez neste fato esteja uma fraqueza inicial, uma das razões de seu declínio e

queda iniciais.

Mas a verdadeira causa é mais profunda. Se as falhas de Roma foram no passado uma fonte de força, muitas das excelências de sua irmã foram uma causa de fraqueza e, finalmente, de morte. O helenismo foi, de fato, nascido fora do tempo. Permaneceu em um nível impossível de ser mantido no Império Bizantino, e mantido apenas com extrema dificuldade e com a ajuda de alguns intelectos escolhidos, nos primeiros séculos, em Alexandria, em Antioquia, na Capadócia e em Cesaréia. A verdadeira dificuldade não é o desaparecimento do otimismo, na Igreja primitiva, mas sim a gênese da teologia helenística em uma *atmosfera tão suja e cruel* como a do mundo pagão nos séculos imediatamente posteriores ao nascimento de Cristo.

Com as mentes saturadas e, devo acrescentar, distorcidas pelas tradições latinas, podemos perder de vista certos fatos de grande importância. Esquecemos o significado da ascensão do movimento helenístico na teologia [p.151]; o notável esplendor e dignidade de seu pensamento; a unidade essencial não menos notável de tantos pensadores helenísticos variados, em tantas escolas variadas, em épocas variadas.

(i.) Vamos considerá-los brevemente. A Igreja nasceu em um mundo de cuja podridão moral é difícil formar uma ideia adequada. O aumento do otimismo seria maravilhoso em tal ambiente. Mas há mais a ser dito se queremos avaliar devidamente o significado de tal teologia em tal momento. Devemos lembrar que a Igreja estava

então engajada em uma luta pela vida ou pela morte com inimigos cruéis. Ora, a proclamação de que o pior inimigo da fé seria salvo, mais cedo ou mais tarde, deve ter parecido um ato de traição à Igreja. Tal proclamação pareceria estar dizendo: "Por que, se a salvação está assegurada para todos, deveria eu me tornar um cristão?" É apenas uma forte e profunda convicção de que esta mensagem de salvação expressa a própria essência do Evangelho que pode, penso eu, explicar a teologia de Alexandria. (ii.) Sejam as especulações alexandrinas verdadeiras ou falsas, a própria magnificência do templo espiritual, que homens como Clemente e Orígenes criaram em meio às tristes discórdias e desgraças da época, não pode deixar de despertar nossa simpatia. É muito sugestivo [p.152] lembrar que esta concepção maravilhosa de todo o universo espiritual em todos os lugares até os limites mais remotos do espaço com sua "escada de mundos", como o teatro da redenção, e como ligado por uma corrente de ouro ao próprio trono de Deus, seria a primeira e mais espontânea tentativa de teologia do Evangelho, (iii.) Um terceiro fato permanece. Isto, a saber, que durante séculos concepções semelhantes foram "as idéias dominantes" de todos os teólogos helenísticos. Temos de creditar não ao entusiasmo de um pensador isolado, ou mesmo de um grupo de pensadores, mas praticamente a todas as escolas helenísticas. (Isso foi dito em uma página anterior e é notado aqui apenas para tornar o argumento completo.)

Em todo o caso, penso que ficará claro que uma

teologia tão colorida pelo otimismo deve ter tido grandes e crescentes dificuldades em se manter na atmosfera moral então prevalecente, como veremos. Logo a tentação de apelar para os medos do homem tornou-se quase irresistível. A decadência do helenismo inicial foi, podemos quase dizer, inevitável. E aqueles que lêem atentamente as homilias de São Crisóstomo podem realmente observar o processo de desintegração se desenrolando, podem ver como o pregador tende continuamente a conter a maré do mal moral apelando para [p.153] terrorismo, enquanto sua forte tendência pessoal para o otimismo não é menos clara. Além disso, devemos lembrar que as forças do Helenismo estavam dispersas, sua organização mais frouxa do que a de seu rival; faltou o poder de permanência do romano, faltou a fibra latina dura. A Igreja do Oriente sofreu um "embarras de richesses" (constrangimento de riqueza); em vez de uma cidade, Roma, elevando-se acima do resto, tinha três cidades rivais: Antioquia, Alexandria e Constantinopla. Tinha muitos líderes, dos quais nenhum era absolutamente supremo como Agostinho, cuja supremacia era incontestável. Os grandes poderes de Atanásio foram absorvidos em uma única controvérsia. A fama de Orígenes foi manchada por uma calúnia; o mesmo aconteceu com o mais famoso e original dos antioquenses, Teodoro de Mopsuéstia. É como se a história da Grécia antiga, vencida por Roma, se repetisse na teologia helenística.

Descobriu-se então que, como na guerra real, um

único exército sob um único chefe geralmente é muito forte para forças mais numerosas se divididas, se mutuamente invejosas e frouxamente organizadas, a Igreja Oriental provou ser menos estável do que a Ocidental, a primeira tornou-se a última e a última a primeira.

Para esse resultado, mais uma causa contribuiu: no século quarto e nos séculos seguintes, a perspectiva para a península italiana e a Europa em geral pareciam [p.154] das mais sombrias, à medida que ondas sucessivas de barbárie se derramavam. Mas do devorador surgiu carne, do rude invasor foi lentamente desenvolvido o alemão, o francês, o inglês por mistura, por lei, por cristianização.

Os elementos em decomposição forneceram solo fértil adequado para receber o credo vigoroso, embora rígido, de Roma. E quando enfraquecido pelos vícios e destruído pelo longo cisma, quando os papas excomungaram papas rivais, o papismo não pôde resistir ao movimento reformista; restou força suficiente no cristianismo ocidental, por um lado, para reorganizar suas forças e, por outro, para dar à luz comunidades novas e vivas moldadas em vários modelos cristãos, mas latinistas no coração.

Muito diferente era o destino da Igreja Oriental. Os esplendores do século IV, os triunfos eclesiásticos daquela época, foram em grande parte ilusórios. Eles ocultaram perigos profundos, assim como a esplêndida era de Luís XIV ocultou a verdadeira fraqueza da Monarquia na França. Por trás da magnífica literatura, por trás da rápida expansão da Igreja, por trás de suas múltiplas

glórias e aparente vitalidade jaziam profundos abismos. A Igreja corria o risco de perecer por excesso de sucesso; uma massa de pagãos semicristianizados aglomerou-se em seu rebanho; o vício e o luxo fizeram seus lares [p.155] nas grandes cidades, enquanto os remédios aplicados pouco faziam além de agravar a desordem; pois o principal remédio era um ascetismo aumentado, e o ascetismo ocidental é brando e razoável em comparação com seu irmão oriental.

Com o ascetismo, veio um novo fanatismo e um terrorismo crescente. Controvérsias extravagantes e intermináveis sobre pontos altamente especulativos atraíram a mente oriental e transformaram suas energias em canais estéreis. Tendências separatistas de origem étnica se afirmaram; *intriga, suborno e falsificação* eram as armas favoritas para subjugar um rival ou propagar uma doutrina. A linhagem de grandes professores havia morrido; nenhum sucessor para os Basílios e Gregórios apareceu. Parecia que a Igreja Oriental havia exaurido seus poderes na produção de um Orígenes e um Atanásio e seus sucessores imediatos, como se uma maturidade muito precoce e esplêndida tivesse sido seguida por um declínio precoce.

Em tal vizinhança, sob tal ambiente, a velha *base helenística da teologia* foi inevitavelmente, embora em graus lentos e constantes, abandonada. Não precisamos nos surpreender que no final das contas o otimismo brilhante, que havia sido tão conspícuo no helenismo primitivo, morreu, e a Igreja Oriental *aceitou um pessimismo virtual* que *até hoje* marca

seus ensinamentos. [p.156]

E isso não é tudo. Antes da enfraquecida Igreja Oriental do quinto e sexto século, uma tarefa muito mais difícil do que a designada ao Ocidente para penetrar nos desertos áridos e estéreis estepes da Ásia era em si um vasto empreendimento, mas mesmo então sua tarefa estava apenas começando. A Igreja Oriental foi confrontada, não com as distâncias comparativamente pequenas da Europa e suas tribos rudes, mas com as vastas extensões da Ásia e com religiões antigas e altamente organizadas na Pérsia, na Índia e na China, e com o credo militante severo de Maomé no vigor da maturidade precoce.

Nem isso esgota as desvantagens da Igreja Oriental. Ela havia atribuído a ela de uma vez a tarefa mais difícil, mas de muito menor força motriz. No centro do cristianismo oriental, no lugar da vigorosa corte papal com sua unicidade de objetivo, estava o corrupto governo bizantino, uma cidade dilacerada por facções e não santificada por nenhuma memória apostólica; onde Bispos ausentes pairavam na Corte, envenenando a atmosfera com intrigas; enquanto em Alexandria, monges selvagens enxameavam dos desertos egípcios ou sírios com uma mensagem muito frequente de derramamento de sangue e um Evangelho de violência e pancadaria.

Tão baixo caiu a Igreja de Orígenes e Atanásio, a tais alianças [p.157] ela se rebaixou, podemos apropriadamente responder à pergunta do poeta latino: "Hectoris Andromache, Pyrrhine connubia servas?" (*nt)

(*nt) Frase do poema latino Eneida de Virgílio, livro iii. (Sobre um lance na guerra de Tróia. Após Heitor, marido de Andrômaca, ser morto por Aquiles, Neoptolemus (apelidado Pirros, filho de Aquiles) mata um filho de Andrômaca e Heitor e casa-se com ela. É válido este casamento? Pergunta o poeta. Parece que Andrômaca não teve escolha neste casamento e homenageou Heitor em seu túmulo até morrer de idade avançada.)

Em tal estado de coisas geralmente existente, pois não temos o direito de supor que Bizâncio seja pior do que Antioquia ou Alexandria, as armas do Islã surgiram, e o Evangelho foi quase extinto em seu primeiro lar. Assim, tentei, com que sucesso deixo meus leitores dizerem, explicar a queda da teologia helenística primitiva de seu lugar de honra.

Enquanto isso, Roma, protegida atrás da Igreja Oriental como uma muralha, perdeu apenas o Norte da África e a maior parte da Espanha (esta última temporariamente) para os braços do Islã; enquanto seu próprio zelo e devoção eram estimulados pelo esforço necessário para ganhar para seu rebanho as várias tribos teutônicas que haviam povoado a Europa. Assim aconteceu com as tempestades que abalaram Roma politicamente, fomentaram Roma eclesiasticamente e promoveram seu rápido crescimento.

Sem dúvida, a Igreja latina às vezes afundou a profundidades terríveis, mas ela sempre teve um poder de recuperação maior do que o helenístico. Melhor liderada, melhor colocada, melhor

governada, ela foi capaz de se endireitar e começar do zero. Qualquer que seja, também, nossa opinião sobre o grande movimento Escolástico, é pelo menos uma prova de duas coisas [p.158]. Prova quão vastas eram as reservas de vigor intelectual no Ocidente, e quão completamente elas foram colocadas à disposição da Igreja.

Dois nomes na história do Evangelho se apresentam, quando pensamos nas igrejas irmãs do Oriente e do Ocidente; o tipo latino ocupado, prático, lembra Martha; o helenismo mais gentil e contemplativo nos lembra Maria. É verdade que o helenismo deixou seu primeiro amor e caiu em dias ruins; até hoje o velho espírito parece quase morto em seu local de nascimento. No entanto, os gregos nunca rejeitaram formalmente o ensino que tornou Alexandria famosa, que, sob as diferenças de pensamento, foi a verdadeira inspiração de Antioquia, de Cesaréia, dos professores da Capadócia.

Eles nunca pensaram em repudiar professores como Gregório de Nyssa, ou Clemente de Alexandria, com seu otimismo franco e alegre. Eles nunca desistiram de seu passado por qualquer ato irrevogável. Portanto, se o helenismo caiu muito, ele ainda tem o futuro. "Seus pecados, que são muitos, serão perdoados, pois ela muito amou." (Lucas 7:47)

* * * *

A história se repete; em meados do século XV, quando Constantinopla caiu, houve, por assim dizer,

uma renovação da velha rivalidade entre o heleno e o latim, quando a cultura e o saber gregos mais uma vez [p.159] se refugiaram em solo latino. No início, os sucessos do neo-helenismo foram mais artísticos e intelectuais do que religiosos, mas logo sua influência passou para a teologia. O Novo Testamento tornou-se um poder, seu estudo reviveu. Os Pais Gregos foram editados; um choque silencioso e, a princípio, imperceptível, foi dado ao agustinianismo dominante na época. O helenismo, despertando de seu sono de séculos, introduziu uma nova força no pensamento europeu, um fermento cuja influência sentimos hoje.

Com ela veio uma certa sensação de liberdade tipicamente grega, de laços afrouxados, de novas atividades, novas possibilidades, novas esperanças para a humanidade; nem era possível que tal força não devesse, a longo prazo, modificar profundamente o pensamento religioso, embora seu funcionamento fosse a princípio lento e indireto.

A teologia helenística de hoje está batendo com mais força do que nunca na porta da Igreja Ocidental, e está mais do que nunca empenhada em efetuar uma entrada. É verdade que não são os helenos que estão pessoalmente liderando o ataque; são, de fato, os teutões (os ingleses e os alemães), que estão atacando a fortaleza da teologia ocidental com armas amplamente forjadas nas grandes escolas helenísticas, com doutrinas muitas vezes ridicularizadas como novidades, mas na verdade reversões para um tipo mais antigo.

A palavra Teuton é fatídica; nos primeiros séculos cristãos, as tribos teutônicas esmagaram a Roma

Imperial; no século XVI, um movimento teutônico infligiu à Roma eclesiástica uma ferida mortal. Parece que hoje estivéssemos destinados a ver o ataque renovado, como se a teologia teutônica, inspirando-se nas fontes helenísticas, estivesse destinada a liderar mais um ataque, não diretamente contra Roma, mas contra aquela tradução latina do Evangelho. do qual Cartago foi, em um sentido especial, o pai, que Roma endossou e ao qual em espírito não apenas Roma, mas todo o Ocidente se agarrou.

* * * *

Algumas palavras ao encerrar. Não sei o que sinto mais profundamente: se a necessidade de que algum livro como este seja escrito, ou a maneira imperfeita como realizei minha tarefa.

Se estas breves páginas não derem certo, então eu confio que algum campeão mais hábil será encontrado e terá sucesso em enfatizar esta grande verdade, que o latinismo em qualquer de suas formas não pode reivindicar ser a única, ou mesmo a mais antiga, tradução do Cristianismo . [p.161]

CATÓLICO, EVANGÉLICO, RACIONAL - são epítetos nobres. Por que eles devem ser sempre tão inutilmente opostos um ao outro em nossos atuais sistemas de teologia? Por que não deveríamos concordar de uma vez por todas em uni-los?

Tentei mostrar quão próxima é a conexão entre os instintos étnicos no latino e heleno e sua teologia para apontar como, de muitas maneiras, existe uma verdadeira continuidade entre os ideais pré-cristãos

e cristãos e a crença em ambos os casos. Assim, aprender a linhagem de nossos credos é, de fato, para todos os homens pensantes, uma condição necessária para qualquer compreensão verdadeira das questões religiosas da época atual.

Finalmente, para aquela grande e crescente classe que sente a impossibilidade de aceitar um credo *pessimista* como uma verdadeira tradução do Cristianismo, eu escrevi estas páginas na esperança de que um caminho de fuga seja aberto para muitos, quando souberem que existe uma versão mais ampla do Evangelho do que qualquer outra que carregue um imprimatur latino; que é possível ser católico e ortodoxo no melhor sentido e, se for o caso, universalista, rejeitando não apenas as reivindicações de Roma, mas aquela teologia dura e sem amor que a cultura latina "dura como pedra" forjou um jugo o que, se nossos pais puderam suportar, tornou-se para muitos de nós um fardo impossível.

FIM

LONDRES:
W. SPEAIGHT E FILHOS, GRÁFICAS,
FETTER LANE, B.C.

RACE AND RELIGION – Hellenistic Theology: Its Place in Christian Thought. BY THOMAS ALLIN, D.D.
JAMES CLARKE & CO. & 14, FLEET STREET.
Ano da publicação: 1899
Tradução para o português por Maxwell Granatto Borges,

DO MESMO AUTOR:

UNIVERSALISMO AFIRMADO
COMO A ESPERANÇA DO EVANGELHO. 6ª Edição.
Com prefácio de Edna Lyall.

A seguinte carta, totalmente não solicitada, foi endereçada pelo Cônego Wilberforce ao autor:

O DEANERY, SOUTHAMPTON,
6 DE AGOSTO DE 1890.

Meu caro senhor,

"Estou profundamente grato a você por seu nobre livro, 'Universalismo Afirmado'. Tenho uma grande dívida para com ele, não apenas pela inspiração, mas até mesmo pelos próprios pensamentos, em alguns casos, dos dois sermões incluídos. É o melhor compêndio da gloriosa verdade dos tempos modernos.
"Que nosso Pai continue a enviá-lo para vindicar Seu caráter contra a calúnia dos ateus, por um lado, e dos convencionalistas, por outro.

Seu, fielmente, & e.,

BASIL WILBERFORCE. "

Surgiram edições do livro em japonês e em sueco.

"Certamente um livro completo, interessante e vigoroso. Elogiamo-lo calorosamente. " *Literary World*.
"Um compêndio magistral de fatos e argumentos. - Punição Eterna." G. F. Aked.
"O mais hábil livro universalista de autoria inglesa."
Líder Cristão (Boston, U.S.A).
"O livro mais valioso até agora produzido neste lado do Atlântico em defesa da antiga fé da Igreja Cristã."
The Universalist (Chicago, EUA}.
"A mais hábil e convincente afirmação de Universalismo que já encontramos." *Palavras de Reconciliação*.
"Agradeço de coração por seu livro realmente magnífico. O raciocínio é perfeito e convincente. A evidência patrística é admiravelmente justa, não apenas os textos das Escrituras. O trabalho todo é um ato nobre, por assim dizer. Passará por muitas edições e cumprirá o seu propósito. O estilo é admiravelmente adaptado ao seu propósito." (Do falecido Rev. Archer Gurney.)
"Um volume notável que deve atrair atenção"
Gazeta Eclesiástica Irandesa.